

FEVEREIRO, 1923

NUMERO 86

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO
MONTEIRO LOBATO

REDATOR

SECRETARIO:
JULIO CESAR DA SILVA.

ANNO VIII - VOLUME XXII

S U M M A R I O

O MOMENTO	P. P.	97
LUIZ PEREIRA BARRETO	100
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS	Afranio Peixoto	102
O MEDO DA MORTE	Heitor Maurano	111
O DESPIQUE	Monteiro Lobato	116
NO LARANJAL	Luiz Gonzaga Fleury	122
O ASSUCAR	M. Said Ali	131
CRÓNICA DE ARTE	Mario de Andrade	136
SACY PERERÊ	Ildefonso Falcão	141
PEQUENOS PSALMOS	Osvaldo Orico	143
O EXERCITO RUSSO SOB O REGIMENTO DOS SOVIETS	C. Torres Guimarães	145
BIBLIOGRAPHIA	150
NOTAS DO EXTERIOR	154
RESENHA DO MEZ	160
DEBATES E PESQUIZAS	180
CURIOSIDADES	183
AS CARICATURAS DO MEZ	189

REVISTA DO BRASIL. — RUA DOS GUSMÕES, 70 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000 EXTRANGEIRO — 25\$000 NUMERO AVULSO — 1\$800
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: Snr. JULIO CESAR DA SILVA

B I O T O N I C O **F O N T O U R A**

Fortificante poderoso

EFFICAZ EM AMBOS OS SEXOS

E EM TODAS AS EDADES ::

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
NA EXPOSIÇÃO DE HYGIENE DO CON-
— GRESSO MEDICO BRASILEIRO —

Fabricado exclusivamente nos grandes laboratorios do

Instituto “Medicamenta”
FONTOURA, SERPE & C. - S. Paulo

Byington & Cia.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS

VENTILADORES

PARA RAIO

FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 12 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mfg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Telephone, 745 - Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA No. 4

Para crianças

não ha melhor presente ás creanças que os livros que Monteiro Lobato & Cia. acabam de editar:

“NARIZINHO ARREBITADO”, 2. ^a edição do album ilustrado a cores	3\$500
“NARIZINHO ARREBITADO”, edição escolar	2\$500
“O MARQUEZ DE RABICÓ”, album agora lançado, com desenhos coloridos de Voltolino	2\$000
“O SACY”, album que foi o successo do ultimo Natal	2\$500
“FABULAS DE NARIZINHO”, album com desenhos em sombra	3\$000
“FABULAS”, edição escolar, muito augmentada, com desenhos em sombra	2\$500

Pedidos a MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}
Rua dos Gusmões, 70 — S. PAULO

ACCEITAM-SE

desde já pedidos dos seguintes livros, que Monteiro Lobato & Cia. têm no prelo:

Cartilha de Alphabetização, Ensino de Francez pelo methodo analytico e Livro de Problemas para o ensino Primario e Medio, pelo prof. Benedicto TOLOSA ; obras ha tanto esperadas do conhecido technico que o governo de S. Paulo commissionou para a diffusão em suas escolas dos modernos methodos de ensino;

Saudade, pelo prof. Thales de Andrade, livro adoptado oficialmente nas escolas de S. Paulo, Paraná e Ceará e que, alem de receber as mais encomiasticas referencias de quantos se interessam no Brasil pelas coisas do ensino, mereceu, em 1919, um premio do governo paulista.

Dirijam-se a MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}
Rua dos Gusmões, 70 — S. PAULO

DOE ? GELOL !!

CURA qualquer DOR
NEVRALGICA ou
RHEUMATICA
em pouco tempo.

TUBO 2\$500

INFLUENZA
CONSTIPACAO E GRIPPE

Aborta-se e cura-se com o

SALKINOL

Tendo tosse, use o nº 2

Não tendo, use o nº 1



SABONETE =PACAEMBÚ=

Rivalisa com o
melhor de qualquer
procedencia. ~ ~ ~
Acondicionado em
elegantes caixas ~
caixas metálicas de tres
sabonetes.

AS SENHORAS
Durante e depois da GRAVIDEZ devem usar
a
GRavidina
FORMULA
DE ALFREDO ZÜQUIM
Previne e evita os accidentes da GRAVIDEZ.
VIDRO 3\$000



Auto — Geral



Accessorios em ge-
ral para toda clas-
se de automoveis.

Attende-se pedidos do interior com a
: : maxima promptidão : :

AUTO - GERAL

R. Barão de Itapetininga, 17

CAIXA POSTAL N. 284

TELEPHONE 4906 e 5769 Cidade

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "AUTO - GERAL"

S. PAULO

OPINIÃO DE TRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. Bertarelli

Prof. Rubião Meira

Prof. Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestável do

Guaraná Espumante (Zanotta)

Diz o Prof. E. Bertarelli:

O GUARANA' ESPUMANTE é uma deliciosa bebida sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saude, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausencia absoluta de FORMIATOS, de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE preferido ás bebidas que contêm aquellas substancias prejudiciaes.

São Paulo, 1.^o de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira:

"Atesto que o GUARANA' ESPUMANTE é bebida de valor altamente therapeutico, agradavel ao gosto, sem alcool, e deve ser utilizado por TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, sem inconvenientes.

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIAO MEIRA

Diz o Prof. Miguel Couto:

O GUARANA' ESPUMANTE, formula do meu sabio collega dr. Luiz Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de alcool, agradavel ao paladar, aperitiva e tonica; aconselhavel, pois, por estas qualidades.

MIGUEL COUTO

"Revista da America Latina"

PUBLICA estudos de escriptores, sabios e homens politicos franceses, hispano-americanos e brasileiros, sobre a America latina e suas relações com a França; dá traducções de romances, contos, novellas, poemas e ensaios de escriptores da America latina.

Suas chronicas numerosas e variadas resumem a vida intellectual, artistica, economica e social de todo o continente latino da America.

**Director: Ernest Martinenche
Charles Lesca**

Redactor-chefe: Ventura Garcia Calderon

Principaes collaboradores :

Mmes. Collete, Gérard d'Houville, Mathieu de Noailles et Rauchilde. Mgr. Baudrillat, MM. Maurice Barrès, Paul Bourget, Maurice Donnay, Henri de Regnier, da Academia Franceza, Coelho Netto, Graça Aranha, Luiz Guimarães, Magalhães de Azeredo, da Academia Brasileira, Marius André, Antoine, Paul Appell, Jacques Bainville, Jean Aubry, Hugo Barbegalata, F. L. de la Barra, Julien Benda, Luis Bertrand, Henri Bidou, Dominique Braga, Docteur Capitan, Armando Chirveches, Pedro Emilio Coll, Max Daireaux, Amiral Degouy, Pierre Denis, Luiz Delluc, Georges Dumas, Georges Duhamel, Goffredo d'Escragnolle Taunay, Affonso d'Escragnolle Taunay, Engel de Estrada, Claude Farrière, Paul Fort, Francisco Garcia Calderon, Fed. Garcia Godoy, André Gide, Gomez de la Serna, Georges Herelle de Homem Christo, Juan de Ibarborou, Lugné Poe, Leopoldo Lugenes, Charles Maurras, Camille Mauclair, Francis de Miomandre, Gabriella Mistral, E. Ortiz Echague, Jean Peres, Edmond Pilon, Docteur Ramond, Affonso Reyes, Carlos Reyles, Jules Romains, J. H. Rosny, Rainé, Goffredo Telles, André Salmon, Albert Thibaudet, André Weiss, Gonzalo Zalumbide, A. Zerega Fambona, Cesar Zumeta, etc., etc.

Assignaturas para o estrangeiro :
Anno 42 frs. - Semestre 22 frs.

Redacção e Administração :

Rue Scribe, 2 - PARIS - (França)

N. 86

Fevereiro 1923

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

REDATOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA.

O MOMENTO

... é dos mais angustiosos para a historia da humanidade. O velho edificio da civilização europea ameaça ruir com um fragor de catastrophe. Notre Dame de la Haine, cuja capella Renan descobriu num remoto confim da sua rude Bretanha, é hoje a padroeira dos povos cultos da Europa. Nunca em países civilizados andaram tão soltos e assanhados os maus instintos do animal-homem, e para polos talvez de acordo no desastre final, já se ouve nos velhos caminhos das primitivas invasões o tropel do exercito vermelho do bolchevismo...

A data de 4 de Janeiro deste anno, em que a França invadiu Rhur, vae sem duvida abrir para o mundo uma nova éra de perigos e ameaças, de perturbações de toda ordem, como as que já assignalam o dia sinistro da proclamação da guerra em 1914, e a noite de Novembro em que foi assignado o armisti-

cio de Foch. E' mais um salto no desconhecido, e quem sabe si o primeiro signal da destruição de um mundo, da queda do Occidente, como a imagina o spenglerismo de que nos falla João Ribeiro, e que se prepara sob os olhos rapaces do internacionalismo judeo?

Não é mais brilhante nem mais animador o espectáculo que apresenta o Brasil neste quadro impressionante. Ha oito meses que está proclamado na Capital do paiz e no Estado do Rio o estado de sitio e decretada com desusado rigor a censura da imprensa — medidas extremas e gravíssimas a que ainda não recorreram os paizes mais perturbados da Europa atrasada. Povos conflagrados, territorios ocupados por exercitos estrangeiros, Capitaes em que nas ruas se luta por um pedaço de pão: a guerra, a miseria, o odio dos homens e das raças, as mais sangrentas revoluções, todo esse frenesi da actividade humana, amparado e contido na normalidade das leis essenciaes e soberanas, que protegem e defendem a vida e a liberdade dos homens civilizados. Desleixo e loucura desses governos imprevidentes, ou sabedoria e prudencia do nosso?

A solução desse mysterio só é conhecida nos salões do Ministerio da Justiça ou no Gabinete do chefe de policia do Rio. Fechado o parlamento, emmudecida a imprensa, abafado o boato pela espionagem vigilante, só perturbam a paz e a tranquilidade da Capital os bombos do Carnaval: ha como que uma parada no coração do paiz...

E para mais complicar o estranho caso, essas leis de excepción, adoptadas com tama-

nho rigor na Capital e no Estado do Rio, não attingem o unico ponto do nosso territorio em que se batem homens armados, em franca guerra civil. Na illha de Barataria, e no "mar proceloso" da sua politica, alli tambem governar não era "outra cosa sino un golfo profundo de confusiones"...

No claro-escuro desta sombria descrição, S. Paulo dá a nota luminosa e alegre de seu descuidoso optimismo.

O café, em bom papel das nossas emissões inconversiveis, está a perto de 40\$000 a arroba. O sr. Ministro da Fazenda prometeu-nos solemnemente para este anno a venda da nossa safra por 50 milhões esterlinos, isto é, cerca de 2 e meio milhões de contos, convertida a libra ao amavel cambio de 6 dinheiros.

Que mais poderemos desejar para ver a vida em todo o seu encanto, ainda mais saborosa pela desgraça dos outros e pela miseria do mundo?

Aqui estamos acampados no nosso vastissimo territorio paulista cerca de 4 milhões de homens, protegidos pelo mais feroz individualismo e quasi sem nenhuma solidariedade affectiva ou social, alem da confraternização do lucro e do dinheiro. Nessa massa gregaria e pacifica, reinam a felicidade, o socego e o contentamento; até aqui não chega o som grave da trovoada que se approxima.

S. Paulo cultiva o seu jardim.

P. P.



LUIZ PEREIRA BARRETO

DURANTE longos annos gosou S. Paulo do privilegio de ter em seu seio um homem verdadeiramente superior. Sabido mais ampla envergadura, Luiz Pereira Barreto valia pela suprema instancia das nossas questões scientificas. Jamais se agitou problema em que não pesasse na solução a logica do seu raciocinio.

Idealista, nelle hauriamos a plenos pulmões o divino sopro da ansia pelo melhor. E, crestados cada vez mais que vamos pelo utilitarismo immediato, sabemos todos o valor desse oxygenio.

Paladino, ninguem com maior ardor pulava á arena se perclitavam as causas generosas. Todos nos lembrâmos do furor sagrado de sua penna no triste caso Longaretti.

Cirurgião notabilissimo, nenhum collega digno deste nome, jamais dispensou seu parecer nos casos novos ou de dura difficultade. E não tem conta o numero de creaturas que sua arte arrancou á morte.

Ampelographo de genio, toda uma grande cultura nasceu por um golpe de sua vara magica, e evoluiu, ás seguras, sob a orientação carinhosa do creador. E longe d'aqui, nas mais velhas zonas viticolas da Europa, quanto se fez orientado pelo seu pensamento!

Zootechnista de olhar penetrante, ninguem devassou com maior clareza o nosso futuro pecuario. E ninguem, um contra todos, combateu com mais ardor as illusorias soluções momentaneas da rotina vesga.

Jornalista, quem como elle arrastou mais, seduziu mais, convenceu mais, por força da gentil alliance da logica e do estylo? Ainda neste pormenor fica Luiz Barreto como o nosso modelo maximo.

Gosou assim Luiz Pereira Barreto, em nosso paiz, o alto posto de honra a que raros homens attingem por promoção emanada do consenso unanime. Foi um generalissimo da nossa mentalidade — o que nos redimiu de outros, grotescos, creados por decreto... Foi um momento da nossa consciencia.

E como durante cincoenta annos exerceu com brilho sem par esse posto de honra — despótico se a paixão o empolgava, suassorio, se a frio — durante cincoenta annos S. Paulo descancou fiado em suas altas sentenças.

Nenhuma questão de vulto se agitou nesse interregno sem que a fechasse o parecer do sabio que ao rigor da sciencia reunia os fulgores da arte — e que nunca deixou de sobrepor a ambas, arte e sciencia, o pallio do humano. E como foi assim, sua morte soou para nós, não como a morte de um sabio apenas, não como o desapparecimento de um artista, sim como a suppressão de algo superior e insubstituivel, bandeira que tomba na refrega, pharol que se apaga em noite de vendaval, estrella norteadora cujo ex-solver-se espalha fundo negror nos céos.

A "Revista do Brasil" rende nestas palavras a homenagem devida a um dos seus primitivos directores.



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

*Discurso proferido pelo Presidente, sr. Afranio Peixoto, na sessão
de 11 de janeiro de 1923*

SE ainda estivessem por se definir, as Academias poderiam dizer-se templos da memoria. Não tanto no sentido estreito do vulgo, mas no daquelle adoravel symbolismo grego que fez, de Mnemosyné, a mãi das Musas... De facto, toda a vida espiritual é e vem da memoria, memoria que não é só consciencia do passado, mas chega até a noçao do presente, se é que esse, no dizer de Bergson, não é apenas a ponta extrema do passado... E nem o futuro escapará á memoria, pois que ella trabalha para elle, promessa de memoria, pois que a immortalidade, disse outro philosopho-poeta, Maeterlinck, é sómente a eterna lembrança... Viver, subjectivamente, portanto realmente, é lembrar e é sentir, pensar, trabalhar para ser lembrado. Nós vivemos pois dessa sublime illusão, inconsciente na infinita maioria dos viventes, mas a que a finalidade das Academias nos conduz a pensar, de tempos em tempos... Uma vez por semana, pelo menos, officiamos á memoria.

O nosso culto começado numa devoção á lingua materna, a expressão da alma de nossos maiores, corporizou-se na figura dos nossos grandes homens, alguns assíduos á nossa companhia, os nossos patronos, mas está a demandar uma liturgia, a que nossa juventude — vinte e seis annos apenas! — ainda não deu tempo. Houve mesmo um de vós, que tem sensibilidade de poeta a invejar

os que fazem poemas, entretanto um dos nossos sabios, que se confessou quasi desilludido na nossa companhia, tanto nos occupavamos só dos bens objectivos, elle que nos quizera só dedicados ao nosso culto espiritual...

Podemos emfim, passada a turbulencia da primeira mocidade, podemos ir cuidando em dar ao nosso dever uma carta de guia, que é como um programma de vida subjectiva. O que vos fala não tem autoridade para isso, mas por delegação vossa, e cumprindo a nossa lei, vos vem lembrar o exposto naquelle art. 10, letra *f*, do Regimento que acaba de vos ser distribuido: "a exposição justificativa dos trabalhos da Academia".

Não teremos mais tantas sessões destinadas a interesses, já salvaguardados. Como, porém, não devem os academicos desinteressar-se desse quotidiano, tão digno de ser cuidado, entendeu a vossa directoria, vossa commissão maior, commissão administrativa, do que decidir, de sua alçada, deixar translado numa acta sucinta em livro especial, que fica á vossa disposição, entregue á guarda do auxiliar da thesouraria do qual o podeis reclamar. Poderéis assim vos inteirar de tudo o que for decidido em directoria, e obter todas as explicações, com o conhecimento de causa, serão pertinentes, e bem recebidas, pois não esquecemos, nós vossos mandatarios, que somos vossos delegados, individual e collectivamente.

Tranquillos desse cuidado, todo o tempo nos ha de sobrar para as occupações de nosso officio, que me permittireis expôr-vos. Além dos dias menores temos, neste anno, grandes datas a comemorar, e não devemos deixa-los passar sem uma celebração digna.

Occorre a 28 de fevereiro o cincoentenario da morte de Joaquim Caetano, patrono da cadeira, ora vaga, em que se assentou aqui D. Silverio Gomes Pimenta; a 7 de abril virá o tricentenario de Gregorio de Mattos, patrono da cadeira que detem o sr. Felix Pacheco; a 10 de Agosto chegará o centenario de Gonçalves Dias, que preside ao assento entre nós do sr. Amadeu Amaral; finalmente, a 11 de setembro será o centenario de Hippolyto da Costa, cujo lugar é ocupado pelo sr. Osorio Duque Estrada.

Não vos lembrarei os vossos deveres. A Academia espera uma celebração condigna, literaria e erudita, sobre a vida e a obra desses nossos maiores, pois que a occasião se offerece, e prefere que

voluntariamente se inscrevam nossos confrades para essas orações, a designar, este ou aquelle, sem talvez felicidade, pois que ha questão de gosto e de possibilidade a considerar... Entretanto, como nada excellente se faz sem tempo e ainda menos á altura dos creditos de todos vós, vossa direcção, com muito empenho, vos pede considereis nisso, desde já.

Começou este anno, e proseguirá, o grande serviço publico de propaganda nacional, com que a Academia quiz commemorar o nosso Centenario Politico. A 8 deste mez e, daqui por diante, todas as segundas-feiras, ás tres horas, o sr. professor George Le Gentil inaugurou e continuará o curso de Literatura Brasileira, cadeira que na Faculdade de Letras da Universidade de Paris mantem, de accôrdo com os Governos Francez e Portuguez, esta Academia. O curso deste anno, para interessar a Francezes e ao mesmo tempo referir-se ao grande acontecimento nacional, versará sobre as nossas relações espirituais com a França, desde os primordios coloniaes até a independencia intellectual com a nossa metropole, adoptando o romantismo francez, cujo exotismo, desde Marmontel com OS INCAS, até Chateaubriand com OS NATCHÉZ, teve raizes americanas. Tambem os nossos romanticos volveram suas preferencias para o selvagem brasileiro, romantizado em heróes e cavalheiros, Pery ou Y-Juca-Pirama, com o que a literatura serviu á reacção nacionalista que, depois da independencia politica, procurava uma autonomia effectiva contra os reinões que nos dominavam e, diziam, ainda têm influencia decisiva na nossa economia nacional. O sr. Le Gentil começará o seu curso falando da curiosidade e do interesse francez pelo Brasil, desde os primeiros navegantes "maires" para as Indias, que elles tinham por contrarios aos seus dominadores os "perós" ou portuguezes; da visita dos selvagens á corte da Paris, onde Montaigne os viu na festa de Ruão; até a França equinocial, a França antartica, de Villegaignon e depois de La Ravardiére, que nos deu quatro dos grandes livros coloniaes, de Thevet e Levry, Claude d'Abbéville e Yves d'Evreux... até Duclerc, du Guay Trouin, até a missão artistica de 1808, de La Breton, Taunnay, Grandjean de Montigny, Pradiez... até a influencia simplesmente espiritual, mas não menos forte e decisiva, que nos fez, em 1916 alistarmos entre os aliados que corriam o risco e a sorte da França. De Durão e Basilio da Gama a Alencar e Gonçalves Dias, o sr. Le Gentil terá no indianismo um estudo interessantissimo, em que o classicismo épico europeu já procura a paisagem americana e o romantismo dramatico francez consegue dar ao bronco selvagem brasileiro, talvez, na hierarchia

sociologica, um dos ultimos povos da terra, aspectos heroicos e dignos, assomos de indocilidade á servidão e de amor á independencia, que se cristalizariam nas epopeas e romances nativistas de Gonçalves Magalhães, José de Alencar e Gonçalves Dias.

Depois deste curso, para os annos consecutivos, virão estudos de literatura regional, sertanista, da epopéa das bandeiras á epopéa de penetração contemporanea, pela literatura scientifica e pela literatura de ficção, de Euclides da Cunha a Affonso Arinos; depois será a vez da poetica nacional, épica á lusitana, arcadica e neo-classica á romana, romantica á franceza, parnasiana e symbolista ainda segundo a moda de Paris, mas que tacteia uma independencia e uma originalidade, já alcançada por alguns grandes artistas que lograram ser apenas brasileiros. Este curso methodizado, systematizado, dará talvez livros de critica que serão publicados na lingua original, com os quaes o mundo terá uma noção dos valores nacionaes, até agora a elle defezos, pela ignorancia do nosso secreto idioma.

Logo que as nossas possibilidades permittam outro curso já se nos offerece, em inglez, em Universidade britanica, com o que falaremos a outro pedaço do mundo, que nos ignora tambem: estou que serviços como este farão a nossa Academia bem merecer da Patria, a quem presta o auxilio da melhor das propagandas, a espiritual.

O nosso archivo não merece, até agora, este nome por força de um impulso creador, que até agora lhe mingoou. O nosso confrade sr. Felix Pacheco quiz associar-se a nossa direcção para o fito preciso de ser esta força activa, mas nem por nos privarem de sua companhia as funcções publicas de tanto relevo que lhe cabem, sua idéa deixará de ter agora a mais effusiva aceitação. A literatura, todos o sabemos, é a imagem intellectual de momentos historicos que acham uma voz immorredoira, para o futuro: nesse designio parte magna constituem della as memorias, as cartas, os documentos escriptos, de todo o genero, com o que fidelissimamente se evocam epochas e personalidades, ou se cotejam depoimentos e se rectificam testemunhos, que a historia official seria só incapaz de comprovar.

Ora, os Brasileiros ainda não escrevem memorias e costumam não dar apreço ás cartas. Tem sido milagre, de tão raro, quando os nossos illustres confrades do Instituto Historico conseguem alcançar os archivos de grandes politicos, doados assim á posteridade. Pois bem, vamos com o auxilio prestimoso dos nossos con-

frades, e de todos os que possuirem cartas e outros escriptos dos nossos escriptores, vamos fazer o nosso arquivo e num dia proximo poderemos ir publicando o que importar de interesse historico e literario, de José de Alencar ou Castro Alves, de Euclides da Cunha ou Escragnolle Taunay, de Joaquim Nabuco ou Machado de Assis, com o que prestaremos um assinalado serviço ás letras.

A Academia annuncia desde hoje que receberá com agrado e reconhecimento todos os originaes ou, em falta, copia autentica de todos os papeis, ora em poder de particulares, e que lhe queiram confiar generosos doadores. Esses papeis ficarão assim poupados ao olvido e talvez falem dos seus destinatarios, tanto quanto de seus autores. A Academia lembra aos detentores dessas preciosidades que escriptos de um grande homem não pertencem ao detentor provisorio dessas reliquias. Assim o comprehendeu uma digna matrona, tambem artista, Cosina Listz quando, consultada por uma rival, Mathilde Wasendonck, sobre a publicidade das cartas de amor de Richard Wagner, respondeu que tudo o que pensou e escreveu um homem de genio, pertence á posteridade. Graças a isso melhor se comprehenderá hoje a genese de *Tristan e Iseult*.

No Brasil pertencem aos collecionadores de autographos, e por morte delles ao fogo dos papeis velhos que lhes reservam os seus herdeiros, sem piedade a tudo o que lhes occupa lugar util nas arcas e armarios, de melhor destino. E' isto que se vae perder que a Academia pede aos seus socios, aos seus amigos, a quantos entendam servir assim á historiographia, ás memorias, á epistolographia nacionaes.

A nossa bibliographia é escassa, embora todo o empenho posto em faze-la prospera. No Brasil as cartas não têm resposta, ainda sendo o interesse o dos destinatarios. Milhares de pedidos caem na indifferença ou no esquecimento. Ainda os de casa não responderam ao questionario bibliographico, proposto. Apenas tres, em mais de quarenta academicos supplicados, responderam com a propria bibliographia, para o nosso futuro diccionario: posso sem vexame dizer isto daqui, porque estou naquelle pobre trindade...

Uma vez que não vêm até nós esses dados indispensaveis, vamos este anno tentar ir a elles, fazendo um inquerito, até impertinente, se possivel, junto dos editores, de todos os pontos do Brasil, pois que a unidade nacional parece apenas politica, tanta escriptores regionaes, do Amazonas ao Rio Grande, nos são desconhecidos, nem sempre por culpa nossa... A' Biblioteca Nacional, onde o interesse ou o dever levariam os livros a registro, para os direitos literarios, até essa se queixa, e dos nossos autores mais afamados, e do Rio... Ha que ensinar o culto da memoria aos nossos homens de letras, que tanto desdenham a posteridade.

O nosso diccionario de brasileirismos será ultimado este anno, e, nelle, impresso. E' uma consolidação, isto é, um resumo de todas as palavras e expressões regionaes, colhidas no maior numero de vocabularios publicados, todos quantos podemos conseguir, e ainda em varias obras que appensas trazem notas lexicographicas, como vae sendo habitual entre nós. Todos esses termos e locuções deviam ser abonados pelo uso dos escriptores nacionaes, mas o trabalho distribuido pelos nossos confrades nem sempre teve execução nem seguimento. José Verissimo, Souza Bandeira, Raymundo Corrêa... entre os passados; Mario de Alencar, Luiz Guimaraes, João Ribeiro, Rodrigo Octavio, Humberto de Campos, Osorio Duque Estrada, Afranio Peixoto... entre os presentes, concorreram com essas achegas. Ellas são insufficientes para a exemplificação desejada, entendendo a commissão de lexicographia ler e fazer ler todos os bons documentos nacionaes, desde os primeiros, para a colheita desses exemplares mais indispensaveis. Ainda assim, o nosso diccionario seria incompletissimo, se sómente déssemos acolhida aos termos abonados por citação idonea, ou correríamos o risco de jamais o publicar, se houvessemos de esperar pelas abonações que nos devem fornecer os nossos confrades. Uma primeira edição de trabalho deste jaez é sempre como uma prova para o publico, que passa a collaborar, na critica e nas contribuições, de sorte que, esperamos, desse trabalho, venhamos a ter perfeitas e melhores apresentações, nas edições successivas.

Elle nos preparará para o diccionario da lingua, que é tambem obrigaçao que a nós nos impozemos. Ahi nos deve valer a experientia dos que nos precederam. Reimprimir o melhor dos nossos diccionarios, o de Moraes, na segunda edição em que ficou, parece empreza apenas de livraria, para occorrer á raridade da obra no mercado. O accrescentamento ao que lhe falta ou a emenda do que reclama, se não fosse ou não for asizada, e por autoridade, correria o risco da mesma pecha das edições ditas 3.^a a 7.^a, inquinadas de tanto defeito.

Talvez possa aquella segunda edição nos servir de base ou ponto de partida, pois que o diz a autoridade de Camillo, para "as usanças classicas, é o Moraes o nosso melhor guia". A parte etymologica seria toda a rever, contribuindo o de Constancio, que mereceu o elogio, neste quanto, do mesmo Camillo, principalmente o de Adolpho Coelho, autoridade de peso neste departamento.

Seria ampliada a parte de exemplos, com o de Frei Domingos Vieira, na literatura archaica, ou no chamado de Aulete, nas letras contemporaneas, pois um diccionario sem exemplos não chega a

ser um museu ou uma exposição de vocabulos, senão um frio inventario que informa das riquezas da lingua, mas não as faz aproveitar. E' o defeito do mais rico dos nossos vocabularios, o de Figueiredo, na sua 3.^a edição, em que chegou a averbar mais de 130.000 palavras, alem do dobro de qualquer outro dos nossos, mas a que faltam exemplos para guiar no emprego duvidoso das palavras, principalmente das formas verbaes.

Talvez que o diccionario, ora em elaboração, que nos promette o grupo de eruditos portuguezes — dr. José Maria Rodrigues, José Leite de Vasconcellos, Vianna da Motta, Aquilino Ribeiro... sob a direcção do dr. Proença, da Bibliotheca Nacional de Lisboa, consiga dar esse grande passo de um verdadeiro diccionario, rico de vozes e de exemplos.

Não impede isso que começemos nós o nosso, pois que temos tempo para o acabar. O methodo de Littré parece que deve ser adoptado e lembrado: elle começará por ser seguido inventariando os mais antigos documentos escriptos da lingua, despostados após leitura systematica dos seus exemplos, que irão sendo dispostos nas palavras respectivas: não sómente assim teremos a usança classica mais recuada e mais perto da origem, como temos a semantica, através do tempo, até a idade contemporanea... e só assim os archaismos, para memoria, até os neologismos, para conhecimento, se encontrarão completos, na mesma obra.

A vossa direcção entendeu comprar, de acordo com a vossa vontade expressa, o nosso primeiro fundo literario para isso, adquirindo velhos livros de Heraclito Graça, e espera do nosso Bibliothecario, e até das dadivas de todos vós, o agrupamento desses antiquados testemunhos de nosso falar lusitano. Em todo caso, já podemos ir pensando nisto, missão primordial de nossa mesma existencia.

O cultivo da lingua não prescinde da cultura literária, e nesta se incluem todas as variedades de cultura humana, ás quaes todas será sensivel a Academia Brasileira. A vossa direcção pensou, pois, em começar este mesmo anno a pensar nisto, e ao realizar, com as publicações do nosso patrimonio espiritual, que cumpre não só tornar accessíveis ao povo brasileiro, como honra-lo devidamente, extrahindo-o do silencio esquecido dos livros que ninguem procura, ou até das linguagens estranhas inaccessíveis ao vulgar.

A Academia ainda vos recorda, se é tradição, como museu, tambem deve ser educação, como escola: "academia" resume estas funcções parelhas. Tristeza e vergonha devia ser pensar que

hoje em dia se procurará em vão nas livrarias, e muita vez até nas bibliothecas, os nossos primeiros livros, de um passado apenas de dois a tres seculos, e se não acharão, ainda com empenho. Quem de nós viu sequer, ou ainda leu, a "Prosopopéa", de Bento Teixeira, ou os "Dialogos das grandezas do Brasil", os nossos primeiros marcos literarios? Devem ser contados, ainda aqui, numa Academia de Letras. Imaginai lá fóra. A razão será que estas obras, não publicados com diffusão, nem ainda menos com sistema, serão apenas de alcance dos rares eruditos que as saibam procurar onde se acham e tenham, de sobra, o desfastio de as ler.

A vossa direcção pensou, pois, este anno mesmo, em começar a publicação de duas series de obras raras e preciosas, postas ao alcance do publico, enriquecidas de introducção bibliographica, e de notas elucidativas, das quaes serão encarregados os nossos confrades que tiverem pendor por esse genero de estudos e ainda aquelles sabios e letrados de fóra que, designados por nós, acudirem ao nosso appello. Convém lembrar que a Academia não se presume mais que um estado maior da cultura nacional, mas que a victoria dessa cultura deve ser conseguida tambem com o grosso do exercito, que não está aqui. Innumeros especialistas, insubstituiveis, fazem parte desse quadragesimo primeiro lugar da Academia, o mais numeroso e o mais rico dos postos academicos...

Serão as duas series: serie literaria, propriamente, e serie de estudos brasileiros, que compreendem a historia, a geographia, a etnographia, a sociologia, isto é, o estudo do Brasil e dos Brasileiros, de que a literatura nacional é apenas a fina flor intellectual. Numa teremos, este anno, as "primeiras letras"; a "Prosopopéa" de Bento Teixeira; os "Dialogos das Grandezas do Brasil", a "Ilha da Maré" e a "Musica do Parnaso", de Botelho de Oliveira; principalmente — a "Obra completa", de Gregorio de Mattos, a maior e mais rica mésse ainda inedita, com o que prestaremos assinalado serviço á literatura patria, honrando no seu terceiro centenario o genio do nosso poeta colonial.

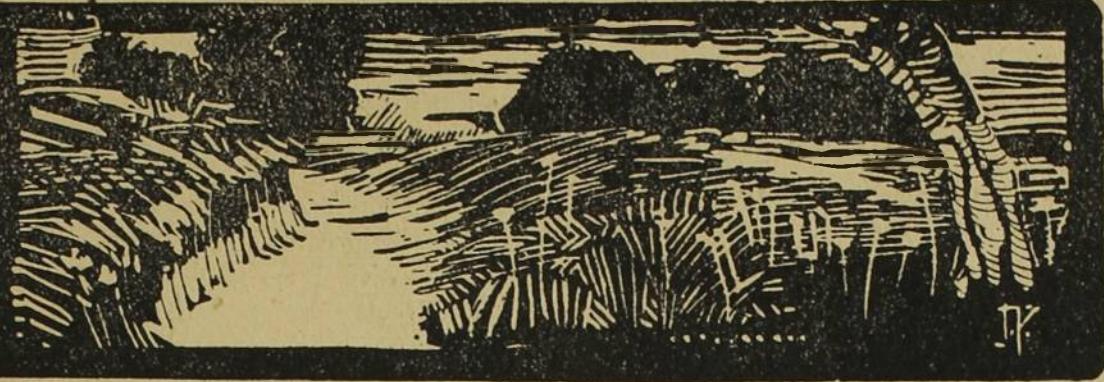
Na outra serie, teremos os "Primeiros Documentos"; "Diario" de Pero Lopes e Hans Staden divulgado; Gandavo completo nos seus dois tratados; Cardim complexivo nas suas tres memorias... e, depois destes, outros e outros, documentos indispensaveis á cultura nacional.

Já contei algures como ficara corrido de vergonha diante de um sabio estrangeiro que me pedia indicação da livraria onde se podesse prover das obras de José Bonifacio, o sabio que ha um seculo nos deu a liberdade politica e que, no seu tempo, a Europa reverenciou como grande homem, e ainda é, até agora, o maior dos brasileiros... Não havia em lugar nenhum, e ainda as biblio-

thecas mais providas, a Nacional mesmo, de que justamente nos ufanamos, apenas possuia alguns salteados folhetos...

Que dizer da nossa incuria e ingratidão diante desses sabios e viajantes que nos estudaram, observaram, aconselharam, e cujas obras nem sequer lemos, ou traduzimos, para as honrar, e nellas aprendermos, Humboldt ou La Condamine, Lindley ou Mawe, Principe de Wied ou Eschevege, Leihold ou Saint-Hilaire, Caldeleugh ou Spix-Martius, Pohl ou Burmeister, D'Orbigny ou Adalberto da Prussia, de Castelnau ou Wallace, Maximiliano de Habsburgo ou Carlos Darwin, Bates ou Avé-Lallament, Mansfield ou Reybaud, Tschudi ou Retcliffe, Keller ou Smith, von den Stein ou Koch-Greünberg... e tantos outros, cujas obras são inapreciavel repositorio de conhecimentos preciosos, observações, factos, reparos, avisos que nos interessam á cultura e á civilisação? Não se dirá, se realizarmos, daqui a alguns annos, este vasto programma, que só isto não dê á Academia Brasileira uma invejavel benemerencia. O que ora é mais necessario é começar, e já este anno começaremos tal serviço de honra e de gratidão, de educação popular e de exegése erudita, que só elle bastará para renome de uma instituição.

Os nossos interesses assegurados, uma installação formosa e digna da Academia, todo esse programma a realizar, não me parece pouco e temo que vos tenha promettido demais. Com a vossa collaboração nada é demais, ainda na presumpção. Certo disto, porém, guardarei commigo a impertinencia necessaria para vos lembrar, para que as distrações da vida não vos levem a esquecer o que é o nosso interesse e a nossa divida, a esta Academia e a Posteridade. Prometto-vos, a poder que possa, ser tão esforçado, quanto importuno: será a melhor maneira de vos servir e á Academia Brasileira.



O MEDO DA MORTE

E' facto sabido que nem todos os homens aguardam a morte com o espirito tranquillo, certos de que ella não passa de um phenomeno tão natural como a vida. Se alguns ha que philosophica ou religiosamente a admitem como accidente necessario, outros existem que se não conformam com a sua sentença inappellavel, venha ella após uma vida longa ou em qualquer momento do seu decurso. E essa repulsa em acceitar a idéa do proprio aniquilamento torna-se, em certos individuos emotivos, tão vehemente, que, não raro, pôde dar lugar a um estado psychico especial: é a thanatophobia, se assim se pôde chamar, ou o medo da morte.

Não se veja, porém, nessa manifestação de emotividade francamente mórbida o temor natural da morte, aliás commum a todos os seres viventes, que deriva do instincto de conservação. Por certo não ha ninguem, moço ou velho, que nas condições physicas e psychicas normaes, a deseje com sinceridade. Haja vista a conhecida fabula de Esopo a respeito do lenhador. Horas a fio, pedia este a morte como o supremo allivio aos seus padecimentos. Chegada, porem, que foi, o pobre velho, aterrorizado ante tão sinistro espectro, gaguejou que se a havia chamado fôra unicamente para ajudal-o a pôr o feixe de varas ás costas. Todavia, é facto fôra de duvida que a morte exerce uma como que autosuggestão em individuos que attingiram uma certa edade ou victimas de um doentio estado de alma. Elles se sentem incom-

patibilisados com a vida, em tudo e por tudo, e, a partir desse momento, a morte fascina-os a ponto de a procurarem por exponetanea vontade quando, por a caso, ella se demora. Ha o exemplo de centenarios que nos maravilham com a sua indifferença pela morte, muito embora a arterio sclerose senil lhes determine uma sensivel diminuição das funcções psychicas. O velho que está cançado da existencia sente tanta necessidade da morte como de dormir, assim como o doente que soffre de uma molestia incuravel sente necessidade della como um balsamo aos seus males.

Tudo se destróe com o tempo e, com maior razão, um organismo subtil e complicado como o é dos seres humanos.

Seria até de admirar que o sentimento de cansaço natural da vida não suggerisse ao homem, que está condemnado ao aniquilamento como qualquer outro sér, o consolo supremo do eterno repouso. Metchnikoff acredita que o instincto da morte é tão natural como o instincto da fome, da sede, do somno, do movimento e do amor sexual. Acha mesmo provavel que elle seja acompanhado de uma sensação mais agradavel, talvez, do que todas as outras. De facto, tem-se deprehendido, atravez de informações de pessoas intelligentes que estiveram, por qualquer molestia ou accidente, ás portas da morte, que a sensação determinada por este phenomeno não é dolorosa. Ao contrario, a morte é precedida de um allivio e de uma sensação de bem estar ephemeros que insensivelmente desapparecem para lhe dar logar.

E' justamente o receio de uma possivel dôr physica da morte, quando não seja a pena egoistica da decomposição e transformação da propria materia ou a perspectiva sombria de uma vida ignorada de além-tumulo, que occasiona, nos individuos que tenham os centros sub-corticaes da zona vegeto-emotiva hyper-excitaveis, uma série infinita de disturbios nervosos e mentaes que nada mais fazem do que lhes intoxificar os neuronios e apressar o seu fim. Conhecido, como actualmente está, atravez de estudos conscienciosos, que a genese da emotividade mórbida não é sómente um problema psychologico mas tambem e principalmente physiologico, não é difficil comprehendere que a thanatophobia, que é uma psychose de obsessão, na qual a emotividade reconhece como ponto de partida uma anomalia do coefficiente psychico, dê em resultado alterações profundas da cenesthesia, determinando graves estados emotivos pathologicos ao lado de não menos graves modificações somaticas.

Todos os cirurgiões sabem que os doentes que, tendo medo de morrer, se submettem a uma intervenção cirurgica, experimentam

tal abalo nervoso que a simples chloroformisação é suficiente para produzir syncopes perigosas e determinar mesmo a parada da respiração e do coração. Não ha também quem desconheça que as grandes emoções podem provocar por si sós o exito lethal. Bichat, já no seu tempo, affirmava que é pela paralysis do coração que se morre em consequencia dos traumatismos moraes. "A força do sistema nervoso, dizia elle, se exalta a tal ponto, que, uma vez rapidamente exgottada, não podemos mais readquiril-a, e a morte sobrevem". A historia registra numerosos casos de syncope mortal em criminosos, aos quaes fôra annunciada a pena de morte, como em doentes na occasião da noticia do diagnostico fatal. Tem havido até pessoas tão emotivas que não resistiram ao vaticinio fútil de sua morte proxima.

Eu mesmo sei de um facto ocorrido em uma cidade do interior que vem corroborar as observações anteriores nesse particular. Um rapaz, que se gabava de ter muita coragem, resolvia aceitar um desafio proposto por varios companheiros. Tratava-se de saber quem seria capaz, altas horas da noite, de penetrar na capella do cemiterio local para descalçar os sapatos de um cadaver que se achava sobre o marmore, á espera da hora do sepultamento. O nosso heróe, sorrindo da ingenuidade alheia, adiantou-se aos demais e, com a maior sem-cerimonia, penetrou na camara mortuaria, conseguindo levar consigo os sapatos do defunto. Ao transpôr, porém, na volta, a cerca do cemiterio, sentiu a aba do paletot como que presa por uma mão invisivel, que nada mais era do que uma ponta de arame farpado. Tanto bastou para cahir sem vida sobre o sólo.

Mas é sobretudo nos hospitaes que o medo da morte se evidencia em toda a sua plenitude. O doente, por benigna a molestia que tenha, sente, ao dar baixa na enfermaria, piedade de si proprio: olha em derredor e só vê soffredores e só ouve lamentos e, naquelle ambiente de dôr, a idéa de morte passa a perseguil-o obstinadamente. E quando, porventura, corre a noticia triste de haver fallecido um companheiro de infortunio, não ha então quem lhe possa refreiar o medo da morte e o trauma psychico ou o choque emotivo que experimenta é tão profundo que não tarda em comprometter seriamente a sua saúde já abalada. O mesmo facto se verifica nas batalhas, nas quaes, a resistencia nervosa dos combatentes é submetida a duras provas. Soldados pusillanimes, ha, que, aterrorizados pelo espectaculo da morte, não hesitam em fazer saltar os proprios miolos, apoiando o queixo sobre o cano do fuzil. O que é curioso, conforme a observação tem demonstrado, é que, nas catastrophes, são justamente os medrosos da morte aquelles que lhe pagam o maior tributo, em consequencia do choque emotivo.

Quando se alastrá uma grande epidemia é commum verem-se individuos hyper-sensiveis que, apesar de não haverem sido contaminados, succumbem mais facilmente do que os atacados pelo mal.

Por ahi se verifica que o medo da morte, que, em muitos, é uma superstição, desde que se considere que elle é o resultado de uma experientia incompleta ou nulla dos acontecimentos que esse accidente representa, chega ás vezes a tornar-se tão paradoxal e a transformar-se em tal curiosa psychose que alguns até se suicidam com medo de morrer.

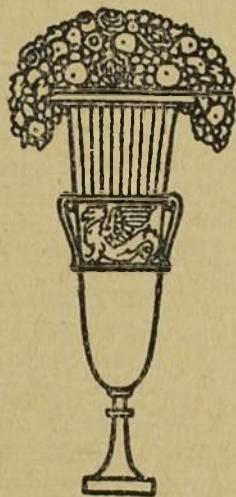
Tive, ha tempos um cliente tuberculoso, a quem de nada valiam as indicações medicas, forçando-o ao maximo repouso e mudança de ares. O que o torturava não era tanto a molestia como o medo da morte, razão pela qual não se cançava de procurar-me noite e dia. Só ao meu lado se sentia tranquillo, garantia-me elle, porquanto, mediante injecções, poderia evitar-lhe qualquer possibilidade de morte. Entretanto, um dia, o pobre homem, acomettido de um indizivel accesso de medo, não trepidou em ingerir uma dóse mortal de estrychnina.

E não se diga que o medo da morte é inherent sómente áquelles que, tendo pouca cultura intellectual, não sabem encarar a vida como ella é e não sabem procurar na fé religiosa, numa philosophia consoladora, um lenitivo a essa emoção, que tanto os afflige. Muito ao contrario. Tem-se visto pensadores eminentes ás voltas com tal mania de perseguição da morte a ponto de cahirem num estado de exaltação visinho da loucura. Daudet dizia que a idéa da morte o perseguia com tal insistencia que toda vez que entrava em um novo aposento, a primeira preoccupação dos seus olhos era procurar o logar onde poderia ser collocado o seu esquife. Zola chegava, á noite, a saltar innumerous vezes do leito, assustado ante a visão terrifica da morte. Edgard Pöe, que também era um grande mártir do medo da morte, resolveu, para esquecer-o, entregar-se ao alcoholismo, de que veiu a falecer, aos trinta e sete annos apenas, nos espasmos e convulsões do delirium-tremens. Tolstoi que, aos cincuenta annos de idade, pensára muitas vezes no suicidio para libertar-se do pavor que a morte lhe causava, acabou, entretanto, por se convencer de que fôra ingenuo e supersticioso. "Os homens, affirmava elle, que têm horror á morte, temem-n'a porque a consideram um vácuo escuro e esta escuridão lhes apparece unicamente porque não veem a vida. Ninguem tem medo de adormecer, e, no entanto, durante o sonno, tudo se passa como na morte." E Tolstoi tinha razão, Se os thanatophobos se persuadissem de que o resultado da vida não é a felicidade e sim o soffrimento, concordariam com Epicuro

quando dizia que a perda de um bem (se a vida é um bem), cuja falta não nos é dado constatar, não é decerto um mal.

Seja como fôr, no meio de sua amargura, deve restar-lhes ao menos um consolo. E' que mais infelizes do que elles, que temem a morte, são, certamente, os que têm medo da vida...

HEITOR MAURANO.





O DESPIQUE

O carreirinho deu volta ao campo á cata dos bois e só encontrou tres. Faltava o Chibante. Boi malvado, cerqueiro até alli! Em pilhando vêdo de moirões combalidos, *blaf*, mettia-se de chifres entre os arames e varava mesmo, com a idéa na querencia. Bem o coração o avisara, que até o sonno perdera maginando aquillo! Fez promessa a N. S. da Conceição, de levar á capella uma pedra de arroba, se o malvado passasse a noite quieto. De que valeu? Santo até parece que só ouve gente grande... E agora, só com a junta de guia, como tirar o carro naquella tijuqueira da raiz da serra? Ir á fazenda buscar outro boi... Mas quem ficava vigiando o carro?

Estas coisas pensava um caboclinho ahi de seus quatorze annos, que viera de Itaóca até áquelle pouso carreando um sortimento de armazem.

O rancho onde pernoitara, seis esteios colmados de sapé, demorava á beira da estrada, fronteiro a um córgo bebedouro. Junto a elle, a venda do Manoel Labrego, dono do pasto, homem zangadiço e máo, que fatalmente lhe tomaria contas das reinações do boi. Pouso forçado de tropas e carros, sempre numerosos naquella estrada, justamente naquella noite ficara o rancho deserto. Ninguém para ajudal-o! Amanhecia, e o pobrezinho que madrugara e já correra o pasto, viu sahir da venda o Labrego, esfarelando fumo na palma, com a má cara de sempre.

— Que é que esperas, rapaz?

— “Não vê que” o Chibante fugiu...

— Fugiu? E por onde? Querem ver que me arrombou a cerca?

Relanceou os olhos pelo aramado e logo avistou, longe, tres moirões pendidos. A colera chispou-lhe nos olhos.

— O' canalheta, pois tu me arrombas a cerca e ficas ahi a banzar! Não sei onde estou que te não finco tres valentes pontapés, ladrão!

O pequeno tartamudeou que fôra o boi.

— E de quem é o boi? Paga o carreiro pelos bois, não sabes? Olha: quero a cerca arrumadinha como estava, do contrario não me saes de cá hoje. Quero-a escorreita, ouviste? Anda-me lá, só palerma, e depressa! Vae á casa, pega do machado e tira moirões na grota.

A vontade do masmarro era completar a phrase com os pés.

Obstou-lhe o intento a ligereira com que o menino correu á venda em busca do machado, contente de sahir-se da entalada com uma hora de trabalheira.

O portuguez foi examinar o estrago, resmungando pragas contra aquellas pestes de carreiros que lhe atanazavam a vida. Mentira. Do pouco dos carreiros tirava elle bom lucro. O tostão de cada boi rendia mais do que a venda. Bem pago! Um "rapador" daquelles, só barba de hóde e saívas...

O pequeno cortou no matto um páo-de-canudo, picou-o em tres toradas e carreou-as, uma a uma, para a cerca

Abriu penosamente as covas com a foice velha que fazia de cadeira e tratava de fincar o primeiro moirão quando o vendeiro reponhou ao longe.

— Lá vem o implicante! pensou consigo o pequeno.

Labrego chegou e farejou os postes.

— Páu de canudo! Eu logo vi. Não achaste lá um guamerin, ao menos?

— O senhor não me falou nada. E, depois, pau melhor lá não ha. Aquillo é só embaúba...

Labrego tinha orgulho do seu capão de matto, unico nas redondezas, e offendeu-se.

— Embarúva! Tu estás a brincar commigo, maroto? Olha que te espeto essa foice nos miolos! Um homem como eu a ouvil-as deste fedelho!...

O menino, amedrontado, calou-se e fincou os moirões em tres tempos. Findo o serviço olhou para os fios,inda presos nos postes arrebentados, e disse:

— Agora... com que tiro os grampos?

— Com os dentes, ladrão! foi a resposta do bruto, já de rumo ao armazem onde parára um cavalleiro.

O pequeno rosnou comsigo: "Com os dentes da avó" — e lá os arrancou como poude, a empuxões e costadas de foice. Repregou em seguida os quatro fios na madeira nova, limpou com o dorso da mão o suor da testa e suspirou.

— Arre! Nem acredito!...

Mediu, depois, o sol, já nado.

— A que horas vou chegar, meu Deus! Tres leguas, ainda...

Foi-se aos bois, encangou-os, metteu á frente o desemparcificado e tocou. Até á grota uma junta apenas puxaria bem, mas depois...

O carro, cem metros adeante, rechinou e o pequeno metteu sabão na chumaceira. Estava triste, não queria saber de musicas.

Tão creança e já mettido em talas! Os irmãos, aquillo é que era vida... Só limpa de café, serviço atôa de enxada, sem pensão, e elle, um crila que nem suspendia tres arrobas, já alli, no duro, lidando com bois velhacos... Isto é, velhaco, um só. Não, Bordado? Você não fazia uma coisa destas para o seu carreiro, hein, Bordado? Nem você, Brilhante — não pense que não sei reconhecer os amigos. Nem tu lá, sêo Pintasilva — gritou para o guia que, solto, espontava os capins, á frente. Nenhum de vocês tres. Mas deixa estar que na primeira finco a guiada naquelle ladrão, que vocês vão ver fogo. Boto um prego novinho, bem apontado, e quero ver...

Pausou um bocado; depois murmurou alto:

— Raio de gallego!

Não lhe sahia da garganta um nó de odio contra o rancheiro bruto. Procurava um despique, sim porque havia de vingar-se, olá!

Chegando á raiz da serra, parou ao pé da porteira. D'allí para cima, impossivel proseguir. Desencangou os bois, escorou o carro e deitou-se á beira do caminho, á espera... A' espera da solução, fosse qual fosse. Tudo se arruma na vida, e é bobagem amofinar-se a gente.

Viandantes passavam, ora um, ora outro, ninguem a geito de ajutorio. Por fim repontou um cavalleiro.

— Por mal que pergunte, o senhor não passa pela fazenda do coronel Fagundes?

— Não; mas posso chegar, sendo preciso. P'ra que é?

— "Não vê que" um boi de guia fugiu do pasto, esta noite, e só com a junta do coice eu não subo a serra. Queria que o

senhor, se não fosse atrapalhação na sua vida, dêsse uma portada lá, e...

Interrompeu-se. Vinha descendo a serra um boi tangido por um negro. A cara do menino abriu-se em riso.

— Lá vem o malvado! E' elle mesmo, o Chibante!... O senhor me desculpe e Deus lhe pague. Elles já viram lá o que aconteceu e mandaram o boi de volta. Deus lhe pague muito a boa vontade! Até um dia!...

Quando o carro transpoz a porteira da fazenda o sol descambava. Só então notou o pequeno carreiro que não comera nada aquelle dia — nem tomára um cafézinho.

— Estou que estou estalando de fome, disse ao preto.

— Tambem você é lerdo. Porque não pediu comida na venda?

— O portuga? Deus me livre! Antes morrer de fome do que pedir *isto* áquelle carrasco...

— E' ruim o diabo, assim?

— Nossa! Aquillo a gente quebrando todos esses fueiros na cabeça delle inda não satisfaz!

O negro sorriu — eh! eh! — mostrando toda a gengivada de pitanga.

— Espere, que um dia elle se estrepa.

— Isso valia se eu fosse o estrepe...

— Ahi, caboclinho zangado! Gosto disso! Você é bem filho do defunto seu pae. Homem máu, aquelle! Uma vez...

Quinze dias depois o carro descia a serra, de meia carga, a pegar novo sortimento na vila.

O pequeno vinha contente, repimpado, ouvindo com enlevo d'alma a musica azoinante. Trazia ferrão de ponta reluzente — prego novo, bem pontudo, especial para o Chibante.

Pobre boi! Estava pagando naquelle dia todos os peccados da sua vida. Por qualquer coisinha, ou por coisa nenhuma, chuçadas que o punham vivo como lambary.

— Aguenta, fujão!

Um carro passou em sentido contrario, carreiro velho á cola.

— Não judie do boi, menino! Quem faz, paga.

O pequeno riu-se.

— E' isso mesmo! Chibante fez e está pagando...

Bravateou, mas deixou o boi em paz.

Pensava agora no Labrego. Vinha perto a venda, ia vel-o. Se pudesse encangal-o ao carro!... Ai, gosto! Hem! Hem!

O pequeno mordia os labios, manejando o ferrão como chuço, aos golpes sobre inimigo invisivel. Hem! Hem!

Na gruta fria parou. Ponto de almoço. Agua? O melhor é pegal-a adeante, no fundo do grotão. Fria de geada!

Foi, de facão em punho, divertindo-se em decepar os baculos tenros dos samambaiussús e os cachos roseos das begonias.

Que frescura! E como parecia noite alli dentro!

Sussurros precipitados... Inambús?

— A minha troxada aqui!

Em certo ponto viu a relva apisoada de fresco.

— Quem será? Caçador, com certeza. O Dicto Grande? E' bem capaz. Mora aqui perto e não larga dos cachorros. Vou ver.

Poz-se a caminhar pela trilha. Nem bem mediu cem passos, um gemido, longe. O coração pulsou-lhe. Quem será? Orientou-se e foi, cauteloso, com sua dósezinha de medo n'alma.

— Gente? Capóra?

Andou, andou, todo olhos, devassando a matta. Subito, novo gemido, perto. Vinha dum socavão. Olhou. Era um homem. Approximou-se. Mais... Mais...

— Nossa Senhora! O Labrego!...

O menino estarreceu, retezado. Toda a colera concentrada em seu coração explodiu, ganhou-lhe o corpo inteiro. Ganhou-lhe as mãos. Sentiu-se de aguilhada em punho, a picar aquelle bruto. Um — toma! e outro — toma! e outro, e outro, e cem pontaços rai-vosos.

Não tinha alli o ferrão mas era o mesmo: tinha a faca. Poderia judiar delle á vontade. E, sob a pressão da onda de sangue venenoso que lhe afogueava a cabeça, pulou para dentro da furna.

O portuguez, ao dar com elle, arregalou os olhos mortiços, murmurando em voz debil:

— Foi o céu que te mandou aqui, menino. Estou liquidado. Cahi lá de cima e moi-me todo...

Tão lamentavel era a situação daquella pobre massa de carne humana, que a raiva assassina arrefeceu de brusco. Surgiu a piedade, entrou pelo coração do menino a dentro e travou os pulsos á colera. Perdoarás! Impunha-lho a expressão grotesca daquelle rosto barbaçudo, esfolado e sujo de terra.

A dor quebra a harmonia normal das feições e crea-as novas, ás vezes tragicas, ás vezes comicas. A do Labrego era comica. O repulho de músculos faciaes, ao acicate de agudas dores internas, dava-lhe aspectos horriveis e grotescos, a um tempo.

O menino, com a alma transformada em campo de lucta entre o dó e a sêde de vingança, cruzou as mãos á nuca e ficou um tempo assim, a olhal-o, sem dizer palavra.

Lembrava-se dos moirões, dos insultos, e vinham-lhe comichões de fincar um ponta-pé ao menos, dos bem fincados. Mas punha os olhos nos olhos do triste desabado, e apiedava-se.

Minutos decorreram assim. Ao cabo, o dó venceu o odio, e varreu com elle do coração da creança. O menino curvou-se para a pobre massa de carne gemebunda e prestou-lhe, solicitó, os primeiros soccorros.

Logo depois, auxiliado de outros viandantes, era o Labrego mettido no carro e conduzido á venda.

O pequeno ajudou a mettel-o na cama e, enquanto corriam a chamar a mulher na roça, ficou parado á cabeceira.

Pensou: elle sára e volta a maltratar-me.

O dó fraqueou, entreabriu a porta do coração e o sentimento de vingança metteu a cabecinha.

Não era a grande vingança, mas uma pequena vingança, um despike apenas.

— Digo-lhe *uma* bem pesada e raspo-me. Uma boa!

Mas dizer quê? Nada lhe acudia. Pensou, pensou... Subitamente o rostinho queimado de sol illuminou-se de um clarão. Viera-lhe á idéa a palavra terrivel, venenosa, que o vingaria bem vingado, mais do que uma roda de pontaços de ferrão.

Radiante, o carreirinho inclinou-se para o ouvido do homem e disse:

— Escute, sêo Labrego, escute esta. Eu...

Mas interrompeu-se. O doente parecia dormir. Sacudiu-o de leve. Inutil. O homem estava morto!...

Com arrepios pelo corpo, os cabellos em pé, o menino esgueirou-se do quarto. Correu ao carro. Jungiu os bois, ensebou o eixo e bateu para a villa, de olhos parados, desmesuradamente abertos...

E o melhor da historia se perdeu, porque ninguem conhecerá nunca a palavra terrivel elaborada de chofre pelo heroe de quatorze annos, sob o influxo do rebrrotado sentimento de vingança.

O novelista é um historiadôr de almas. Não inventa. Mas convence-se de certas coisas. Convence-se, por exemplo, de que a "palavra" murcha pela visão da morte na bocca infantil seria uma rara flor da venenosa planta grega, a *Eironia*, talvez a mais bem dosada em venenos de quantas abotoaram naquelles sertões sob o nome modesto de despike.

Perdeu-se... e fica a pobre novella como annel sem pedra...

MONTEIRO LOBATO.



NO LARANJAL

Lucio de Azevedo tinha ido passar as ferias na fazenda dos paes — dos “velhos”, como lhes chamava. Lá encontrou uma familia, que não conhecia, mas da qual sempre tivéra vagas noticias, sabendo ser o chefe um primo de seu pae. Um casal de velhos e uma filha — a unica, a alegria da casa, uma felicidade inesperada, cahida do céu — conforme dizia o pae.

Foi por isso que lhe deram o nome de Theodora.

D. Rosinha não sympathisára a principio com esse nome.

— E’ porque a senhora não lhe conhece a significação : — dom de Deus — explicára o marido. Vem-nos a poder de promessas a menina...

E D. Rosinha, por um entranhado escrupulo de mulher religiosa, calou-se e acabou, dentro em pouco, por achar no nome da filha um doce sabor mystico e até sonoridade.

— O “seu” Campos tinha razão, affirmou um dia ao marido; achava agora que o nome fôra bem escolhido. Ia tão bem á filha!

— Se ia! Nem se falava! — corroborou o homem, convencidamente.

— Não se comprehendia mesmo como ella tivéra aquella antipathia a principio.

D. Rosinha, muito beata, penitenciando-se mentalmente por não lhe haver soado bem, desde logo, o nome da filhinha, começou dahi por diante, a vêr nella qualquer cousa de anjo, rosadinho, bochechudinho, só lhe faltando um par de azas, e quando ella cresceu, attingiu a primeira mocidade, via, com santo orgulho, nos seus melancolicos scismares, no seu gosto da solidão, não uma cousa muito propria da idade, mas um indicio de alma predestinada ao serviço de Deus...

Por esse tempo o sr. Campos collocou a menina em um internato de religiosas, em S. Paulo, onde residiam.

Lá haveria de aprender, de educar-se melhor do que em parte nenhuma! Isso era! A par dos conhecimentos scientificos e linguisticos, muitos “pres-

"timos" domesticos e uma fina e recatada educação, cheia de pureza, que deixava a perder de vista a das alumnas das escolas e collegios leigos, que por ali andavam namoricando de esquina, num desavergonhamento escandaloso...

O regimen do internato, muito severo e irracional, com largas horas de estudo após as refeições, pois é sabido que é então, paradoxalmente, mais prompta a memoria, roubando horas ao sonno profundo e refectivo da madrugada para a missa das cinco e obrigando as alumnas á vida de uma verdadeira prisão, sempre vigiadas, até nos curtos recreios de meia hora, durante os quaes era absolutamente prohibido correr e brincar — tal regimen poz em um anno muito enferma a menina Theodora.

O Dr. Siqueira, medico, intimo do Campos, consultado por elle, disse logo, deixando cahir as phrases como golpes seccos, acerados:

— O remedio é um só: tirar quanto antes a pobrezinha daquella penitenciaria. E' só.

E como reparasse nos espantados olhos do Campos:

— Ella precisa é de ar, de exercicio, de dormir. — Meu amigo, conheço o regimen daquella tão afamada penitenciaria, com fóros de casa de educação... E fez uma minuciosa, exagerada exposição de tudo, concluindo, com gestos arremessados:

— Uma cousa estupida, é o que é! Pois isso neste seculo! Olhe, tire, tire a pequena de lá, si não a quer inutilizar para o resto da vida. Você tem ahi a fazenda de seu primo. Acho até bom levar a menina para lá. E ella que passeie, que se mova, que se alimente e que durma... Depois você me dirá...

— Mas não receita?... arriscou o Campos, atordoado.

— Qual! Qual receitar nem qual nada! P'ra quê? Podia indicar um fortificante qualquer, mas é dispensavel. Olhe, sou franco, isso com você: si eu percebesse má vontade de sua parte em seguir o que aconselho, indicava o fortificante, é excusado dizer que sem grande convicção na efficacia de tal methodo de cura, mas para não sahir daqui sem dizer nada. Ali está!

E tratou de outro assumpto.

O Campos convenceu-se, ficou resolvido a fazer o que dizia o Dr. Siqueira.

— Aquillo é que era ser medico ás direitas! Franqueza até ali!

D. Rosinha, porém, não concordava com essa opinião:

— Que era uma cousa sem geito tirar a filha do internato! resmungava, aborrecida. O "seu" Siqueira parecia um hereje, credo! Então eram proprios aquelles modos de se referir a uma casa de irmãs? E, depois, nem receber... Onde já se vira aquillo!

Fôra tambem educada em um collegio de religiosas. Como não era nenhuma inutilizada?

Mas não se oppoz ao marido. Respeitava-o como a um pae: a educação que recebêra influira em muito para annular a sua personalidade, amolestando-lhe, apassivando-lhe o caracter. Chorou, apenas, chorou lagrimas platicas, a pobre senhora, quando a filha deixou o collegio.

Theodora estava magra, com olheiras côr de bistre muito pronunciadas no fundo ceráceo do rostinho, outr'ora de um rosado sadio. Tinha vertigens subitas, mas passageiras, toda a tremer de fraqueza, com sensações de frialdade pelo corpo, as mãos muito descoradas, e um suorzinho gelido humedecia-lhe a raiz do cabello, as sobrancelhas, as azas do nariz, o leve buço, as costas. E era um desanimo para tudo, não queria sahir de casa e passava o dia quasi todo recostada no quarto, lendo, ás vezes, sempre com as janelas cerradas, porque a luz forte de fóra causava-lhe uma dorzinha sobre

os globos oculares, incomodava-a com tonturas e uma leve ansia de vomitar.

Oz velhos sobresaltavam-se, rodeavam-na de cuidados, não a deixavam sozegada, impacientavam-na por vezes.

Vencendo um pequenino escrupulo, o Campos tinha escripto ao primo fazendeiro "que iria com a familia passar uma temporadinha na fazenda, a conselho medico, pois a Theodora andava doente, muito debilitada, necessitando de bons ares." Não vinha resposta.

— Talvez a carta se extraviasse... ou mesmo má vontade... — pensava e por isso não se animava a escrever outra vez. E os dias passaram e a inquietação dos velhos redobrava. Comtudo, ultimamente Theodora sentia-se melhorar. Foi pelo menos o que assegurou ao pae, procurando dissuadil-o da resolução de irem para a fazenda.

— Acho inutil. Fale com o Dr. Siqueira, papae.

A idéa de ir para a fazenda horrorisava-a.

Era uma séca! Ainda si pudesse divertir-se lá...

Mas, segundo o que sabia, ia ficar entre velhos, sem uma companheira de sua idade, numa casa quasi de estranhos. Em casa tinha ao menos as visitas das amigas, algum livro para ler. E lá? Demais, no estado de quebrantamento em que se achava, de simples idéa da viagem de tantas horas de estrada de ferro, fóra a que talvez se tivesse de fazer por estrada de rodagem, num trole, sob uma soalheira e de ter de sahir em exercicio pelos campos sem fim da fazenda, bastava para encher-a de doentia preguiça, dando-lhe uma impressão de antecipada fadiga.

Campos achou razão na filha, dispôz-se a entender-se com o medico; mas, nesse dia, recebeu a tardia resposta do primo.

"Estava ausente, dizia elle, em viagem, quando chegára a carta do primo Campos e só a tinha lido naquelle dia! Mais de duas semanas depois de haver-lhe escripto! Era essa a razão da demora da resposta. Que o desculpassem."

Punha-se, com satisfacção, ás ordens do primo, pois tambem acreditava que a vida de fazenda fosse uma "navalha" para os males da menina. Mas, accrescentava, e via-se que era sincero — não haviam de ficar por lá só até que ella se fortalecesse, o que se daria em muito curtos dias. Isso é que não! Queria-os a todos por companhia, para uma longa temporada de alegria. Lá havia distracções de toda a sorte para a Theodora, até mesmo uma pequena biblioteca do Lucio. Este devia chegar pelas férias de meio de anno e haviam de esperal-o, fazia empenho nisso, ao menos para conhecerem o rapaz, que era muito divertido.

O Campos, lida a carta, ficou embaraçado, bem que satisfeito e lisonjeado.

— Era o diabo! Agora a menina a não querer ir...

Foi ter com o medico, expoz-lhe os factos.

— Ora, essa! Então você, Campos, quer se guiar pelo que diz a rapariga? Ella sente-se indisposta naturalmente: é a doença. Chegados á fazenda, transforma-se de todo. Ha de achar-se uma tola por não ter querido ir... São favas contadas.

Diante disto o Campos não mais hesitou: fizeram-se os preparativos da viagem e dois dias depois seguia com a familia para a fazenda do Coronel Azevedo.

Quando Lucio chegou á fazenda soube que os parentes já lá se achavam havia quasi um mez.

— E hão de ficar por aqui até que eu me vá para o Rio. Iremos juntos até S. Paulo.

O Campos protestava — que não, que não, que já era demais. Ficaria mais algum tempo para fazer a vontade do Azevedo, de "nha" Therezinha, de Lucio e, porque, afinal, a menina não estava ainda forte.

— Veremos... O sr. está muito enganado! — dizia Lucio.

— Qual ir-se embora nada! — acudiu o Coronel Azevedo. — Já mandei "nha" Thereza esconder as roupas bôas...

— O quê!

— Estou brincando, homem, mas você não vai mesmo!

E o caso é que o Campos se ia deixando ficar, adiando sempre a partida "pela ultima vez", quando ella se aproximava, tantas eram as instancias dos da casa.

— Você até ficou mais moço e "nha" Rosinha tambem, affirmava, a rir-se, o Coronel. Não foi só a Theodora a aproveitar. Vá ficando, vá... Que diabo! O seu dinheiro tanto rende você estando aqui como lá ou algures, na China, no céu, no inferno...

— Credo! — fez "nha" Rosinha.

Foi uma assuada de risos.

Afinal, ficou decidido: só regressariam dois mezes depois com o Lucio.

Alegria geral. E começou, dahi por diante, a reinar mais completa a intimidade das duas familias, cessados de todo os restos de prevenção com que o Campos e os seus desvirtuavam a sinceridade das demonstrações de amizade da parte dos parentes.

O Campos, a falar verdade, já sentia uma leve commoção só em pensar que aquella felicidade despreoccupada e alegre da vida que levava na fazenda, teria um dia de acabar-se... E o contraste dessa vida com a que passava na cidade, tão sem companhia, tão taciturno aos serões, lendo seu journal á luz do gaz, enquanto D. Rosinha dormitava recostada na espreguiçadeira, engrolando rezas, com um rosario de grossas contas suspenso dos dedos, esse contraste infundia-lhe uma invencivel repulsão pelo viver de seu lar, que se lhe afigurava estupido, na sua aridez envolta de silencio...

Raramente o dr. Siqueira o ia visitar. E, quando apparecia, eram sempre as mesmas prosas, que acabavam por lhe dar somno. De dia, não sahia quasi nunca. Ficava passeando na sala, para lá, para cá, os braços cruzados sobre os rins, a cabeça sem uma idéa, aos continuos bocejos de fastio, como um urso enjaulado. Tinha agora a filha que já não voltaria absolutamente para o collegio; mas naturalmente iria ella para outra aula qualquer e á noite haveria de metter-se com as amigas pela vizinhança.

Com estas idéas, sentia despontar e ir-lhe crescendo no intimo do ser o insensato desejo de fixar-se de vez na fazenda...

— Si fôsse possivel!

Cahia em si, sorria doloridamente.

Vinha-lhe, então, o projecto de transformar de alto a baixo o seu modo de vida: voltaria, procuraria os amigos, frequentaria theatro, compraria piano para a filha, daria festas intimas por qualquer anniversario, comunicaria movimentada alegria ao ambiente estagnado de sua casa...

Destes devaneios vinha arrancal-o o Coronel, sempre jovial, com um franco e bom sorriso a lhe pronunciar mais os "pé-de gallinha", aos contos dos olhos:

— Que é lá essa tristeza? Hom'essa! parece que tem a cabeça perdida em cogitações dolorosas...

O Campos ria enternecido, tinha vontade de desabafar com aquelle bom parente, a quem já queria como a um irmão. Continha-se, porém, fazia por

se despreocupar de tudo e lá iam, de braços dados, os dois homens, o Campos magro e miúdo de feições, com as barbas e os cabelos quasi completamente brancos e o Azevedo — alto, gordo, um rosto corado e satisfeito, a que os longos e fartos bigodes brancos, um pouco amarelados pelo fumo, davam uma expressão extremamente sympathica — ferrar no gamão, horas e horas, sentados um em frente ao outro, com o taboleiro sobre os joelhos, sacolejando machinalmente os dados nos copos de couro, movendo as tabulas brancas e vermelhas, entretidos até o esquecimento de si próprios, como se estivessem a jogar decisivamente com a sorte de dois exercitos em combate.

A's vezes sahiam a passeio pela fazenda, a cavallo, ou caçavam juntos. Mas o Campos fatigava-se logo, preferia o gamão.

— Cançado já? Que moleza, homem!

— Nem tanto!

— ... e eu não. E estou velho, é natural que não me acostume assim de repente. Não é que não goste disto; mas...

— De certo... Você foi criado nestas cousas...

Quem se tinha adaptado em breve á vida da fazenda foi Theodora. Voltára-lhe a saúde rapidamente, as vertigens passaram, engordára alguma cousa, recobrára as cores e parecia mais bonita com a tez levemente tostada pelo sol. Vivia satisfeita, em continuos passeios campestres ou pelo laranjal, cujas arvores vergavam acenosas ao peso dos fructos, que começavam a amadurecer. Esquecera a bibliotheca, onde a principio passava esquecidas horas a lér, apesar das reprehensões meigas de todos:

— Que tambem não fôra só para lér que viéra para a fazenda, dizia-lhe o Coronel. — Fôsse passear, que diabo! Lêsse, si gostava daquillo, mas com moderação, de modo que não prejudicasse a saúde alterada.

— Si eu soubesse, tinha trancado essa livraria!

— E' preciso trancar mesmo! — apoiou D. Rosinha, atirando um olhar reprehensivo á filha. E' que a tinha surprehendido de uma feita em que a fôra espreitar, desconfiada — toda empolgada na leitura de um livro que reputava mau.

Desde então a sua crença na predestinação da filha para o serviço de Deus — cahiu tristemente como uma flôr emmurchecida que se desprende do hastil...

E novas lagrimas chorou a bôa senhora pela filha, como as que derramára quando foi retirada do collegio religioso...

Depois da vinda de Lucio, Theodora ficára visivelmente outra, sem nada dos retrahimentos solitarios de outros tempos, tornando-se até espirituosa, muito faceira. Conversavam muito á mesa, riam e riam-se todos ás graças delles... menos D. Rosinha, que só via naquillo um namoro descarado.

Logo que as laranjas amadureceram, começaram a affluir em bandos os passarinhos ao laranjal; e, de madrugada á tardinha, eram só ruflar de azas, gorgeios, arrulhos, que por lá iam, numa alegria communicativa das aves a se banquetearem. Os sabiás gorgeavam melancolicamente por entre os chilros estridentes de irriquetas avezinhas e o arrulhar doce das rôlas.

Theodora, um dia em que lá estivéra a saborear umas laranjas, sentada num banco de grossa taboa acinzentada por já meio apodrecida, com vegetações de cogumelos pelas bordas, teve a idéa de caçar, de passarinhar com uma "Floubert".

Não sabia, porém, atirar, nunca pegára em uma espingarda e tinha um grande receio de lidar com armas. O instinto venatorio, entretanto, excitára-se-lhe. Antegosava o prazer de matar um sabiá, uma rolinha, de vél-os cahir a debater-se desesperadamente e ir apanhal-os, sentindo-lhes o calor dos ultimos instantes de vida, sujando os dedos no sangue que lhes empastasse as pennas. Quando, á hora do almoço, conversava com Lucio, falou-lhe no desejo que tinha de caçar, pedindo-lhe que a ensinasse a atirar. Lucio preparou um alvo em uma arvore, limpou do pó e das teias de aranha, carregou sua "Floubert", que foi despendurar dos tornos de um quarto além da cozinha, onde se guardavam arreios, instrumentos agricolas, armas de fogo. Chamou a moça e foram para o terreiro, onde ficava o alvo, parando a alguma distancia delle.

— Agora, é prestar um nadinha de attenção. E' uma cousa muito facil atirar — disse Lucio, pondo-se em posição e fazendo a pontaria com requintes de elegancia, um pouco tremulo da emoção que lhe causava a presença da moça. Esta permanecia em pé, ao lado, muito attenta. Machinalmente levára os dedos a tapar os ouvidos, observando os movimentos de Lucio, os olhos prevenidos, a testinha pregueada, inclinando, furtando o corpo na espectativa do estampido.

Lucio desfechou. Ella riu-se, arregaçando de leve os labios carnudinhos e vermelhos, um pouco passada:

— Ora, que tirinho á tôa! Esperei um estrondo! Tinha tanto medo!

— Tolice...

— Pois é. Sou já capaz de atirar.

Foram examinar o alvo: estava crivado dos chumbos.

Voltaram. Theodora ia atirar e Lucio passou-lhe a espingardinha, fazendo que ella propria a carregasse, dando-lhe as necessarias explicações, pondo-a em posição, com calculada exigencia, com vagar propositado, ora erguendo-lhe o cotovello do braço direito, ora fazendo-lhe, com doce pressão, abaixar mais a cabeça, ora endireitando-lhe o corpo — gosando deliciosamente aquelle contacto feminino...

E não se fartava de repetir: — Tres pontos de referencia: ranhura, mira, centro do alvo.

Theodora, apesar de ter perdido quasi completamente o receio da arma, ao tel-a nas mãos, prompta para atirar, sentia um relaxamento de musculos e o coração pulsando celere, emocionada. Não podia conseguir firmeza, demorava em desfechar o tiro.

Puxou o gatilho quasi sem o querer.

— Que pena! Errei! — disse; nem vou vêr...

Lucio correu ao alvo.

— Ora, muito bem! — fez, com certa affectação no tom da voz. — Acertou!

— O quê! E' lá possivel?

E ella propria quiz verificar.

— Que acaso! — exclamou, muito contente, carregando de novo a arma.

Deu segundo tiro; não obstante estivesse mais senhora de si, errou.

Com uma raivazinha, carregou de novo a "Floubert", atirou. E acertou! Novos tiros, felizes todos. Theodora sentiu-se entusiasmada.

— Agora, ás aves! — disse, com soffrega impaciencia. E encaminharam-se para o pomar.

Entretanto, D. Thereza, a senhora do Coronel Azevedo, que tinha por diversas vezes reparado no rosto reservado de D. Rosinha, quando Lucio e a moça conversavam ou estavam juntos, logo que soube que elles tinham ido sós para o laranjal, chamou de parte o marido e:

— O' Azevedo — disse-lhe, abafando a voz; você não tem notado que "nha" Rosinha não aprecia lá muito as intimidades do Lucio com a Theodora? E' preciso avisar o rapaz. Ainda outro dia, vi bem, a velha os andou espiando... Tinham ido á biblioteca, puzeram-se lá a lêr, a conversar sotinhos... Eu não sei... mas creio que "nha" Rosinha anda incomodada com isso...

O coronel ouvia calado, uma funda ruga transversal na testa.

— E'... — disse, atafulhando as mãos nos bolsos das calças, com um sacudir lento de cabeça, erguendo os sobr'olhos.

— E'... — repetiu — que maçada... Não, que a cousa é possível... Dorothéa é bonitinha. Pode ser mesmo que o rapaz se tenha engracado por ella e ella por elle. Não vejo nenhum mal nisso. Eu até fazia gosto... P'rá que presta a mocidade sinão p'r'a isso?

E, passando os dedos pelo queixo, onde a barba, por fazer, despontava aspera, todo elle num ar de profunda reflexão:

— Pois é avisar ahi o filho enquanto o mal está em começo! Você é que se deve incumbir disso.

— Estão sós no laranjal; vá com geito, faça-lhes companhia, insinuou D. Thereza.

A conversa ficou nisso. O Azevedo saiu, foi ter com o primo.

Era meio-dia. Com o sol dessa hora, os passarinhos andavam occultos e silentes. Raros apareciam pelos ramos, debicando alguma fructa carcomida, com pios espaçados, como que preguiçosos. Ainda assim Theodora tinha já matado alguns.

A primeira vítima de sua arma fôra uma rolinha. Tinha-a visto pousar, estremecendo um raminho de laranjeira e aproximára-se, toda cautelosa, pisando de mansinho, para evitar os estalidos das folhas secas e dos gravetos ao se esmagarem. A commoção tolhia-lhe quasi os movimentos. Pulava-lhe desordenado o coração, tinha as pernas fracas, quasi a se dobrarem, numa debilidade de nervosismo. Chegou-se, chegou-se mais, a arma em posição, procurando geito e fez demoradamente a pontaria, dando grande importancia a não errar aquelle primeiro tiro. Mas os braços tremiam-lhe... Quando, passada a primeira commoção, ia desfechar — a rolinha pulou para outro galho. Que raiva! Mordeu, arrancou com os dentes pellinhos dos labios.

Tomou nova posição, desfechou: mal-ferida, a rolinha tatalou desesperada as azas e saiu num vôo incerto, cada vez mais fraca, cahindo, cahindo, em trajectoria obliqua.

De um salto Lucio apanhou-a e lh'a foi entregar.

A ave estava viva ainda, os olhitos fechados, arrepiada, o pescoço encolhido, miseravel.

— Pobreza! — exclamou Theodora cheia de pena. Que bellezinha! E mirava e remirava a avezita agonisante, querendo saber onde acertára.

— Aqui, aqui! — e mostrava a perninha dilacerada e a ferida ensanguentada ao lado do corpo. Sentiu-se arrepiada. A rolinha morrerá.

— Coitadinha! Que peccado! Estou sem coragem de matar outra...

Não terminou. Ouvira o pio de um sabiá. Esqueceu dó, esqueceu a rolinha — arrastada pelo prazer da caça: e o sabiá cahiu fulminado, pesadamente, o peito varado.

— Safa! que tiro! — exclamou Lucio.

Theodora estava no auge do entusiasmo. Os seus grandes, magníficos olhos negros, luziam-lhe.

Entrou a perambular cautelosa pelo laranjal, ouvidos attentos, o olhar a penetrar os escassilhos das frondes, toda ella embebida num vivo prazer.

E gosava Lucio em vendo-a assim, limitando-se a seguir-a de perto, como um famulo, para guardar os passarinhos que sua arma certeira ia derrubando.

— Cinco tiros, cinco passaros! Decididamente Theodora se revelara bôa caçadora! — disse Lucio.

Ella sentia-se contente, lisonjeada.

— Espere, silencio! sussurrou de repente, correndo em direcção a uma arvore morta, cujos galhos nús lembravam braços mirrados, supplicantes no ar, e junto da qual parou, levando a "Floubert" á cara.

Lucio contemplava-a enlevado.

Estava encantadora. O vestido, muito justo, moldurara-lhe as formas perfeitas do busto, dos quadris, a doce curva da cintura. Viam-se-lhe os pés bem calçados em sapatinhos de verniz e um breve trecho de pernas, com meias de sêda preta, através de cuja fina tecitura transpareciam tons de cutis. Recebia um feixe de raios de sol, que lhe banhava o lado direito da cabeça, com um bello effeito de claro-escuro.

O tiro partiu, cahiu outro sabiá. A moça voltou-se para Lucio sorrindo, como á espera de uma exclamação delle. O moço perdeu o governo de si mesmo. N'um impulso de ternura, que lhe foi impossivel conter, correu para ella, abraçou-a e beijou-a nos cabellos, de chofre.

Ella, a principio abandonou-se-lhe. Logo — por instincto muito de mulher — furtou-se-lhe dos braços, com graciosos modinhos, muito meigamente, muito innocentemente e percebia-se-lhe nos olhos sorridentes que ficára satisfeita, embora muito rubra.

Afastou-se, depois, sem levantar os olhos para Lucio, com a espingardinha segura pela coronha, o cano apoiado á mão esquerda, fingindo procurar caça pelas frondes das laranjeiras, toda ella num disfarce, envergonhada...

Lucio ficou-se a olhal-a, sorrindo, até que ella desapareceu por trás de um tapume de sylvas em flôr. E permaneceu na mesma attitude, quedo como uma estatua. Quando cahiu em si, viu que antegosava em sonhos as deliciosas venturas que "aquele serzinho tão pouco" lhe reservava para um futuro não muito distante — porque lh'o apressariam as impaciencias da alma apaixonada.

Confiado no exito da sua primeira ousadia, Lucio pensou logo na segunda... Esperava uma occasião e a occasião não faltou nem se fez esperar muito.

Theodora tinha-se-lhe aproximado para pedir cartuchos, pois já se tinham acabado os que recebera. Lucio, sem que ella esperasse por isso, prendeu-a de novo e beijou-a, desta vez nos olhos...

Mas repelliram-se imediatamente, muito assustados ambos, ao ouvirem a voz do Coronel Azevedo: — Então, "vosmecê" por aqui!!

Os moços entreolharam-se boquiabertos, ella muito escarlate, elle, pálido, desfigurado, com a sensação de uma finissima agulha de gelo a entrar-lhe pela medulla da espinha. Voltaram-se para o lado de onde provinha a voz.

Lá estavam o Coronel e o Campos, muito espantados para alguem que se occultava por de trás de uma redonda copa de laranjeira nova. — Quem será?

Logo o souberam, pois D. Rosinha, visivelmente contrafeita, apareceu...

— Ella espiava-nos!... — pensou Lucio — Sabem de tudo! Inutil tentar esconder o que houve. Precipitaram-se os acontecimentos... Seja!

Já os tres velhos chegavam, cada qual mais perturbado, todos sem saber o que dizer, o que fazer, evitando os encontros de olhares, vexados, mudos, numa situação difficil, penosa, ridicula...

O Coronel foi o primeiro a recobrar o animo, e, para dizer qualquer cousa, para quebrar o silencio, dirigindo-se aos moços:

— Vocês sumiram! São horas do café. Vamos...

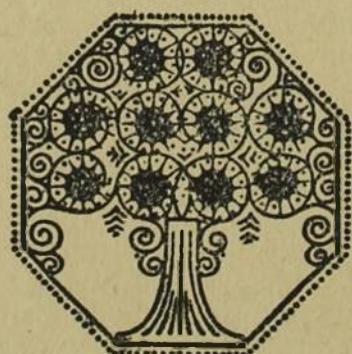
No dia seguinte Lucio e Theodora eram noivos, com o casamento marcado para o fim do proximo mez.

— Para livrar das duvidas! — disse baixinho o coronel, com a sua funda ruga na testa, quando D. Thereza lhe patenteou o seu espanto, por não comprehender muito aquella pressa toda...

Pela terceira vez D. Rosinha chorou pela filha. E, dias depois, o Dr. Siqueira, ao receber convite para o casamento :

— Doente... Lucio... Sã... Noivos! — Bello especifico o rapaz! Deixa estar que de agora em diante hei de receitar sempre um Lucio para cada Theodora doentia do collegio de freiras...

LUIZ GONZAGA FLEURY.





O ASSUCAR

Apalavra *assucar* ou *açucar*, como outrora se escrevia, procede do arabe *sukkar*. Apesar do latim *saccharum* e grego *sukcharon*, vocabulos que todo o mundo conhece por informações e citações dos diccionarios, as leis phoneticas só nos permitem aceitar um etymo com *u* tonico quer para o termo portuguez, quer para o hesp. *azucar*, ital. *zuchero* e franc. *sucre*. Este etymo é o arabe *sukkar*.

Na Ibero-Romania, o artigo arabe *al*, mudado por assimilação em *as*, vem, como de costume, incorporado ao substantivo. Facto analogo se nos apresenta em *açougue* de *aç-çuq*, *azeite* de *az-zait* e, com artigo não-assimilado, em *alface* de *al-hass*, *algodão* de *al-qutun*.

Provado que *assucar* se filia a um termo arabe, nem por isso deixa de inquietar a muitos o espectro de *saccharum* — *sakcharon*, fazendo-lhes crer que o idioma arabe teria por sua vez tomado o vocabulo, senão aos romanos, em todo o caso aos hellenos. E creêm isto sem primeiro averiguarem se o assucar era producto realmente conhecido e usado na Grecia, pois não é de presumir que se vulgarisasse o nome sem se vulgarisar a cousa por elle designada.

Nem todos se abalançam a declarar francamente o que pensam. O receio de errar leva a procurar uma formula incolor, com que de algum modo fique velado o raciocinio. Assim acontece que, em um dos melhores diccionarios da lingua franceza, encontramos a propósito de *sucre* esta explicação etymologica: "Tomado do arabe *sukkar*, que é o grego *sakcharon*, lat. *saccharum*.

Esta identificação não compromette os creditos do etimologista e é como se dissesse, tres nomes distinctos e um só assucar verdadeiro.

Mais decidido andou o autor do artigo *Sucre*, publicado na Grande Encyclopédie de Larousse. "Sucre, diz elle, do arabe *sukkar*, tirado do grego *sakkharon*."

A uma asserção tão categorica deveriam corresponder, na parte referente á historia do assucar, argumentos desenvolvidos e cabaes. Entretanto, a informação que se nos offerece é escassa, lacunosa e, até, disparatada ante a hypothese de ser a palavra arabe tirada da lingua grega. O que ahi aprendemos é apenas isto: a materia assucarada contida na canna era conhecida desde a antiguidade em Bengala; esta cultura e a extração do assucar foram importados na Europa na epoca das Cruzadas (Sicilia, 1230) e espalharam-se pela America desde o seu descobrimento, adquirindo ahi, graças ao clima e á mão de obra escravagista, um desenvolvimento extraordinario no seculo XVII. Seguem-se algumas palavras sobre a importancia actual do assucar da canna e sobre a extracção do assucar de beterrava promovida por Napoleão durante o bloqueio continental.

De maneira que, segundo o Larousse, a māi da criança é a India; mas a criança não tinha nome. Tomaram-na os serracenos e trataram de baptisal-a. Foram á Grecia e acharam quem lhe servisse de madrinha. Depois, passaram-na ás mãos dos Cruzados, os quaes lhe fizeram conhecer novos soes, novos climas, indo finalmente parar no continente descoberto por Colombo, onde medrou ás mil maravilhas e onde agora ostenta a sua incomparavel pujança.

Não ha duvida que o assucar veiu da India; mas chamava-se *çarkara* em sanscrito e *sakkara* em pradrito, das raizes *cri* "roto, "fragmentado", e *kara* "formando", e significava cousa fragmentada, pedrinhas, areia, etc. Os arabes alteraram o termo em *sukkar* e os gregos em *sakkharon*. *Saccharum* não é mais que a transcripção latina do vocabulo grego.

Quanto ao historico do assucar, as cousas não se passaram como se relata na Grande Encyclopédia. Consulte o leitor a obra de Zippmann, *Geschichte des Zuckers*, e verá que não exagero. Deste exhaustivo e muito bem documentado trabalho dou em resumo alguns pontos principaes, que aqui têm cabimento.

A materia adocicante usada entre os romanos, como entre os gregos, era o mel, o qual, segundo a crença da antiguidade, era orvalho matutino que se depositava sobre os ramos, sobre as folhas, sobre as flores, e as abelhas o recolhiam e levavam para as cellulas dos seus favos.

Hellenos e romanos nem cultivavam a canna de assucar, nem sabiam que do caldo espremido dessa planta pudesse o homem preparar substancia solida.

Naturalistas e medicos da antiguidade descrevem algumas cannas da India; porem da natureza e origem do sakcharon, importado, quando muito, para fins medicinaes, dão noticia tão curiosa, que mal poderemos identifical-o com o nosso assucar. Todos attribuem o sakcharon, ou mel concreto, a uma exsudação, endurecida ao ar, propria das folhas e tronco de certas plantas. Sabem tambem, desde Theophrasto, da existencia de um mel em forma liquida, ou caldo que se espreme de canna, e que na India serve de bebida. Mas não sabem dizer se ha alguma relação entre esta e o sakcharon.

Plinio, descrevendo minuciosamente as diversas cannas da India, não menciona entretanto a de assucar. Em outro lugar diz: "sakcharon vem da Arabia, porem o da India é preferivel; é mel que se ajunta na canna, branco como gomma, quebradiço entre os dentes, do tamanho da avellan, quando muito, e não tem applicação senão na medicina." Mas — facto curioso — nos diversos livros que tratam do preparo dos medicamentos, de balsamos, de poções, o autor só prescreve o mel *commum*.

Dioscorides, contemporaneo de Plinio, tratando das cannas, na Materia Medica, não faz a minima referencia á canna de assucar, porem, ao occupar-se do mel, observa: "Ha uma especie chamada sakcharon; é uma especie de mel coagulado da India e da Arabia Feliz, encontra-se em juncos, assemelha-se ao sal solido, e desfaz-se, como este, entre os dentes; dissolvido em agua e bebido, faz bem ao estomago e allivia os intestinos; é tambem efficaz contra os padecimentos dos rins, e, pulverisado, tira as turbações da vista."

Durante muitos seculos persistiram estas idéas obscuras, vindo o sakcharon da Arabia ou da India. Isidoro, bispo de Sevilha (morto em 639), ainda repete antigos erros: "Dizem que nos brejos da India crescem cannas, de cujas raizes se espreme succo doce, o qual se bebe." "Ha um mel nas folhas de certos juncos, semelhante ao sal e que se dependura das folhas; encontra-se na India e na Arabia." Paulo Aegineta, medico grego dessa epoca, refere: "Aquelle mel que vem da Arabia Feliz e se denomina sakcharon, não é tão doce como o nosso mel, possue todavia propriedades semelhantes, é bom para o estomago, mas não mata a sede."

Lippmann chega á conclusão que o sakcharon da antiguidade, já pelas descripções, já pelo seu emprego, não era o nosso assucar; além disso, como o assucar em forma solida só se tornou conhecido na India entre os annos 300 e 600 da nossa era, e provavelmente

mais perto desta ultima data, não poderíamos esperar encontral-o fora da India antes desse periodo. O mel de canna dos antigos seria o succo de bambu, e as referencias á exsudação de certas plantas permitem identificar o sakcharon com o tabaxir, que aparece nos entre-nós do bambu.

Em todo o caso devemos notar que os romanos e gregos não conheciam a India; mercadores dessa parte da Asia lhes traziam noticias dos productos e por ventura as traziam adulteradas.

Para nós aqui, esta questão é de importancia secundaria. O que nos cumpre apontar é que todos os escriptores gregos e latinos que tratam do assunto, affirmam unanimes ser o sakcharon producto exotico. Da India veio a fazenda e com ella o nome. Lá foram buscar uma e outra cousa os arabes. De *çarkara* fez o grego *sakcharon*; á prosodia arabe conveio simplificar a expressão india em *sukkar*.

Descoberto e conhecido na India o processo de extrahir assucar de canna, passou a cultivar-se a planta tambem na Persia Meridional e na Arabia. Depois estenderam os Arabes o cultivo ao Egypto, á Sicilia, ao sul da Hespanha.

Na Sicilia introduziram a cultura logo apoz a conquista (em 827); e taes progressos fez, que já no anno de 900 o assucar siciiano era consumido na Africa.

No reinado de Abd-ur-Rahmān III (912 961) toda a costa meridional da Andalusia estava coberta de esplendidos cannaviaes, sendo grande o consumo do assucar na fabricação de xaropes e conservas de frutas. O calendario de Cordova do anno de 961 menciona, entre outros, xaropes de rosas, de violetas, de amoras, de ameixas; xaropes e conservas de limões, de nozes, de funcho, de peras, de maçans, etc.

Por esta exposição rapidissima dos factos, vemos quanto é erronea a informação de Larousse, segundo a qual a cultura e extracção do assucar teriam sido importados na Europa na epoca das Cruzadas, isto é, no periodo de 1096 a 1270. Vemos ainda que herdamos a palavra *assucar* positivamente do arabe *as-sukkar* e que nem por sombra podemos filiar um ou outro termo a vocabulo grego ou latino.

Do arabe recebemos igualmente *alfenim*, procedente de *phâni* ou *phânita*, nome com que na India se designava o assucar bruto, impuro. Em lingua persa ha o vocabulo com a forma *fânid* ou *pânêd*, porem applicavel a diversas phases do preparo do assucar, inclusive o assucar branco purificado.

O nome propriamente persa do assucar é *kand*, que se applica em especial ao assucar puro, reservando-se *xeker*, tirado do indiano, ao assucar bruto. Escusado será dizer que ao termo persa se filia o nosso *assucar-candi*.

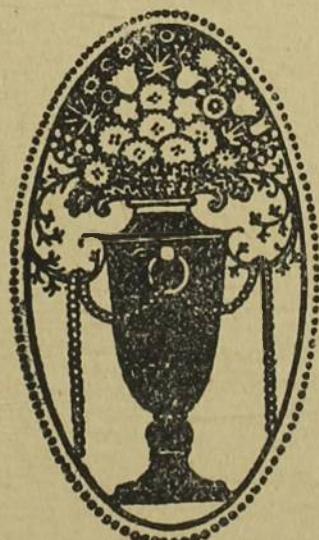
Porque se escreveu a principio *açucar* com *ç*? E' que *ç* ou *c* (antes de *e*, *i*) era a unica letra com que, na epoca do dominio musulmano, se apresentava a sibilante dental surda. Tiro esta conclusao do estudo dos textos de aljamia portugueza. E que valor tinham *s* e *ss*? O mesmo que *ch* e *x*. Com quaesquer destas letras se representava a chiante surda.

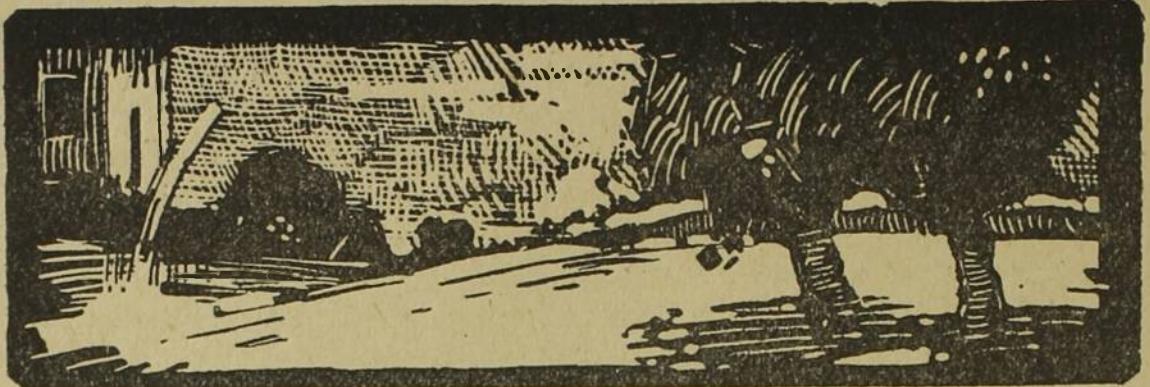
Se o leitor me permittir que substitua pelo nosso *x* o caracter arabe que representa a chiante, direi que, a julgar pela transcripcao arabe, o portuguez pronunciava *xamar* (chamar), *axar* (achar), *xenhor* (senhor), *xaber* (saber), *falxas* (falsas), *xerife* (xerife), etc.

Mas porque não representavam os portuguezes todos esses vocabulos com a mesma letra consonantal? Naturalmente por não ser phonetica a graphia daquelle tempo. A escripta portugueza fundava-se no conhecimento da lingua latina. Não havia nenhuma preocupação etymologica; mas a reminiscencia do latim, que levava a escrever *que*, e não *ke*, fazia tambem com que se graphasse *senhor*, *saber* e não *xenhor*, *xaber*. Por outra parte, aquellas palavras que tinham chiante, mas eram estranhas ao latim, faltando-lhes o freio da tradição, eram representadas com *x*, como *almoxarife*, *xarope*, etc.

A ser correcta esta theoria, devemos em todo o caso ter como certo que a pronuncia lusitana veio a modificar-se mais tarde.

M. SAID ALI.





CRÓNICA DE ARTE

FOLHAS MORTAS

O fim do Ano-Festivo parece, num vento propício, ter empurrado para as bandas paulistanas essas folhas mortas viageiras e inquietas que são os artistas. Janeiro floriu-se em pinturas por todo canto. Exposições ás dúzias. Algumas "das dúzias". Chamaram mais especialmente atenção as da pintora Regina Veiga, do snr. Carlos Oswald, de Arte Italiana e as dos artistas alemães domiciliados no Brasil.

Mas de minha frase inicial desgarra o atalho dum assunto que não me furto a trilhar. Os artistas esperarão, na confortável antecâmara dos meus próximos períodos, que lhes chegue a vez de exame.

Foi, com efeito, uma pena terminar o ano do Centenário! Tão pândego! Tão cheio de graças! E, principalmente, tão brasileiro! Este último foi para mim o aspecto mais divertido do Ano-Festivo. Não recebi graças nem gratificações. Não frequentei as festas centenárias; nem mesmo as realizadas em São Paulo. Não inaugurei nas inaugurações; não aplaudi conferências nem discursos; não devorei banquetes e não enverguei indumentária soleníssima nem fantasiei meu rosto com a máscara grata dos comparsas no séquito dos embaixadores. Tomei parte na parada de 7 de Setembro, porquê a isso me levou êssa curiosa circunstância, que jamais me canso de admirar, de ter eu nascido cidadão brasileiro. A única festa a que assisti de ânimo deliberado foi a queimada dos fogos de artifício. Tenho um fraco por êles. A bomba

arrebenta. Ecoa. E as luzes vivem no ar. — E' um castello. — E' uma mulher! Apenas porquê a menina do automóvel vizinho tem uns lábios que seria um gôsto... Fogo de artifício, fazes-me sonhar!...

Mas não frequento festas. Por isso talvez o que mais me diverti no Ano-Festino foi fazer-lhe a psicologia e verificar-lhe o carácter decisivamente nacional. Um homem deixava de realizar negócio importante. Eram dez contos de menos no bolso. Sorria num suspiro aliviado. — "Não faz mal! E' ano do Centenário." O estudante perdeu seus 12 meses de estudos. — "E' ano do Centenário. Não faz mal!" Aliás: houve poucas reprovações nos exames. Em quasi todas as escolas do pais usou-se o regime equalitário do tudo-passa. Emfim: nada tinha importância e muito menos o futuro. O snr. Epitacio Pessoa gastou os dinheiros da Nação e o burguês gastou os cobres da Família. Ano do Centenário! "Dansons la farandole!"

Está pois o leitor a concluir comigo que nada de mais verde e amarelo que o Ano-Festivo. O brasileiro é assim. Foi sempre assim. O "não faz mal!" concludente e laxativo é a grande maxima e a sábia filosofia deste povo mariqueiro. (Mariqueiro vem de Maricá — marquez por benemeréncia e pensador por ilusão... alheia). Mas o snr. José Maria Bello, falando uma vez dos homens de lingua portugueza, afirmou não sermos inclinados á filosofia aplicada que nunca percorreu mundo, para descanso e gáudio dos rebanhos. Mais oportuna ao mesmo tempo que refinada e finória. O scepticismo é a suprema elegância da filosofia de gabinete. Encontramo-lo no "não faz mal!" O optimismo é o quociente mais enxundioso e pachola do problema do ser. O "não faz mal!" confere-lhe exactidão. De que vale junto de tanta sabedoria o escuro snr. Bergson — o menos francês de todos os latinos? De que vale mesmo o "als ob" do snr. Vaihinger — outro tudesco que vive a alimentar a simplicidade crédula de seus patriícios com a brumosa melancolia dos misticismos sem razão? Qual! Nós somos o povo que alcançou a máxima filosofia com esta filosófica máxima: Não faz mal! *Dansons la farandole! Di doman non c'è certezza.*

Ora o Ano-Festivo quintessenciou a prática dessa filosofia. Por isso me penaliza ve-lo acabado. Foi o primeiro fruto ingênuo e popular das prédicas nativistas. Fomos nós mesmos. Fomos brasileiros, enfim! Mas... não faz mal que lá se tenha perdido no sentencioso corredor dos tempos a farândula desses 365 dias... Continuaremos sossegados, despreocupados e filósofos.

Estou a ver que si continuar nas muitas considerações a mim sugeridas por tão piscoso assunto ainda desta vez não falarei de arte. Ora para isso vim eu aqui. Falemos pois de arte.

As mulheres tomaram decididamente para si o lugar importante na pintura nacional. Nada menos de cinco mulheres, rica mente dotadas para a pintura, defendem agora a arte brasileira. Em primeiro lugar, e de muito superior ás outras, vejo a senhorinha Anita Malfatti — o mais curioso, o mais enérgico e vibrante temperamento feminino que possuimos. Temos ainda as admiráveis coloristas Zina Aita, de primeira ordem nos trabalhos decorativos, e a snra. Tarsila Amaral, cuja evolução nêstes últimos tempos é surpreendente. A consagrada snra. Georgina de Albuquerque tem valor. Mas esse valor pouco aparece porquê a pintora ainda confunde arte com natureza. Provêm de aí, ao contemplarmos quadro seu, um mal-estar pesado — a saudade pelas coisas naturais que ela procurou imitar e não conseguiu. Infelicidade? pobreza de meios? Nem tanto. Apenas porquê o homem não têm fôrças para realizar o belo natural. E' o castigo dum erro não confessado: a revelação da própria incapacidade — coisa dolorosa de verificar.

A pintora Regina Veiga coloca-se ao lado da snra. Georgina de Albuquerque. Mesma errónea concepção. Ha porém nos seus nús, na decisão de seu traçado e colorido, uma sinceridade conclusiva, proveniente da exaltação, do entusiasmo, do lirismo duma alma apaixonada. Por isso durante algum tempo se contempla sem tédio uma obra sua. Alem disso a pintora possuí já o conhecimento prático de sua arte. Falta-lhe a técnica espiritual.

Eu manifestaria as mesmas esperanças a respeito do snr. Carlos Oswald, não fosse êle pintor de carreira já feita e ideas já estabelecidas: Sua esplendida técnica, tanto na pintura como na agua-forte, acordará o respeito, devido a todo homem sincero; incitará mesmo a admiração dessa maioria que acredita ainda no malabarismo de Kiszt, d'um Ettore Tito ou de Emilio de Menezes. Mas sua arte raramente comove. Creio mesmo que comove por acaso. Distingui na sua exposição apenas dois retratos impressionantes e uma adorável paizagem. Obra de arte legitima conseguiu ele com sua agua-forte "Bananeiras". Trabalho fora do commun. Jogo de luzes e disposição perfeitas.

A Exposição de Arte Italiana reuniu alguns nomes mais ou menos falados dentro da Itália. Lembrei-me duma frase de Bernardo Shaw: "Modern Italy has, as far as I could see, no more connection with Giotto, than Port Said has with Ptolemy". A respeito dessa exposição, observou algum, ironicamente triste: "As obras ruínas dos bons artistas são mais desoladoras que as boas obras dos artistas ruins."

Exposição muitissimo curiosa foi a dos pintores alemães domiciliados no Brasil. A mais atraente, mais artística, mais fecunda em

muitos assuntos para um cronista. As outras repetiam-me enfadonhamente verdades estéticas de que estou farto. E eram uniformes. Monotonia. A exposição allemã apresentava uma variedade divertidíssima. Ia do excellente ao péssimo. Dum ecletismo necessário para que exposição houvesse — são poucos os artistas alemães aventurados fóra da patria — os organizadores dela aceitaram as tendéncias mais diversas. Dêsde o expressionismo ao academismo catita. Mas a disposição dos artistas em compartimentos diferentes, permitiu á exposição conservar uma unidade, impossível de alcançar num salão único. Cada artista viveu calmo e integral no seu domínio; e não se acotovelaram, em caretas de ódio e irritação, escolas e temperamentos antagónicos.

Alguns mortos lá estavam vivos, como Zimmermann com seus temas do sul do Brasil, técnico ilustre, Papf com suas orquídeas e a pintora Emma Voss com muito boas paisagens datadas de Munich.

Outro bom artista, este vivo, é o snr. Gerschow, aluno de Sovis Corinth. Expôz energicos carvões e dois magníficos retratos a pastel. Não apreciei suas paisagens. Mas ainda conservo a impressão viva de seus nus, duma utilização fortemente decorativa e ritmados com um pouco da elegante esbelteza de Hans von Marées. O snr. Jorge Münch é um criador de sensações deliciosas com suas pequenas fantasias coloridas. Apesar da tal ou qual falta de composição delas, revelam no pintor uma cromática inesperada, de exquisita atracção. E' porém nas decorações teatrais que vibra o genuino talento do snr. Münch. Os scenários para Hamlet são duma arquitectura irrepreensivel. Lembraram-me Schumacher. A' trágica, tão simples disposição dos volumes (preparação e comentário do drama formidável) o sombrio colorido dos primeiros quadros até o desvario das cores requintadas dos últimos (alma de Hamlet evolucionando da dúvida escura para a certeza que o afeleia e desgarra da razão). Porquê ainda aqui o instinto da cor deu aos scenários do artista uma força de evocação notável. Entre aqueles verdes raros, vi Ofélia cantarolar, cheia de flores, louca.

Mas — é regra de interesse — o melhor guarda-se para o fim. E o melhor da Exposição Alemã são os trabalhos do escultor Haarberg. Wilhelm Haarberg é inegavelmente um dos melhores artistas de São Paulo. Sobre a base duma técnica riquíssima construí a verdadeira escultura. Todas as suas obras têm aquela feição de monumentalidade, directamente arquitectónica, adquirida pela moderna escultura, depois de ter compreendido a lição dos egípcios e dos negros. Mas o snr. Haarberg não arcaiza propositadamente como um Millès ou um Bourdelle. Nem se aproxima no excesso dos negros, como Wildt. E' expressionista e vem da gloriosa Munich anterior á Guerra. E' um amante do volume; e consegue tirar

dêste variadíssimas expressões, capazes de nos transmitirem todos os estados de seu eu interior. É calmo e possante em Mutter und Kind, é sereno e piedoso na Heilige Madona. O seu David é um símbolo ao mesmo tempo que uma ironia quasi sarcástica, de vemente dor. Salienta-se ainda a Granada de Mão, admirável nú, elástico e vigoroso, dum ritmo impressionante. Pouca gente estilizará a criança com mais verdade sintética e amor que o sr. Haarberg. A cabecinha de Anne Marie, chorando, é porventura o melhor trabalho do escultor.

Além de artista o snr. Haarberg é excelente professor. Imprimiu uma orientação clarividente ao seu curso de plástica na Escola Alemã, e os trabalhos expostos, de seus pequeninos alunos, deram á exposição uma de suas mais vivas atracções. Com que tristeza me pus a comparar esta gente mal instruída brasileira, que não pode ver um desenho sem perguntar "Onde estão os olhos?", com êsses meninos educados na justa noção de arte, capazes de compreender a escultura como o jôgo da luz no volume!... Amargor! Mas, não faz mal! O sentimento de humanidade vencerá talvez um dia o préconceito das pátrias restrictas. Esses meninos serão homens em breve; e é pelo exemplo de espíritos assim educados que o gôsto artístico da humanidade progredirá.

MARIO DE ANDRADE.





SACY - PERERÊ

AINDA me lembro! O rio, ao lado; a matta,
florida de quaresmas outomnaes,
negrejando, lá longe, na hora exacta
em que os astros, no céo, brilhavam mais.

Noite bella de trópico, luzente
de vagalumes e de estréllas de ouro...
Na humida varzea, ao pé, soturnamente,
coaxavam sapos com rythmos de agouro.

Do varandim da nossa casa antiga
que espiava para o esplendido pomar,
tinha para a paisagem, minha amiga,
um modo todo meu de a namorar.

Súbito, um assobio, longo e fino,
e mais outro, alternando-se á distancia...
“E’ o Sacy Pererê!” E, em desatino,
sumia-me, arrepiado, de ansia em ansia.

*Minha Māe, que gostava desse mēdo
para que eu fôsse, trêmulo, dormir,
lá vinha, e m'o apontava no folhêdo,
feio e tôrvo, o ôlho em fôgo a reluzir.*

*Pela imaginação, ardendo em chamma,
via o ambiente inteiro coruscante:
eram luzes movendo-se na grama,
sombras cruzando-se, de instante a instante.*

*No balseiro mais denso, quasi perto
á cerca emmaranhada de cipó,
enxergava-o até, negrinho e esperto,
gingando o corpo numa perna só.*

*...E o assobio a assobiar, sempre assobiando
na doçura da noite embalsamada...
Da cama, agora, o ouvia, a quando e quando,
sem tugir nem mugir, sem querer nada.*

*Oh, se me lembro! E que saudade enorme
desse proprio pavôr que já senti!
da voz de minha Māe: "Meu filho, dorme...
O Sacy Pererê vem por ahi..."*

ILDEFONSO FALCAO.

Bremen, 1922.

(Do livro "Canticos do Tropico")

PEQUENOS PSALMOS

I

*Veste-se toda de negro. Ella é a Melancolia
que passa, humildemente, tendo á mão
um cantaro para chorar as lagrimas puras.
Aquellas vestes negras vestem seu coração.
Ella não imagina quanto me commove sua melancholia!*

II

*Sou anonymo como num jardim cheio de rosas
as obscuras violetas. Ella passa pelo jardim...
Pode fitar todas as flores, mas não pode
fitar-me a mim,
a mim que sou como as obscuras violetas,
sob a sombra silenciosa do jardim...*

III

*Lendo estes versos que são todo o meu perfume,
ha de se commover naturalmente,
e ha de querer saber quem é esse que lhe escreve
com a mão tremula, muito leve, muito leve...
Mas nunca saberá. A rosa que dá o perfume,
devendo offerecer o mysterio, não deve
revelar o segredo amavel da semente.*

Eu ficarei como ha de ficar um perfume...

IV

*E dos seus labios silenciosos descerá
essa pergunta inquieta que todas as mulheres fazem
a si mesma: — “Quem será?”*

V

*E eu, que sou anonymo, ficarei mais anonymo,
lendo-lhe nos olhos tristes toda a melancolia.
Ella vem todas as horas á beira azul do lago
desfolhar sobre as aguas os lyrios de suas maguas,
numa lenda que é o seu melhor motivo de agonia.*

VI

*As lagrimas são mais puras do que o orvalho
das manhãs. Vêm de uma fonte ignorada.
Amanhece... Em sua alma é madrugada,
mas ella traz a noite nos olhos e no coração.*

VII

*Todas as noites em que seus olhos se voltam para o ceu,
chorando para Deus novas lagrimas, imagino
a grande felicidade dos noivos que morreram,
uma felicidade sem destino.*

A sombra que o seu vestido negro vae deixando sobre as almas...

OSWALDO ORICO.





O EXERCITO RUSSO SOB O REGIMEN DOS SOVIETS

O exercito russo, em principios de 1917, estava profundamente minado pela propaganda revolucionaria desenvolvida quasi que livremente nos depositos do interior para dahi se espalhar entre os corpos combatentes, levada pelos reforços que se destinavam a recompor as unidades dizimadas.

Foi neste organismo já sem alma que Kerensky deu o golpe de morte com o seu famoso "prikase n.º 1" que destruia pela base a disciplina militar. D'ahi em diante, do antigo exercito russo nada mais subsistiu. Os soldados, preoccupados com a projectada divisão das terras, abandonavam o "front", vendendo, para viverem, equipamento, armas e munições. Regimentos de artilharia houve, que venderam cavalhada e material, este ultimo pelo peso do ferro, para obter recursos para a propria subsistencia. A revolução bolchevista de Outubro não encontrou a menor dificuldade em subjugar nesta completa derrocada material e moral, o fraquissimo governo provisorio, que tudo destruia sem nada reconstruir. Os discursos eram, nessa época, a grande panacéa para todos os males. Nada resolviam, mas serviam de pretexto para as discussões dos inumeros soviets que então se multiplicavam e que disputavam entre si a palma da incompetencia. Foi nestas conjecturas que Lenin e Trotsky, auxiliados por Lunacholski, Tchitcherine, Kamenew e um grupo decidido de communistas, se apoderaram do governo.

O que tem sido o regimen instaurado por elles, nós todos o sabemos hoje mais ou menos, pelas noticias que até aqui escassamente chegam. O que menos se conhece, porém, é o trabalho ingente iniciado e hoje praticamente levado a cabo por Trotsky para dotar a Russia vermelha de um exercito capaz, não sómente de defender a ordem interna e a integridade territorial do ex-Imperio, como tambem de servir aos planos offensivos dos Soviets. E' este trabalho que vamos tratar de expôr summariamente, de modo a dar uma idéa do conjunto do que é, neste momento, o exercito russo. Examinemos rapidamente as suas successivas transformações organicas, materiaes e moraes. Os bolchevistas, ao escalarem o poder, começaram naturalmente por acabar de destruir o que restava das forças militares do antigo regimen.

Isto convinha á sua politica, e assim lisongeavam tambem o espirito demagogico dos chefes do partido proletario em que, a principio, se apoiaram. Ao mesmo tempo se constituiu uma guarda vermelha, cujos regimentos de "élite" eram formados de Lettões ou de Chins; esta guarda serviu de arca-bouço ao novo exercito, cuja massa se constituia de milicias proletarias com direito de eleger seus officiaes.

Inutil é demonstrar aqui que esta primeira e rapida organisação só teve por fim garantir o regimen dos soviets contra as tentativas dos inimigos internos. Não tinha absolutamente em vista assegurar a integridade territorial do paiz, que era julgada secundaria. A propaganda visava exclusivamente o internacionalismo e os chefes do movimento marxista esperavam ainda ver todos os povos adherirem aos principios da 2.^a, e, posteriormente, da 3.^a Internacional. Infelizmente para elles, felizmente para os vizinhos, esses sonhos foram rapidamente dissipados.

Theorias que podiam medrar n'um povo de civilisação, sob muitos aspectos, oriental, e em que a existencia da personalidade é geralmente um mytho, não podiam vingar entre nações de civilisação occidental, de ideaes praticamente oppostos, e, em que, muitas vezes, um individualismo mal entendido sobrepuja os interesses da collectividade. O resultado foi que os leaders do movimento communista russo foram pouco a pouco perdendo as illusões de uma possivel revolução mundial. E' mesmo provavel que, devido ás circumstancias e á falta de vontade e seguimento de idéas dos slavos, os soviets já não mais existissem se não tivessem sido amparados pelos israelitas russos, tenazes e praticos, e que se devotaram de corpo e alma á causa da revolução. Entre elles surge, como figura do primeiro plano, o celebre Trotsky, secretario de estado da guerra, reorganisador do exercito russo e rival temido de Lenine. Este homem consagrou-se inteiramente ao apparelhamento dos seus para a luta, e, comprehendendo que não bastava preparar um instrumento defensivo, para tornal-o efficiente, converteu-o em elemento offensivo logo que as circumstancias o permittiram. Norteados por esta directiva, Trotsky poz mãos á obra e creou o novo exercito, que, hoje em dia, parece ser o mais forte da Europa depois do francez e que, apezar da situação critica em que vive a Russia, constitue uma séria e continua ameaça para os seus vizinhos do Oeste, como a Polonia e a Rumania.

Depois da derrocada de 1917 e do anniquilamento de todos os factores moraes e materiaes que constituiam a força do antigo exercito, era necesario, para reconstituir-o, recomeçar partindo da base, porque nada mais existia. Não bastava reorganisar, o que já não é uma tarefa pequena, mas era igualmente necessário crear novas forças moraes n'um paiz em que só o ideal communista imperava, como tambem crear uma industria de guerra que desse á Russia sovietica completa liberdade de acção em caso de guerra.

Vamos ver agora, succintamente, como Trotsky realizou os tres "desiderata" que acabamos de expor.

a) *Organisação do novo exercito.* A necessidade de substituir a guarda vermelha e as milicias operarias commandadas por officiaes elegiveis, impoz-se logo, desde 1918 á attenção do chefe dos negocios da guerra. Pareceu a Trotsky ter sido sufficiente o desabafo do espirito demagogico e revolucionario e começou a estudar os meios praticos para iniciar a reacção necessaria. A tarefa era ardua e teria levado sem duvida muito tempo se as tentativas successivas de Kolchak, Denikine e Wrangel não o tivessem vindo auxiliar poderosamente nos seus intuitos. Os successos iniciaes dos adversarios dos Soviets, operando com forças relativamente fracas e pouco organisadas, vieram patentejar aos olhos de todos, mesmo dos mais prevenidos, a necessidade de tentar alguma cousa para constituir forças capazes de levar a cabo operaçoes de guerra. Por outro lado Trotsky se desfazia dos elemen-

tos ultra revolucionarios que constituiam a guarda vermelha e as milicias proletarias, mandando-as enfrentar as forças da contra-revolução. O resultado não se fez esperar. Os milicianos que escaparam á sorte dos combates, julgaram sem duvida ter prestado bastantes serviços á causa e d'elles não se ouviu mais falar. A Russia é grande e tambem tem sertão...

Trotsky, livre desse embaraço, poude começar immediatamente o seu trabalho, tratando de angariar soldados e de formar officiaes que os enquadrasssem. Para obter soldados, preparou nova lei de recrutamento que hoje se acha em vigor e que é, com maiores exigencias, a antiga lei de conscripção russa. Prevê não sómente a conscripção militar como também a conscripção operaria para fins determinados.

Não bastava ter soldados. Trotsky comprehendeu em boa hora que só por uma solida disciplina poderia ser mantido coheso e forte o tremendo machinismo que estava preparando. Voltou então a ver a luz o velho codigo militar russo, porém aggravado em muitos dos seus artigos e adaptado ás condições vigentes.

Feito isto, faltava enquadurar a tropa. Foram então reabertas as escolas de cadetes e a escola de guerra, e todos os officiaes do exercito imperial foram obrigados a servir nas novas unidades. Se tentavam fugir, eram fuzilados e se conseguissem o intento o mesmo acontecia ás suas familias que serviam de refens. E' assim que vimos Broussilow, o grande general do antigo regimen, commandante em chefe de um grupo de exercitos durante a guerra de 1914, e ajudante de campo do Tzar, obrigado a assumir o commando supremo do exercito sovietico durante as operações contra Devikine. E' hoje o braço direito de Trotsky.

O resultado não tardou muito e hoje em dia o exercito russo, constituído em exercitos, corpos de exercito, etc... tem um effectivo de paz de 600.000 homens, da activa, nos quaes estão incluidos unidades especiaes, como sejam regimentos de aviação e tanks, aos quaes temos que juntar 400.000 guardas-fronteiras, cossacos, unidades da tchéka (gendarmeria) e nucleos-communistas. Quanto ás reservas, orçam, como facil é verificar, em cerca de 10 milhões de homens.

Foi este arcabouço que permittiu ha pouco a Tchitcherine provocar o rompimento da conferencia de Lausanne por parte da Russia, graças ás suas exigencias em relação aos Estreitos e que a Inglaterra julgou inaceitaveis; foi tambem elle que permittiu aos russos a recente declaração de apoio aos allemães, por occasião da ocupação do Ruhr pelos franceses, ordenando ao mesmo tempo a mobilisação de cinco classes. Ainda mais, graças á "ultima ratio" dos Soviets, vimos o General Lebedeff causar intensa emoção entre os peritos dos estados fronteiriços, no decorrer da conferencia sobre limitação de armamentos reunida em Moscou em 10 de Dezembro de 1922, pela sua declaração de que os calculos russos de effectivos tinham por base uma estrategia offensiva. A esta declaração o delegado polaco, coronel Pishot, respondeu que a estrategia dos estados fronteiriços tinha exclusivamente por fim a defensiva e que não cogitavam de offensiva. — Impressionante contraste!

b) *Factores moraes.* Para dar cohesão ao immenso corpo sem alma representado pela Russia de 1918, era preciso fazel-o voltar ás suas tradições historicas abandonadas em má hora pelo sonho marxista. Tarefa ingente e difficilima. N'este particular os aliados auxiliaram efficazmente os esforços de Trotsky pelas suas intervenções em Mourmansk, na Bessarabia, em Bakou, Wladivostok, etc.... e pelo apoio dado abertamente ás forças contra-revolucionarias que sem isto talvez tivessem conseguido esmagar no inicio o governo sovietico. Estas intervenções dos aliados foram feitas com as

melhores intenções, mas constituiram um erro de psychologia, não levando em conta o sentimento de repulsão que qualquer intervenção estranha devia causar ao povo russo. Este sentimento foi habilmente explorado por Trotsky, que começou a fazer vislumbrar aos seus subordinados a possibilidade da continuação da velha política nacional. Por este meio foi angariando a confiança de muitos que, no inicio, só serviam forçados e constrangidos no exercito revolucionario e que hoje são os seus melhores esteios.

Objectivemos com um exemplo: é da ultima manifestação da attitude internacional da Russia na conferencia de Lausanne a respeito da liberdade dos Estreitos. A posição da Russia é antagonica á dos aliados, porque enquanto estes reclamam a liberdade dos Estreitos, aquella exige o seu fechamento. E' a mesma politica de Nicolao I e exige o respeito do tratado de Unkiar Skelessi de 1833. Ora, do fechamento dos Estreitos decorre a completa invulnerabilidade da Russia pelo Sul. O projecto russo contem 22 artigos que têm por fim constituir um obstaculo intransitavel em frente ás costas russas. Em tempo de paz os Estreitos ficarão interdictados aos navios de guerra, aviões de combate, e aos submarinos de todas as nações, exceptuando a Turquia. Excepcionalmente em tempo de paz e para fins determinados, a Turquia tem o direito de franquear a passagem n'um ou n'outro sentido a navios de guerra de 6.000 toneladas no maximo (submarinos exceptuados). Inutil é accrescentar que os Turcos estão de accordo com os Russos, tendo apresentado no dia 18 de Janeiro um projecto evidentemente inspirado por elles. A coalisão dos vencidos apparece a cada passo. Resta saber a influencia de Berlim n'estas manifestações que se sucedem desde a malograda conferencia de Rapallo.

Talvez a intervenção directa dos allemães na reorganização industrial e militar da Russia, consiga esclarecer alguns pontos dubios sobre a concatenação de esforços do grupo russo-allemão que se observa de algum tempo para cá, em prol de um *fim communum*.

c) *Reorganização industrial* — Os russos por si só seriam incapazes de levar a cabo a reorganização industrial da Russia, especialmente no que diz respeito a industria de guerra, e era esta quasi que exclusivamente o que lhes interessava. Eis o motivo por que numerosos allemães, avaliados já em inícios de 1922 em 10.000 approximadamente, em documentos da Directoria da Terceira Internacional, tinham assentado praça no exercito vermelho. Ulteriormente quadros compostos de officiaes combatentes e technicos foram mandados á Russia pelo governo allemão. O numero exacto d'estes ainda não é bem conhecido.

O que não soffre duvida, todavia, é que a actividade militar allemã na Russia está toda orientada para o lado industrial. As usinas de guerra, paradas desde a revolução, reabriram todas ha pouco tempo e estão entregues na sua totalidade a engenheiros allemães. As usinas Putiloff, em Essen, as maiores do mundo, reencetaram as fabricações de material de guerra e estão entregues á direcção da casa Krupp. Lá foi creada em 1922 uma importantsíssima usina de gazes de combate, cuja producção deve satisfazer a todas as necessidades do exercito russo. Na marinha se dá o mesmo. Todas as unidades da antiga marinha imperial, muito deterioradas, é verdade, mas, não obstante, existentes, foram entregues a direcção allemã, que as está reformando e pondo em bom estado de navegabilidade. Com as construcções feitas durante a guerra é a Russia actualmente a quarta ou quinta potencia marítima do mundo. Ora, esta armada continua com a bandeira dos soviets, é verdade, mas praticamente passou para a mão dos allemães com seus estaleiros e arsenaes.

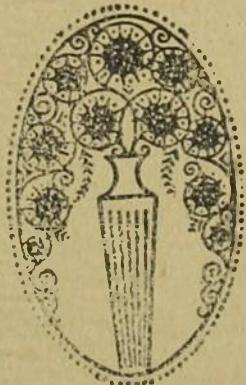
E' de notar que a Russia, não contente com este reerguimento da sua industria de guerra, tem feito ultimamente numerosas e avultadas encom-

mendas á Allemanha, de aeroplanos, fuzis e metralhadoras, polvoras e explosivos, etc. etc.... Por outro lado ha um avultado intercambio de missões militares entre os dous paizes: General Bauer e Major Schubert, na Russia; Generaes Lojocef e Swetchine na Allemanha, assim como representações de todas as patentes do exercito vermelho no acampamento de Arys onde treina o "Reichsheer".

O menos que se possa concluir de todos os indicios que enumeramos, é que a attitude do grupo germano-russo não pôde deixar de nutrir projectos de cooperação militar, logo que a occasião parecer azada. Assistimos actualmente ás consequencias da rivalidade entre os aliados e á falta de descortino da Inglaterra, ás voltas com as suas difficuldades internas. E' o primeiro acto depois da conferencia de Rapallo. Deus permitta, para bem da humanidade, que o drama não prosiga com o seu horrivel cortejo de desgraças.

C. TORRES GUIMARAES.

NOTA DA REDACÇÃO: — O nosso compatriota, autor do presente artigo, serviu como official no exercito francez, durante toda a guerra de 1914 a 1918. Por occasião do armisticio era *Chef de bataillon*, e commandava no sector da Champagne (Exercito Gouroud). Em 1919 teve sob as suas ordens 6.500 russos, das forças que combateram em França e que foram repatriadas em principios de 1920.



BIBLIOGRAPHIA

Leopoldo Marechal — LOS AGUILUCHOS, poemas — Edição de Manuel Gleizer — Buenos Aires, 1922.

Uma qualidade bem dispensavel para o poeta desta época é a eloquencia. A arte literaria é hoje toda feita de analyse, e as ideias devem ser expressas em periodos curtos, em phrases incisivas. O verso tem de ser conceituoso, e tanto melhor e mais perfeito é o verso quanto maior numero de conceitos pode conter, sem sacrificio, já se vê, da belleza e da variedade de sons. A eloquencia, que se obtém á custa de palavras sonoras, que nem sempre representam um valor indispensavel na estrophe, de imagens e de abundante adjectivação, é incompativel com o conceito, tal como o reclama a curiosidade dos leitores intelligentes: curto, claro, incisivo. A eloquencia era indispensavel na phase romantica, porque então a poesia não era senão vôo e arroubo, musicas e sonoridades. Hoje a poesia é mais intellectual e menos instinctiva.

O sr. Leopoldo Marechal é um poeta eloquentissimo. Dotado de muita imaginação, caloroso e dispendo de uma lingua rica e abundante, tira elle effeitos que lembram por vezes os grandes poetas do romantismo. E' esse o seu feitio, e nós não lhe vamos á mão por isso. O que seria para lastimar é que elle, para seguir as correntes da moderna poesia, amputasse as azas á imaginação, contrariando a sua natureza e o seu forte temperamento artistico.

Entre os poemas de que se compõe a bella collectanea, encontra-se um episodio biblico. "Las hijas de Loth", inspirado num capitulo da Genesis. E' uma composição dialogada, toda em versos endecassyllabos, e feita com muito talento. Só uma coisa não nos agradou: foram as marcas theatraes de que o poema está cheio. Aquellas marcas "Evocando", "Com tristeza", "Com pena", "Arrebatada por la pasion", "Temblorosa", e muitas outras mais, sobre não representarem nenhum valor na composição têm a desvirtude de tornar prosaica a dialogação, que é feita com tão intensa poesia. Não nos queira mal o poeta por esse reparo.

Carlos Alberto Leuman — LA VIDA VICTORIOSA — Novella — Agencia de Libreria y Publicaciones — Buenos Aires — 1922

O autor dessa excellente novella pôde figurar entre os melhores escritores argentinos. Tem observação, estylo, e essa coisa rara — personalidade. "La vida victoriosa" está cheia de episodios vividos, flagrantes de

vida, e por isso empolga a atenção do leitor desde os primeiros capítulos. O autor, em vez de compor o seu romance segundo os processos usuais, preferiu pôr toda a narração na boca do principal personagem, e é este quem, na primeira pessoa, conta as vicissitudes que passou na vida, mez a mez, dia a dia, todas as suas torturas morais e esperanças enfim realizadas, até ao desfecho, que é habilmente urdido.

O título, ao nosso ver, não nos parece muito justificado, porque, em rigor, correando a ação em torno de um amor, amor vitorioso, que venceu todas as provas, que sobreviveu a tudo e que, por fim, ainda é invocado como a única razão de ser de uma existência, "amor que surge, surgirá siempre, como un alba en la noche", elle é que deveria dar título ao romance.

Mas isso não tem importância, nem, para falar verdade, teimariamos em afirmar a justeza da nossa opinião, e seria petulância da nossa parte querer que todos bitolem o seu gosto pelo nosso. O que importa — e isso afirmamos com sinceridade — é que o romance foi escrito com muito talento, e nela revela o autor qualidades raras de escritor e romancista.

Acacio França — ESCORCHA DE UM CABOTINO — Crítica e linguagem — Bahia — 1922.

E' este um livro de polémica, interessantíssimo, e nela revela o autor conhecimentos muito seguros do vernáculo, ao par de uma alta dose de azedume contra os seus odiados adversários. Em rigor, elle só tem um adversário, que é o sr. Altamirando Requião, conhecido jornalista bahiano, contra o qual investe com violência, fazendo dele o alvo das suas zangadas impiedosas. Este gramático bahiano, como se sabe, tomou à conta o emerito polygrapho sr. João Ribeiro, a quem nega talento, estylo, saber e vernaculidade. A "Escorcha de um cabotino" é a defesa do sr. João Ribeiro contra o sr. Requião. A defesa é bem feita e o livro é digno da leitura dos estudiosos da língua.

Yaynha Pereira Gomes — FOLHAS QUE CAEM — Versos — Casa Mayença — S. Paulo — 1922.

Dentre as poetisas da moderna geração em S. Paulo, esta ocupa indiscutivelmente um dos primeiros lugares. Tem talento, imaginação, gosto, e sabe exprimir no verso as suas idéas com simplicidade, o que é coisa rara. Porque em geral os nossos poetas, exceptuando os da primeira plana, lançam mão de expressões e imagens artificiosas para encher a estrofe, completar o verso e justificar as rimas, e a idéa lhes sae emaranhada, quasi incomprehensível, de dentro do aranhola em que se afoga. A simplicidade, interessante as suas composições.

Ella cultiva de preferencia os versos de rythmo livre e as poesias desse género são as melhores do volume. Falta-lhe forma, e a língua ainda a tem imprecisa. No soneto que abre o volume, intitulado "Portico", que, por ser o pano de mostra, deveria apresentar-se escorreito e apurado, ha oito versos agudos nos quartetos, o que é inadmissível. O soneto todo em versos agudos, só era permitido no género satírico, e foi Bocage o creador dessa moda. Hoje, nem nesse género é mais admittido. A poetisa não procura evitar as homophonias, que se encontram a cada passo no volume. Exemplo:

"Tudo se envolve de cinzenta bruma;
Um silencio profundo
Em que a gloria dos seres se consuma,
Lento e lento se alastrá pelo mundo.

Todos esses senões e outros mais são facilmente corrigiveis, nem isso diminue o valor do livro, onde se encontram lindas composições, reveladoras de um raro engenho poetico.

*Lucilo Varejão — DE QUE MORREU JOÃO FEITAL —
Romance — Edição de Monteiro Lobato e Comp. — São Paulo, 1922.*

Lucilo Varejão é um nome assaz conhecido em nossas letras. Sua obra já orça por uma meia duzia de volumes. O romance é o genero que prefere, e não anda errado o autor dedicando-se a esse genero, porque tem realmente qualidades para romancista. Obtido o assumpto, escolhidos os personagens que hão de movimentar a accão, estudados os episódios que vão concorrer para o effeito da novella, entrega-se este escriptor á tarefa e a vae executando sem pressa nem precipitação, tendo o cuidado de não perder de vista o leitor, para quem escreve. E o facto é que logra despertar a curiosidade do leitor, entretel-a agradavelmente através da successão dos factos que se desenrolam e leval-a até ao fim, até ao desfecho, que é sempre bem urdido. "De que morreu João Feital" é o melhor dos seus trabalhos, e a prova disso é que, tendo sahido do prelo ha poucos dias, já se acha quasi exgottada a edição.

A edição, como todas as que saem das officinas de Monteiro Lobato e Comp., é muito cuidada e elegante. A capa é um bello trabalho d'arte de J. Prado.

*Alvaro Moreyra — UM SORRISO PARA TUDO... — 3.^a
edição — Monteiro Lobato & Comp. — S. Paulo — 1923.*

Dentre os escriptores da moderna geração, Alvaro Moreyra é um dos mais interessantes e dos mais lidos. "Um sorriso para tudo...", que agora aparece em 3.^a edição, — uma lindissima edição, que bem evidencia o gosto dos editores e os recursos das suas ricas officinas — é a melhor prova disso. O que é para admirar é que o escriptor, que só escreve para leitores de "élite", se tenha tornado popular em tão pouco tempo. Neste volume encontra-se de tudo, menos o conto, tal como o comprehendem os leitores habituas deste genero. Os seus contos são compostos de uma forma originalissima, onde ha sempre uma surpresa, onde ha sempre algo novo e inesperado. O autor é dotado de um excepcional senso de observação de homens e coisas, e é com isso que elle obtem o melhor dos seus effeitos. A esta faculdade allia elle qualidades raras. Sua lingua é sempre apurada, tratada com carinhos meticulosos, e o seu estylo tem um cunho muito pessoal.

Um aspecto apenas entrevisto, uma scena da rua, um estado d'alma, um episodio da vida, uma ironia, um sorriso, um gesto, mil coisas que passam despercebidas a todo mundo, nugas em que ninguem demora a attenção, são os elementos com que elle faz a sua arte, arte sempre original e de effeitos surprehendents. Alvaro Moreyra occupa, em nossas letras, um logar seu, absolutamente seu, que ninguem lhe disputa e do qual ninguem pôde, com segurança, avisinhar-se.

*Antonio Ferro — A IDADE DO JAZZ-BAND — Conferencia
— Monteiro Lobato e Comp. — S. Paulo — 1923.*

Não sabemos o que pensar e muito menos o que dizer deste escriptor portuguez que, em Portugal e Brasil, conquistou uma reputação de cartaz. Através das suas letras não se sabe se tem cultura, nem funda nem de superficie, não se apanham nitidamente as suas idéas, nem se logra saber ao certo o que elle pensa da vida. Isso, que em qualquer outro escriptor constituiria grandes defeitos, transforma-se, nelle, em qualidades. A sua prosa fala mais aos ouvidos que á intelligencia. Entretanto, que prodigiosos effeitos que elle tira dos seus conceitos inverosimeis, dos seus paradoxos desvairados, do jogo de sons com que sonorisa as phrases, das suas surprezas de expressão, do seu malabarismo de palavras! Tudo isso, com que elle joga com uma pericia phantastica, dá idéa de pélas de cor, feridas de luz, gyrando sobre si, subindo e descendo, mudando de cor e tamanho em cada movimento vertiginoso, para voltar de novo, doceis e quietas, á mão do malabarista de feeria que com elles se diverte.

Antonio Ferro é o chefe da escola futurista de Portugal. Como futurista, dizem os iniciados do novo credo artistico, elle é a ultima palavra, e, para usar de uma expressão de ultima moda, é o succo.

A edição de Monteiro Lobato e Comp. é um primor de graça.

Luiz Silveira — DISSERTAÇÕES — S. Paulo — 1922.

As "Dissertações", de que constam o volume do sr. Luiz Silveira, foram apresentadas á Faculdade de Direito de S. Paulo como these de concurso para o provimento do logar de professor substituto da 5.^a seccão, de que o autor é candidato. A's suas theses: "Quaes os principios scientificos a adoptar na formação da legislação social do Brasil?" e "Qual a natureza juridica das relações que se estabelecem entre o Estado e os funcionários publicos?" o distincto candidato responde brilhantemente, discorrendo sobre todas as questões que a ellas se prendem, com abundancia de considerações, com proficiencia e segurança, revelando, a cada passo, as suas opiniões pessoaes e defendendo com eloquencia o seu ponto de vista pessoal. A proposito das theorias georgistas, o seu fundamento e as correntes scientificas sobre o problema da terra, que são, ao nosso ver, a parte mais interessante do volume, o sr. Silveira não fez mais do que synthetisar o muito que já escreveu sobre o assumpto, do qual se tornou um notavel especialista.

Não ha quem, no paiz, que, interessando-se por esses problemas, que são de uma palpitante actualidade, não seja obrigado a recorrer aos artigos do sr. Silveira, que são, em nossa lingua, a mais abundante fonte de idéas e de informações.



NOTAS DO EXTERIOR

As tendencias novas. Alguns nomes e alguns livros. Alberto Rangel. João Ribeiro. Amadeu Amaral. Monteiro Lobato.

A VIDA LITERARIA. AS LETRAS BRASILEIRAS

Já vae quasi para dez annos que, numa roda bastante restricta onde liamos autores brasileiros, propunhamos a nós mesmos, Philéas Lebesgue e eu, este problema que é hoje inteiramente actual, e que então não tentavamos aprofundar, o da evolução e do futuro da lingua portugueza na America.

Estavamos ás voltas com as paginas, para nós bastante difficeis e, entretanto, sedutoras, deste pequeno volume de Alberto Rangel, o "Inferno Verde", de um exotismo directo, e, se se pode dizer, de uma sobriedade crua, que devia os seus effeitos a um estylo extremamente pessoal, trabalhado, todo de vocabulos raros ou com allianças de vocabulos raros.

Era incontestavel que os processos usados por este escriptor contribuiram para tornar mais intensa a evolução das paragens amazonicas, que a surpreza dos termos ou o esforço das construcções sugeriam mais vivamente as violencias e as particularidades da terra e das aguas equatoriaes, o que não seria conseguido por meio de descripções doceis ás regras correntes. O contraste completo que apresentava esta tentativa com o exemplo har-

monioso e magnifico da obra de Machado de Assis, calada quanto á natureza brasileira, accentuava a questão: será que o cuidado de formar um film tão exacto quanto possivel das coisas da sua terra natal, levariam os escriptores brasileiros ao emprego de taes meios literarios, libertos das tradições e das lições da sua formosa lingua ancestral?

Sem duvida o autor de "Au delà des Grammaires" faria sobre este thema os commentarios e as observações que lhe inspiraram os seus estudos tão penetrantes. Um facto evidencia-se agora: a bandeira da emancipação desfraldou-se, a rebellião tem os seus partidarios, seus chefes, seu programma.

"A nossa grammatica, escreve o sr. João Ribeiro, ("A Lingua Nacional", edição de Monteiro Lobato & Cia.) não pôde ser inteiramente a mesma dos portuguezes. As differenciações regionaes reclamam estylo e methodo diversos.

A verdade é que, corrigindo-nos, estamos de facto a mutilar idéas e sentimentos que não são pessoaes. Já não é a lingua que apuramos, é o nosso espirito que sujeitamos a servilismo inexplicavel. Falar differentemente não é falar errado. A physionomia dos filhos não é a aberra-

ção teratologica da physionomia paterna. Na linguagem, como na natureza, não ha egualdades absolutas; não ha, pois, expressões diferentes que não correspondam tambem a idéas ou a sentimentos differentes. Trocar um vocabulo, uma inflexão nossa, por outra de Coimbra, é alterar o valor de ambos a preço de uniformidades artificiales e enganadoras".

Não lhe minguam os exemplos que o apoiam, e depois de haver demonstrado que exprimem todas as particularidades para as quaes não existe expressão em portuguez, o sr. João Ribeiro acrescenta que se não trata da "defesa ou da apologia dos solecismos, dos barbarismos e de erros inexcusaveis", mas de alguma coisa de mais elevado, da independencia do pensamento e da sua expressão directa. Assim, esta emancipação da "lingua nacional" não acarreta de modo nenhum a consagração de neologismos ingenuos que o capricho pode multiplicar indefinidamente, mas, antes, a dos termos e das feituras admittidas por um longo uso, sem mesmo se afastar do bom tom. Será o direito de cidade literaria conferido a palavras e a locuções da linguagem corrente, daquelle que interpreta a vida, a vida do Brasil.

Como é de ver, as collecções de contos deste genero justificam a presença de um lexico "in fine", de forma a não deixar nenhuma vacilação quanto ao sentido das palavras. Demais, fóra mesmo do domínio estricto da expressão, vê-se que se extende a campanha, campanha a favor dos meios de inspiração e da realização. Logicamente, o sr. Monteiro Lobo reclama um estylo e não a copia em todas as artes; e agrupando os moços de merito, rodeando-se do seu precioso concurso, leva elle por deante, e com exito, a "Revista do Brasil", cuja roupagem cuidadosa e original conquistou sympathias sinceras além das fronteiras da sua terra. Elle faz surgir, em artigos de uma verve persuasiva, uma personificação, a grandes traços, do espirito "nativista", transcreve as "Idéas de Jeca Tatú". Pouco reverente para com os predecessores que tiveram o seu merito, em seu tempo, affoutando-se por caminhos pouco frequentados, põe elle em primeira plana,

sob o angulo visual da época presente, o indianismo ou o "caboclismo".

Observador sagacissimo, novellista delicioso e verídico, escriptor de merito, elle parece, além disso, que é o animador de um movimento, que não seria coroado de successo se visasse sómente varrer a grammatica, mas que se torna serio concentrando as indagações dos exploradores, os dados geographicos, a palavra dos pedagogos, ameaçando com o desmentido dos estudiosos as ficções dos literatos, recolhendo enfim conhecimentos e impressões proximas da realidade brasileira para os fazer escrever uma linguagem brasileira. Numa palavra, o cuidado do material tanto quanto da forma.

Já se escreveu assaz sobre estas tendencias e ambições. Em França, onde todo mundo habitualmente assiste ao renovamento das modas literarias em meio a controversias, ardentes e inoffensivas ao mesmo tempo, já ninguem se alarmá com o carácter revolucionario, que possue, no fundo, esse cunho de independencia linguistica. Pareceria, antes, que se trata do curso normal de uma evolução de marcha lenta mas segura. As considerações que emitiu, não ha muitos annos, um mestre da critica, José Veríssimo, sobre "o que falta á nossa literatura", marcam, sob este ponto de vista, a etapa precedente, embora não seja opportuno recordal-as, tanto mais quanto é verdade que não foram trazidas para o frances.

"Duas coisas, escreve elle, concorriam desde os primordios da civilisação do paiz, para dar desenvolvimento á expressão literaria brasileira: o vigor da vida literaria no proprio Portugal e os collegios dos Jesuitas. Qualquer que seja o valor da literatura portugueza, o que é incontestavel é que, entre os pequenos povos, nenhum pôde com elle competir em riqueza e em variedade. Quando o Brasil foi descoberto, só uma parte da Italia, a França a Hespanha e Portugal tinham uma actividade literaria.

Bem cedo, pois, felizmente mais cedo que em outra qualquer nação americana, sem excluir a maior de todas, os Estados Unidos, tivemos uma literatura, a expressão escripta do nosso sentimento e do nosso pensamento collectivo. Por certo

que esta literatura não merece o nome de brasileira senão como designação regional. Ella é portugueza, não apenas pela lingua, mas pela inspiração, pelo sentimento, pelo espirito. Haveria, porventura, nos seus escriptores, como no autor dos "Dialogos das Grandezas" ou em Gabriel Soares, um sentimento regional, o amor do torrão natal, a ternura pelas suas peculiaridades, mas não havia outro sentimento nacional além do sentimento nacional portuguez. Quatro seculos apôs, hesito ainda atribuir á nossa literatura a qualificação de brasileira, dando a esta palavra toda a sua extensão, porque eu não sei se a existencia de uma literatura completamente independente é possivel sem a existencia de uma lingua, ella mesma, independente. A lingua é o elemento constitutivo das literaturas pelo facto de ser a expressão do que há de mais intimo, de mais individual, de mais característico num povo. Sómente os povos que têm uma lingua sua e propria, possuem uma literatura original, bem delles. Sob este ponto de vista, que me parece verdadeiro, não ha literatura austriaca, suissa ou belga, haja, embora nestes paizes, ao par de uma alta cultura, escriptores notaveis de todo genero".

E mais adeante: "A nossa literatura, que, como ramo da portugueza, tem já cerca de quatro seculos de existencia, não possue perfeita continuidade, a cohesão, a unidade das grandes literaturas, mesmo da literatura portugueza, por exemplo".

Dir-se-ia que os jovens escriptores militantes do Brasil actual tomaram a si a tarefa de refutar methodicamente as criticas do mestre clarividente de outr' ora.

Fizeram o proposito de despertar este ardor patriotico, hoje fecundo, e consultam as tendencias do povo, pelas quaes se realizam esta communhão e esta continuidade literaria tão desejaveis. Recorrendo ao proprio paiz para a composição das suas obras, elles evitam a imitação perniciosa dos modelos estrangeiros. E já algumas das suas obras, principalmente "Urupés", de Monteiro Lobato, alcançaram uma rapida vulgarisaçāo, para a qual em nada contribuiu a consagração "de Pariz". E' o bom caminho, o que os levará, sem duvida, a realizar

alguns bons livros profundamente brasileiros, e que reclamarão incontestavelmente, sob o angulo visual da evolução geral da humanidade, o qualificativo de brasileiros.

Quanto á lingua em que serão escriptos, será tão diferente do portuguez contemporaneo, a ponto de se poder dizer que ella, na verdade, deixe de o ser, assim como o frances deixou de ser uma variedade do latim? Sim, se se aceita o modelo traçado pelo proprio sr. Monteiro Lobato, num estudo do livro de Amadeu Amaral, "Dialecto Caipira".

Depois de ter demonstrado que o inventario das riquezas de expressões correntes entre o povo é abundante em S. Paulo, (elle é paulista, como se sabe) accrescenta que tal trabalho deveria ser feito cuidadosamente pelo norte, pelo centro e pelo sul. "Brasilina", escreveu elle, é volvel.

Traja-se de gaucha nos pampas, de vaqueira no centro, de seringueira na Amazonia, e só a teremos estudada integralmente, nas graças corporaes e na psychologia, quando lhe photographamos todas as variantes. Sómente este trabalho collectivo nos permitirá a posse do diamante bruto, que por ahi roda nas mãos callosas do poviléu. Feito isto, é lapidado na ourivesaria da rima e da prosa, e teremos criado a lingua nova que no futuro falarão cem ou duzentos milhões de homens".

De tal esforço, por certo, não pôde resultar senão um enriquecimento precioso de vocabulário, uma malleabilidade da syntaxe, consorciando-se com o jogo inato, perpetuo e sincero da criação falada. A unica dificuldade que poderia oppor-se a que se tratasse de um total renovamento, viria da necessidade de unificar esses materiaes tão diversos. Não seria por acaso considerável esta dificuldade?

Ninguem o duvidará, porque se trata de termos, de locuções, de movimentos de palavras de feição local, de uma contribuição por conseguinte restricta. Isto se torna evidente se se adverte quanto foi injustamente tardia — e involuntariamente tambem — a consagração, no Rio, de um escriptor como Xavier Marques, só porque elle vivia na Bahia, ou bem

ainda a popularidade de um Rodolpho Theophilo. E' verosímil que, no momento de proceder a esta unificação, vacilando entre a paixão dos recursos opulentos do seu acervo regional e a necessidade não menos legítima de se tornar largamente intelligíveis para conquistar o grande público, que é quem garante a cohesão de uma época literária, os obreiros da língua buscarão nas fontes clássicas dessa língua os elementos essenciais de ordem e de estabilidade.

Que se dirá, sobretudo, se esta futura synthese for realizada por um só homem, por um grande espírito, por um mestre, como evidentemente ha de haver no futuro? O exemplo da obra brilhante de Ruben Dario na immensa America Espanhola inclina-nos a julgar temeraria qualquer predição. Ao fim de contas, a questão de propriedade da língua vem prender-se aqui ao conflito perpetuo entre o academismo e o impulso do sopro creador. Este pôde tomar o partido dos "brasileirismos" contra o dicionário portuguez, sem que o adversario leve a peor. Se, entretanto, se viesse a construir com todas as peças, uma língua puramente brasileira, e literária, como a língua, nos Estados Unidos, se afastou do inglez, a theoria dos parentescos latinos se acharia em presença de um facto bem desconcertante.

O sr. Monteiro Lobato é de opinião que lá se chegará e a sombra de José Verissimo exultaria. Não ha senão o futuro para responder ás esperanças dos primeiros e ás nossas curiosidades arregaladas.

Manoel Gahisto.

("Revue de L'Amerique Latine"). — Janeiro, 1923.

PSYCHOLOGIA E FISCALISACAO

Ha poucos annos ainda, a psychologia classica dos professores era uma sciencia theorica desprovida de interesse práctico. Os homens de Estado obrigados a manejar os homens não tinham outros guias que regras empiricas legadas pela tradição e cuja insuficiencia freqüentemente se manifestava.

A guerra e todos os acontecimentos que se seguiram collocaram a psychologia na vanguarda das sciencias uteis. Como governar um povo, dirigir exercitos ou simplesmente conduzir u'a modesta uzina, si se ignora a arte de manobrar os sentimentos e as paixões dos homens?

A historia dirá seguramente, um dia, que os allemaes perderam a guerra por ter desconhecido certas regras fundamentaes de psychologia. E' por não as ter ignorado que um illustre marechal pôz termo, em 1917, a um movimento revolucionario estendido a muitos corpos de exercito e que ameaçava dar á guerra um fin desastroso para os aliados.

Apenas entrados na luta, os americanos attribuiram á psychologia applicada uma tal utilidade que fizeram redigir para uso dos officiaes um grosso volume no qual eram examinados todos os casos que podiam se apresentar no manejo das tropas: reprimir uma sedição, estimular a energia enfraquecida de combatentes, provocar o entusiasmo ou um sentimento contrario etc...

Os nossos professores não teem a mesma estima pela psychologia. Já relemrei que na Escola das Sciencias Politicas, nem um de seus numerosos cursos é consagrado á psychologia.

Em vista de sua extrema raridade, aos livros de psychologia applicada não faltam nem traductores nem compradores.

E' sem duvida por essa razão que o meu livrinho "Leis Psychologicas da Evolução dos Povos" publicado ha vinte e cinco annos, foi traduzido em tantas linguas e contou entre seus traductores homens de Estado eminentes. Si eu cito esse trabalho, apezar de sua antiguidade, é que elle contem a demonstração de certos principios psychologicos sempre applicaveis não somente ao governo dos homens e á interpretação da Historia, mas a questões technicas da actualidade: por exemplo, o estabelecimento de um imposto.

Não podendo reproduzir aqui todos os principios expostos nessa obra limito-me a relembrar alguns.

Os povos que teem um longo passado historico possuem caracteres psychologicos quasi tão estaveis como seus caracteres anatomicos.

Desses caracteres derivam suas instituições, suas idéas, sua literatura e suas artes.

Como os caracteres psychologicos cujo conjunto constitue a alma de um povo divergem muito de um paiz a outro, os diversos paizes sentem, raciocinam e reagem de maneiras diferentes em circunstancias identicas.

As instituições, as crenças, as linguas e as artes não podem, apezar de tantas apparencias se transmittir de um povo a outro sem soffrer transformações profundas.

Todos os individuos de uma raça inferior apresentam entre si grande semelhança.

As raças superiores, ao contrario, diferenciam mais a mais com os progressos da civilisação. Não é pois para a igualdade que marcham os homens civilizados, mas para uma crescente desigualdade. A igualdade é o communismo das primeiras edades, a diferenciação, o progresso.

O nível de um povo na escala da civilisação se revela sobretudo pelo numero de cerebros superiores que possue.

As leis fundamentaes se applicam, repito-o, a todos os elementos da vida politica e social. Para dar um exemplo concreto, vou considerar um caso determinado: o estabelecimento de um imposto aceitável sobre a renda. Um imposto qualquer é evidentemente sempre desagradável; mas torna-se inaceitável quando esbarra violentamente com a mentalidade do povo a que se pretende impor.

Entre povos disciplinados e respeitosos dos regulamentos, ingleses e allemanes, por exemplo, pode-se exigir de cada individuo uma declaração cuja verificação pelos agentes do fisco será docilmente aceita.

O mesmo não se dará entre povos individualistas que não podem supportar

nenhuma inquisição na sua vida privada. O imposto só será tolerado por elles, estabelecido sobre signaes exteriores, não implicando nenhuma investigação na vida privada. Infelizmente esses principios fundamentaes são hoje desconhecidos.

As dívidas da França que eram de 28 bilhões apenas em 1914, se elevaram a 328 bilhões em 1922, quando as receitas annuaes da totalidade dos impostos difficilmente attingem 23 bilhões, somma que será em breve apenas sufficiente para pagar os interesses de nossas dívidas.

Todos os nossos ministros das Finanças procuram resolver esse problema insolvel. Não podendo mais aumentar os impostos, tratam de aumentar seu rendimento.

E' com esse fim que o actual ministro das Finanças acaba de propor á Camara uma serie de medidas de tal modo vexatorias, com o intuito de aumentar o imposto sobre a renda, que uma evasão de capitais seria em breve a consequencia.

Sabe-se que esse ministro passa por um dos mais intelligentes que nosso regimen politico já viu. Elle ouve, comprehende e discute.

Com o fim de lhe expor verbalmente as objecções de ordem psychologica que tornam perigosa e inefficaz a applicação das medidas projectadas, convidei-o para o almoço hebdomadario que institui há tempos com o professor Dastre e onde homens eminentes veem expor e discutir suas idéas.

O ministro teve a grande amabilidade de aceitar o nosso convite, mas como uma indisposição subita me impedisse de lá ir, dirigi-lhe a seguinte carta:

"Caro ministro — Muito lamentei não poder ir presidir meu almoço de quarta-feira. Lamento-o tanto mais que me propunha de vos submeter as reflexões seguintes cuja base psychologica creio ser segura.

Desejaes naturalmente aumentar o producto do imposto da renda. Mas para um accrescimo problematico fraquissimo tendes em vista uma inquisição fiscal tão vexatoria e complicada que exasperará forçosamente os contribuintes e creará

muitos inimigos ao regimen. Mesmo que fosse mais elevado que hoje, um imposto sobre a renda, baseado em signaes exteriores, será sempre muito mais facilmente aceito que um imposto sobre declarações implicando as verificações dos agentes da administração.

E' facil, agora, saber que coefficiente seria preciso applicar aos signaes exteriores da riqueza: alugueis, criados etc., para que o imposto sobre a renda se tornasse, sem vexames, igual ou mesmo superior ao que é actualmente.

Proponho pois, senhor ministro, a pequena investigação seguinte. Tomar ao acaso, em diversas localidades, as cotas de cem contribuintes, constatar o que elles pagam actualmente e procurar de quanto teria sido preciso taxar alugueis, creados etc. para chegar a uma cifra de imposto exactamente igual ou mesmo superior ao pago por elles agora.

Esses elementos uma vez determinados, nada mais facil que estabelecer, segundo os signaes exteriores indiscutiveis, um imposto sobre a renda que todo mundo acceptaria com satisfação".

O ministro respondeu-me que ia examinar com a mais seria attenção as sugestões que lhe apresentara.

Sendo o nosso almoço sobretudo um lugar de discussão, submetti á critica as

idéas que precedem. Sua justeza psychologica não foi contestada. Mas fizeram-me ver que meu projecto não tinha nenhuma "chance" de ser adoptado por duas razões, aliás detestaveis, mas politicamente fortes.

A primeira dessas razões é que os socialistas lhe seriam hostis.

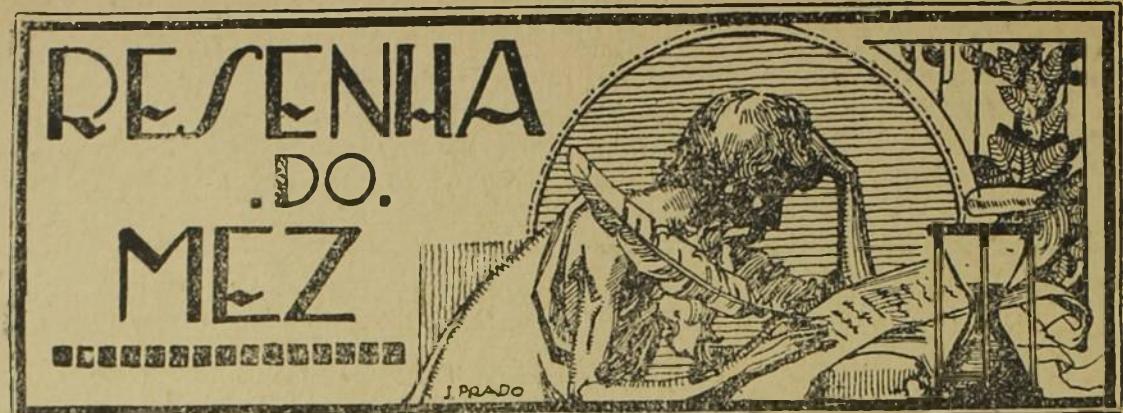
A segunda, mais forte que a precedente, e bem peior ainda, é que um imposto estabelecido automaticamente segundo signaes exteriores indiscutiveis privaria os prefeitos, que fazem as eleições — e na realidade governam a França — de um meio de acção extremamente pernicioso.

A inquisição fiscal tal como se propõe estabelecer é comparável a um parafuso de pressão irresistivel.

Para os amigos do governo, o parafuso seria largamente afrouxado e vigorosamente apertado para os inimigos. O valor politico de taes argumentos é incontestavel. Convém não esquecer, todavia, que foi muitas vezes pela applicação de medidas muito contrarias á mentalidade de uma raça que regimens politicos perceram. Essa mentalidade faz parte das forças invisíveis que governam o mundo e são superiores a todas as vontades.

Gustavo Le Bon.

(Dos "Annales" de Paris).



A CONSAGRACAO DA FRANÇA

A Academia Brasileira nasceu no escriptorio da "Revista Brasileira", no primeiro andar de um predio humilde na antiga rua Nova do Ouvidor, hoje Sacchet. Duas salas acanhadissimas: redacção em uma, secretaria em outra.

Dos socios da casa o menos assiduo era o sol, representado, quasi sempre, pelo gaz, porque, desde a escada, tinha-se a impressão de que, em tal cacifro, mal os gallos começavam a cantar Martinas, a Noite recolhia a sua sombra, pelo menos a parte com que a escurecia o quarteirão logo que o sino grande de S. Francisco, lentamente, em sons graves, dobrava as Ave Marias.

Na redacção reuniam-se, diariamente, chuchurreando um chá chilro, José Veríssimo, director da "Revista", Paulo Tavares, secretario, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Lucio de Mendonça, Graça Aranha, Paula Ney, Domicio da Gama, Alberto de Oliveira, Rodrigo Octávio, Silva Ramos e Filinto de Almeida.

Por vezes apareciam Bilac, Guimarães Passos, Raymundo Corrêa, Valentim Magalhães, Pedro Rabello e outros.

Andava eu, então, publicando na "Revista" um romance — "Agareno", posteriormente chrismado em "Tormenta", e só me atrevia a afrontar-me com a treva da escada carunchosa e rangente, na qual, mais dum vez, encontrei ratazanas prehistoricás, quando recebia chamado para rever provas.

Com o negrume do recinto contrastava

o brilho da palestra que ali se travava. Se as idéas fuigissem e as imagens relumbrassem certo não haveria em toda a cidade casa mais illuminada do que aquella. Infelizmente, porem, apesar dos conceitos diamantinos de Machado de Assis, do esplendor dos periodos de Nabuco, da scintillação do espirito de Lucio e dos paradoxos relampejantes de Paula Ney, era necessário manter sempre acceso um bico, ao menos de gaz, para que tantos luzeiros não andassem aos esbarros desmantellando pilhas e brochuras, abalroando nas mesas, que eram duas, uma das quaes de pinho reles e tripeta, claudicando sob o peso glorioso de obras primas á espera de editores.

Foi em tal pobresa obscura, como a do presepe (*honni soit qui mal y pense!*) que nasceu a Academia e, se anjos não esvoaçaram no beco, anunciando o natal da Instituição, cá em baixo, na terra rasa, teve a recem-nascida vozes que, se não a glorificaram com Hosannas, farraram-se de a arrasar anunciando-lhe a morte com prognósticos ridiculos.

Fraca, entanguida, morre não morre, a Academia só não succumbiu porque teve a desvelada a dedicação dos seus fundadores, que a aleitavam com esperanças, leite muito dessorado e envolviam-na, para aquecerem-na, em faixas de entusiasmo.

Lucio era o mais corajoso e solicto dos aios da pobresinha — Foi elle que a vaccinou com a lympha da perseverança; foi elle que a curou da coqueluche, que lhe poz ao pescoço o collar de ambar para

evitar as crises da dentição, que a baptisou no templo das musas e que lhe incutiu nalma a grande Fé, tonico que a fortaleceu para vencer os precalços da primeira infancia. Um dia — já, então, a Academia andava por seu pé, falava e comia de garfos os famosos jantares da "Panellinha", Machado de Assis, que era o seu Presidente, comunicou que o governo resolvera dar á instituição, reconhevida de utilidade publica — installação condigna em uma das alas do Syllogeu, dotando-a ainda com uma verba de vinte contos annuaes para sua manutenção.

Com tal beneficio ficaram os academicos dispensados da mensalidade com que contribuiam e, em vez do que lhes sahia do bolso, muito ratinhado, passaram a receber e cedula de presença, na importancia de vinte mil réis.

E a Academia começou a funcionar com regularidade, e cadeiras, no edificio da Lapa, onde o sol entra a jorros e com o sol e o estrondo dos bondes e de mil outros vehiculos perturbadores do silencio e de serenidade. Certo dia — a Politica não tem entranhas! — o Congresso, por motivos que a Historia ainda não averiguou, resolveu suspender a cesta dos pasteis e a Academia voltou ao regimen de penuria, celebrado por Aristophanes e Lycurgo — e as sessões tornaram-se pouco frequentadas e desinteressantes. Foi nesse periodo de aperturas que a Morte, rebentando uma represa da Fortuna, fez com que rolasse para a Academia um rio de ouro.

O phenomeno causou surpresa, o maccareu chegou a provocar protestos e a inveja açoulou contra a que se deitara em estrame e acordara em leito attalico, toda a matilha do seu odio.

O que se disse da herdeira, santo Deus! O interessante, porém, (sempre a raposa da fábula!) é que muitos dos que mais se acirraram contra a vinha andam-lhe agora em volta, em cúpido farisco, d'olho nos cachos, que ja lhes não parecem verdes, procurando meios de guindar-se pela cepa até alcançarem lá em cima os bagos sumarentos.

Eis que agora a França, não só acrescenta as posses da Academia com valores preciosos, como ainda lhe dá o prestigio de um premio de honra, fazendo-a legataria do palacio, que edificou para sua residencia, na Avenida das Nações, com as riquezas que o exornam e que são exemplares, e dos mais bellos, do seu patrimonio artistico, que ella, de certo, não confiaria a quem não fosse digno de os possuir. Que dirão de tal gesto os que tudo nos negam? Pois a França, a quem se não contesta a hegemonia intellectual, reconhece oficialmente a Academia Brasileira? A França de Montaigne e de Racine, de Rabelais e de Moliére, de Ronsard e de Hugo, de Voltaire e de Anatole acolhe no seu girão o Brasil de Gonçalves Dias e Alencar, de Castro Alves e Machado de Assis, de Alvares de Azevedo e Bilac, de Aluizio e Raymundo Corrêa!? Mas então nós somos alguma coisa... Ora esta!

Não ha como o estrangeiro para descobrir o que temos, não só na terra, em bellezas naturaes, como nas criações da intelligencia.

E' possivel que, de hoje em diante, assim como já nos interessamos por certas paisagens, louvadas pelos que nos visitam, leiamos os nossos autores dignificados pela França. Já não é sem tempo...

E não terminarei sem algumas palavras á nossa Academia. Não as direi eu, mas o grande Bernardes, que mas emprestará de uma das suas mais formosas sélvias. Medite-as a Academia dos Felizes, porque ha nelles conselho:

"Na Igreja Primitiva os Calices eram de madeira, como consta do Concilio Triburiense, celebrado em tempo do Papa Formoso, anno 895, e destes usaram os Sagrados Apostolos, como diz Honorio Augustudunense, citado por Bernardo Bisto na sua Hierurgia. E essa é a razão d'aquelle tão decantado Apophthegma de S. Bonifacio Martyr, Bispo de Moguncia, que perguntado se era licito consagrar em Calix de pão, respondeu:

"Antigamente as coisas eram de pão, e os sacerdotes de ouro. Agora os calices são de ouro, e os sacerdotes de pão".

Coelho Netto.

(*"Jornal do Brasil."*)

A. B. C.

Bafejado por forte actualidade, está o livro "Fronteiras do Sul", a entrar na gratidão uruguaya, na attenção brasileira e na curiosidade argentina.

Bem escrito, bem meditado, bem impresso, não traz o interessante trabalho de Fernando Nobre novidade sensational sobre o assumpto que o titula; exgota-o, porém, até em suas minucias, coordena-o em seus pormenores, elucidando varias duvidas e mantendo, o quanto possivel, a imparcialidade, nesse, o mais complicado, o mais arriscado e tambem o mais antigo dos nossos litigios fronteiros, pois datam suas raizes dessa imaginaria linha de Tordesillas, sete annos mais velha que o desembarque de Pedr'Alvares Cabral no porto que elle julgou seguro.

E' um livro definitivo. Dispensa, na materia que o occupa, consulta ás paginas de qualquer outro. Enriquecido recentemente o nosso passado com as excavacões e os estudos de Affonso Taunay e Washington Luis, e muito sendo de esperar que em breve o opulenta a annunciada contribuição dos "Judeus no Brasil", de Solidonio Leite, já não é impossivel, hoje, a composição duma Historia, completa ou quasi, de nossas regiões meridionaes, de S. Paulo especialmente: que para isso precioso será o concurso das "Fronteiras do Sul". Não houvesse o autor, desconfiado da desconfiança alheia, abarrotado de notas, semianonymas algumas, e o seu livro, que está muito acima de bom, ficaria pouco, muito pouco, abaixo de optimo. Mesmo quando trazidas por Saint Hilaire á modelar traducção da "Politica", de Aristoteles, as notas em excesso interrompem o raciocinio do leitor pensador, perturbam e irregularisam a meditação do intelligente consciente.

Não vai nesta censura uma queixa.

Ao contrario: devo a essa superabundancia de cótas a vantagem da releitura do texto: fil-a justamente quando suas lições me eram mais necessarias porque mais oportunas, arregimentando-me idéas e revivendo-me cogitações. Terminei-a quando, consequente com o encadeamento logico dos factos, a Argentina, unanime no gesto de todas as suas classes, publicava e indeferia o pedido brasileiro de prévias combinações internacionaes; accommodei-a á tentativa falha da resurreição diplomatica do mal-sinado caso sul-americano que correu mundo, ha annos, com a mascara de A. B. C., bastante me serviu, assevero-o, para a explicação, que me dei, do nosso ultimo escandalo em politica externa.

Memorativamente computei os acontecimentos. Calmamente exclui do quadro tudo quanto, minudencia, pudesse perturbar as relações de causa e effeito nessa "tempestade em cópo d'agua", desenxabida comedia em cujo desentrecho a agua não ficou muito limpa e os motrecos do cópo arranharam incontestavelmente a dignidade nacional.

A rapidez da pateada peça não lhe diminuiu o numero dos actos. Vou dizerlos, e vá o leitor escrevendo á margem as respectivas datas e os merecidos adjectivos.

I — Para consolar os paulistas, que suspeitára queixosos do laudo que lhes tirára territorio para obsequiar o Paraná, passou-lhes a União mel pelos beiços consentindo oficialmente no projecto duma estrada de ferro de Assumpção a Santos.

II — A Argentina, já melindrada pelas nossas cortezias aduaneiras ao triângulo e á banha doutras procedencias, não gostou do anunciado golpe que a ameaçava de graves perturbações orçamentarias e intentava priva-la das rendas que importação e exportação paraguayas normalmente lhe fornecem. Não reclamou: agiu, respondeu.

III — Demonstração militar, em Assumpção, excluiu do poder o Dr. Manoel Gondra, talento adornado de carácter, intelligencia superiorizada por illusbração.

IV — Partiu o ministro da Guerra para Matto Grosso; acompanhou-o o general Cândido Rondon, distraído do serviço da catechese. Apressuramento na construção de quarteis.

V — Desenvolve-se a agitação política no Rio Grande do Sul.

VI — Devolução do convite brasileiro. Obrigadamente esquecidos do bombardeamento de Valparaíso e do domínio da Lagoa Mirim, o Chile imita a Argentina e o Uruguai vacila no alvitre a adoptar.

VII — A "Nacion", orgão vivo do grande estadista morto, coloca-se à vanguarda da repulsa ao convite engendrado pela nossa chancellaria. Perde o Brasil, no estuário do Prata, a amizade dos discípulos de Bartholomeu Mitre.

VIII — A administração brasileira reconhece e confessa que não ha dinheiro para ser construída a estrada de Assumpção a Santos.

Mas por que os donos do Brasil não começaram pelo fim? Por que não representaram a comédia ás avessas?

Mas por que não compreenderam que a primeira obrigação duma estrada de ferro que se preza é ter trilhos de ferro, e que sem dinheiro não ha, jamais haverá quem obtenha trilhos, não ha, nunca haverá quem adquira ferro? Sem desgosto alheio ou próprio, teriam aliviado os fornecedores, em perspectiva de lucros enormes, da inutil despesa de tanto patriotismo! Teriam dispensado a imprensa do enfermo A. B. C. de muitos despropósitos a propósito de "hegemonia", extravagância hodiernamente inviável dada a organização soberana das administrações, é só possível com a fórmula franca e indifarçada de protectorado. Teriam, do actual e distinto ministro do Exterior, desviado as setas injustas com que o estão a ferir os que olvidam que, quando a causa é evidente, os pretextos não faltam: os que não percebem que, silenciasse embora o illustre funcionário a respeito da desejada conferência pan-americana, o que houve tinha mesmo de haver: "erat in fatis". A ruim semente necessariamente produziria frutos amargos.

Dez vezes fosse mais competente de

quanto notoriamente o é, nem assim conseguiria Felix Pacheco persuadir a Argentina, onde não ha desfalques de sensatez e desfalecimentos de responsabilidades políticas, a aprovar e aplaudir a restrição de suas receitas orçamentarias.

Sem dúvida cabe ao Brasil, agora que o aeroplano e o submarino estão a desenvolver as comunicações humanas, o direito de construir quantas estradas de ferro quizer e puder; reconhecerá, porém, que isso não obriga os vizinhos à alegria pela notícia de que o seu comércio esteja em risco de sensível diminuição.

Factos são factos. Constatando-os, não deixo todavia de reconhecer, na responsabilidade dos individuos que preliminarmente apparelharam o desastre da nota-convite, uma circunstância algo sympathetic e muito attenuante: impeliu-os, dominou-os a proba, a sincera confiança na capacidade dos cofres públicos, a lealissima certeza de que atendiam ás futuras reclamações das futuras cidades marginais á futura estrada de Assumpção a Santos. Bem intencionados, pensaram acertar. Pensaram prestar ao paiz um grande serviço. Pensaram honrados os emprezarios, inevitáveis os dividendos, regularizados os horários todos. Pensaram... Infelizes, porém sinceros.

Por pensar morreu... o outro.

Martim Francisco.

São Paulo, 1922.

("Jornal do Brasil").

RESUSCITEMOS O IDEAL

Não ha nñhum partido político no Brasil, não ha nenhum grupo de homens que se batam por um ideal qualquer, não ha programmas propugnados na vida pública, não ha ninguem que encarne uma idéa.

Na vida pública não se chocam idéias mas apenas appetites e ambições, não se contrapõem programmas e sim nomes que nada representam senão a ambição de governar.

As raças nobres e altivas, os povos dignos que se perpetuam na história cara-

cterizam-se e distinguem-se dos demais pela luta constante por altos ideaes humanos, de elevação da especie.

Portanto, si nós queremos figurar entre os grandes povos, entre as raças nobres, precisamos estabelecer a luta pelo ideal, precisamos restaurar a vida civica que não é senão a luta constante por um aperfeiçoamento qualquer.

Só são fortes os povos idealistas, que se batem energicamente por grandes fins civicos, por nobres programmas de realizações collectivas, como o inglez e o americano.

Nós precisamos sacudir o torpor que ataca mentalmente a nossa raça, si a queremos no mesmo nível das mais dignas.

Ha no Brasil uma syncope do ideal. E uma nação sem ideal não passa de feira de negocios.

Na Republica Argentina, paiz que caminha rapidamente para a consecução de grandes destinos, a Liga Patriotica desenvolve activa propaganda de altos fins collectivos, com entusiasmo só possivel em sociedades não atacadas de scepticismo destruidor e significativo de atrazo.

Na Italia a sociedade Dante Alighieri prosegue sempre a execução do seu alto programma de intensificação da cultura nacional como caminho seguro para o mais amplo desenvolvimento.

Uma pagina pouco conhecida da história moderna é a que se refere á associação denominada "Os Falcões da Europa Central", os quaes através de longos annos de domínio da Austria conseguiram manter o espirito da raça Yugo-Slavia. A idéa primordial da Associação estava no principio de que a "educação physica e moral deve permittir á nação reconquistar a sua liberdade e afrontar á concorrência dos outros paizes". O jornal official dessa Associação, que manteve o fogo sagrado de patriotismo durante os decenios de oppressão, tinha por titulo: "Sejamos fortes". Cultura physica e cultura moral — eis o que pregava a Associação. O seu fundador estabeleceu algumas divisas cujo simples enunciado mostra o espirito da sua escola nacionalista, como os seguintes: "O que adquiriste pelo exercicio, guarda-o com os bons costumes"; Toda Nação perece pelo proprio erro"; "Never resignar-se; morrer ou chegar aos

seus fins"; Para a frente, nem um passo para traz"; "Deter-se é a morte"; "Todos por um e um por todos"; Uma arma em cada punho, uma organisação guerreira". Essa philosophia admiravel, mais detalhada no livro "Considerações e Discursos", de Tyrs, constitue o canto mais forte de todo o poema de abnegação e de energia que formou a existencia dos Falcões, durante o largo espaço da dominação austriaca.

Ora, o Brasil desfallece por falta de disciplinamento de forças, pelo scepticismo de todo mundo, pelo desapparecimento das energias moraes e porque praticamente ninguem mais tem patriotismo, mas tudo se reduz a cavação da vida.

No tempo do Imperio os programmas dos partidos sacudiam as energias moraes da sociedade e constituiam altos pharoes que se sobreponham ao mercantilismo da luta pela vida.

Com a Republica desappareceram os partidos e os programmas dos partidos, de maneira que o Brasil inteiro ficou reduzido a um immenso acompanhamento mercenario em que nenhum agrupamento levanta um labaro qualquer.

Os povos que não lutam por ideaes estão em phase de decadencia e desintegração. Os Romanos em decadencia só pediam pão e spectaculos. Os povos em progresso reclamam reformas sociaes, politicas e economicas. Povos sem idealismo activo constituem rebanhos animaes cujo unico fim de existencia são as necessidades physiologicas.

Si estivessemos em periodo activo de aperfeiçoamento e progresso, estariam surgindo e pullulando por todo o território brasileiro as associações visando entre outros fins, por exemplo:

- a) a cultura physica e moral;
- b) a educação civica de modo que os socios, na comprehensão dos direitos e deveres sejam cidadãos completos;
- c) a luta contra a abstenção do voto;
- d) luta pelo voto secreto;
- e) a campanha pelo cumprimento dos deveres do jury;
- f) a pratica republicana na constituição dos governos e para que as leis sejam fielmente cumpridas;

g) o respeito ás autoridades constituidas;

h) o dever de pagar impostos;

i) a luta contra o analphabetismo, o jogo, o alcoolismo, bem como os demais factores de deperecimento social e individual.

Em qualquer momento na existencia de um povo ha sempre grandes ideaes a attingir e em torno de cuja bandeira devem collocar-se combativamente os mais nobres e generosos.

Supponhamos que um estrangeiro, depois de estudar os programmas dos partidos em todos os paizes do mundo, queira conhecer os programmas dos partidos brasileiros. Que lhe responderemos? Não é uma vergonha para nós a nosso situação presente?

Cada éra, cada século, cada geração, deve ter um ideal, sua grande aspiração de melhoria por que se bata. No tempo da monarchia os programmas dos partidos iam fixando sucessivamente essas etapas cuja transposição se impunha á nossa vida. Sob a Republica nenhum partido levanta do sólo e desfralda ao ar a bandeira em que se increvam os nossos ideaes presentes. Um povo sem ideal é um corpo sem alma. Sem programma não ha realizações. Para trabalharmos e lutarmos precisamos fixar o objectivo que visamos.

O Brasil precisa organizar os partidos politicos de programmas definidos para que possamos attingir os mais altos ideaes nacionaes.

A porta unica que nos dará acesso a uma outra éra nacional é o voto secreto. O voto secreto constitue por si só um programma inteiro de regeneração civica e de reeducação politica. Com o voto secreto obteremos tudo mais, e sem o voto secreto não obteremos cousa nenhuma. Porque instituido o voto secreto, teremos imediatamente os partidos nacionaes. De facto nós só proclamaremos a Republica de verdade no dia em que decretarmos o voto secreto. Porque sem voto secreto, não ha voto, nem eleições, nem povo, nem utilidade de luta, nem esforços compensados, nem luta que valha a pena emprehender. Sem voto secreto é inutil qualquer esforço, é perdido todo tempo gasto em

levantar o povo. Sem voto secreto não ha povo, mas apenas massa inerte, organismo sem reacções.

Porque em torno do voto secreto não formam as phalanges dos patriotas brasileiros, si os ha?

O voto secreto extinguirá radicalmente todas as olygarchias, o voto secreto produzirá a creação dos grandes partidos nacionaes, o voto secreto saneará a politica do paiz, o voto secreto formará a consciencia nacional, o voto secreto fará no Brasil inteiro cidadãos conscientes, dignos e verdadeiramente patriotas, o voto secreto constituirá o nosso renascimento civic, o voto secreto entregará ao povo a escolha real e effectiva dos seus governantes, o voto secreto inaugurará a democracia no Brasil, o voto secreto acordará as virtudes dormentes da raça, o voto secreto será a aurora de uma nova éra nacional, o voto secreto acabará com os congressos de representantes das olygarchias estaduaes, o voto secreto inaugurará os congressos dos representantes reaes do povo brasileiro, o voto secreto levantará o povo brasileiro á consciencia da sua missão historica, o voto secreto despertará a raça brasileira do somno catáleptico em que jaz prostada.

A data da decretação do voto secreto valerá mais na historia nacional que a da proclamação da Republica, que foi uma burla até hoje, porque até hoje o povo brasileiro nas eleições não faz senão ratificar as escolhas assentadas pelos magnatas e contra as quaes elle nada pode.

A transformação nacional seria completa sob a vigencia do voto secreto. E' uma nova nacionalidade que surgirá com carácter, dignidade e altivez por sobre os escombros das ruinas moraes da era presente.

Si houvesse civismo no Brasil por toda parte pullulariam as organisações a lutarem pelo voto secreto.

O Brasil só pode ser forte e prospero quando cada brasileiro fôr um cidadão consciente e digno. Só o voto secreto pode formar o cidadão consciente e digno. O regimen electoral vigente suprimiu o cidadão, tornou-o machina de votar inconscientemente, as ordens dos mandões politicos.

O voto secreto é a reeducação cívica completa de cada cidadão individualmente e de todos os cidadãos em conjunto, é a rectificação da espinha dorsal de cada um, é um sistema completo de ortopedia moral que levantará a nação inteira restituindo-lhe a vergonha e a dignidade.

Não sendo mais possível o suborno nem a compressão com o voto secreto, quando, nessas condições, todo o cidadão brasileiro, um por um, tiver absoluta liberdade e independência como eleitor e souber que o seu voto influe a Nação em massa passará por uma transfiguração completa pela transformação moral de cada um dos seus filhos, feito homem de carácter e dignidade.

Um povo não se salva por obra e graça de nenhum estadista miraculoso. Um povo só se salva procurando elevar-se moralmente, procurando levantar o nível geral de intelligências, procurando formar em cada individuo um ser consciente e digno, conhecedor dos seus deveres e garantido no exercício dos seus direitos.

Mario Pinto Serva.

(“O Dia”, do Rio.)

NOTAS ECONOMICAS

Crise de casas

A crise de casas, ou a falta de habitações, não é só um phänomeno brasileiro, mas de todos os países. Todos sabem disso ou, querendo, podem saber-o. E' só se informar. Entre nós, o problema continua sem solução e continuará. Não nos enganemos, que é uma ingenuidade isso de esperar por melhores dias. A razão principal vem a ser que nós só temos encarado a questão de um lado: o dos proprietários. Ora, não é causa sympathetic defendê-los, quando elles, de facto, não são tão isentos de culpa. Mas querer, também, explicar tamanho phänomeno só pela sua ganância é demais. E' achal-los mais feios do que o diabo e isso não pode ser, não corresponde à verdade das coisas. Sobretudo, não resolve nada. Porque a ganância do proprietário, que é mais regra do que exceção, não passa, no caso, de uma coisa accidental. Essa é que

é a verdade. O essencial reside na falta de habitações bastantes às necessidades da população. De forma que se não existisse esta falta de habitações, a ganacia e as exigências dos proprietários não existiriam. Mas como há, elles dispõem, a seu lado, desse estado de coisas, o que, de resto, seria justificável até certo ponto. Sente-se melhor semelhante situação, imaginando o seguinte. Supponhamos que, amanhã, tivessemos o bolchevismo, entre nós. Bem, então, fosse feita uma justa distribuição de habitações, entre a população da cidade. Pergunta-se: o problema estaria resolvido? Não. Pois não há casas bastantes. Reina desequilíbrio entre a oferta e a procura de casas. Vemos a prova disso todo santo dia. Bem não vaga uma casa, há dois, cinco, dez, vinte pretendentes. De forma que o proprietário faz um obsequio na preferência que der a um delles. Há um verdadeiro empenho junto ao proprietário. Ainda. Alguém bem não acaba de construir uma casa, já tem uma porção de pretendentes para alugar-a. Ora, são factos esses e contra factos não há argumentos. E a explicação desse estado de coisas, dessa crise de habitações? A explicação envolve um sem numero de causas, ou, por outra, e de natureza bastante complexa para não poder ser tratada, aqui. Entretanto, apontemos uma das causas pequeninas, minúsculas, microscopicas da crise de habitação. A população da cidade, depois da guerra, foi accrescida de varias centenas de norte-americanos. A mesma coisa, de ingleses e alemães.

Esta gente, além de constituir a flor do inquilinato, por conservar em perfeito estado as casas, — não faz questão de aluguel. Principalmente, americanos e ingleses. A vida para estes últimos é o ideal, no Brasil, devido ao cambio. E' melhor mesmo do que na Europa, visto aqui nada faltar; é questão de ter dinheiro e o dinheiro delles, devido ao cambio, opera milagre da conversão dos países, que, de cinco, se tornaram milhares. Em certos pontos da cidade o brasileiro regateia, como é natural. Elles não. Compram um pato, ou alugam uma creada, sem fazer questão de preço.

Desta sorte, encontrar uma casa, para alugar, constitue, hoje, um problema. Há

poucos annos, não existia tal situação. Havia equilibrio. E como resolver o problema? — Só ha um meio, que é incrementar, incentivar as construcções. E o meio pratico, no caso, é este: a Prefeitura reduzir a metade o imposto predial e demais taxas para certa ordem de construcções. Quer dizer: em vez de cobrar 14 0|0 de imposto predial, cobrar 7 0|0. Isso, por exemplo, durante o espaço de dez annos, apenas. Poderia, mesmo estabelecer uma graduação de 4 0|0 a 7 0|0. Ainda. Só no tocante a casas de aluguel não superior a trezentos mil réis mensaes. Assim ia de encontro ás necessidades da media da população. Por outro lado, a Prefeitura faria suas exigencias nos tipos de construcções. Fiscalizal-as-ia. De maneira que as construcções não seriam feitas a sopapos e á vontade, com o fim exclusivo de ser aproveitada a diminuição de impostos. E' o que é pratico fazer, no que, de resto, não tenho nenhum interesse, proximo ou remoto. Porque, de um lado, a Prefeitura não teria nada a perder. Trata-se de casas que não existem. E, além disso, de determinada ordem de construcções, — não de luxo. Por outro lado, incentivaria quem dispuzesse de capital a tal negocio. Do contrario, não. Se o proprietario tem exigencias, a Prefeitura tem, tambem, suas grandes exigencias. Como vão marchando as coisas, já não é um negocio convidativo construir casas, tal o numero de aborrecimentos, de massadas, de despezas. Ouvi isso da boca de um proprio lançador da Prefeitura, homem distinto e direito. A ponto de dizer elle: "se eu tivesse dinheiro, não construiria." Ora, se um perito, nessas questões, pensa assim é porque o caso é mais do que verdadeiro. De forma que á falta de casas junta-se uma somma de difficuldades, que impedem o desenvolvimento de novas construcções. Querer que as coisas melhorem, a respeito, é cultivar as causas e não querer os seus effeitos. Tenho visto pessoas se queixarem muito dos proprietarios. Mas, no proprio instante em que passam ellas a proprietarios, procedem da mesma maneira. Incoherencia? Pode ser. Mas o que ninguem poderá negar é que semelhante proceder tem uma explicação, uma causa uma justificação qualquer.

Exemplifiquemos: uma casa está aluga-

da. Pois bem. Ha dois, quatro e mais pretendentes dispostos a dar maior aluguel pela mesma. Questão que ella vague. Ora, deante de semelhante situação, só ha um meio de resolvê-la; é incentivar novas construcções pela diminuição do imposto predial e até mesmo pela sua quasi extincção, durante certo numero de annos. Sem tal medida, a crise de casas jamais será resolvida, não passando o mais de palliativo. Afinal, como dizem os technicos nestas questões, o problema da habitação barata é um problema de transporte. Caso seja electrificada a Central, a medida acima sugerida pode ser de maior effeito para a solução da crise de casas. Uma coisa completará ou melhor facilitará a outra.

Mario Guedes.

(“Correio da Manhã”).

CULTURA LINGUISTICA

Que é util aprender linguas e que esse estudo serve á cultura geral é coisa de si tão clara que se torna desnecessario encarecê-la. Aliás, já toquei no assumpto, a propósito da cultura philologica. O que nos interessa, porém, aqui, é sabermos até que ponto o estudo das linguas ajuda a formação intellectual, e quaes as linguas modernas que mais podem favorece-la.

Das linguas classicas, referi-me apenas ao latim, que resume toda a efficacia destas, como elemento de cultura, e que é uma tradição no programma de ensino secundario, em qualquer nação culta.

Quanto ao grego, attenta a difficuldade que offerece para ser conhecido a fundo e penetrado intuitivamente, pôde bem ser substituido pela lingua latina e, em parte, pelo allemão; um pouco de lexicologia grega torna-se, porém, necessaria, visto ser o grego a fonte das palavras technicas, que diariamente se formam, nas sciencias e nas artes.

Estuda-se, habitualmente, no curso secundario, o francez e o inglez, sendo que o francez é considerado como a lingua da gente culta, depois da lingua materna.

Realmente, como fonte de informação e meio internacional de transmissão do pensamento, é innegavel o predominio da

lingua franceza. A França, centro da Europa latina, e primeira nação organizada sob a influencia do christianismo, exerceu e exerce ainda um magisterio acatado, e o mundo acostomou-se, depois do grande seculo, a ler seus autores e a falar-lhes a lingua. Depois, a moda é uma grande força, e o francez entrou em moda.

O inglez tornou-se a lingua commercial, por excellencia, attendendo-se ao espirito do povo britannico, o qual fez de Londres o banco universal, e do mundo uma praça de commercio.

E a America do Norte, seguindo o mesmo rumo utilitario, veiu corroborar a situação internacional da lingua inglesa.

E, apesar de tudo, nem o francez nem o inglez são idiomas que sirvam efficazmente ao fim educativo, ao desenvolvimento intellectual a que aspira o curso de humanidade.

O francez é uma lingua novi-latina, como a nossa; as mesmas raizes, flexões semelhantes, construcção affim. De maneira que, pouco della se pôde esperar, no que Wilmann chamou a consciencia reflexiva da linguagem, que leva a distinguir o conceito da expressão verbal.

Pelo contrario, a proximidade das formas exerce influencia nefasta, originando a confusão e incômodo de gallicismos a noss. lingua.

Em nada auxilia tambem, no que diz respeito á systematização e associação, visto como seus paradigmas não são mais perfeitos do que os nossos, e a degenerescencia foi maior, nos vocabulos.

Além disso, o francez é uma lingua pobre de harmonias, e de construcção pouco variada. A disciplina constrangeu-a demasiado, no seu caminho recto, onde não se consentem digressões nem rodeios.

Sob este ponto de vista geral, o inglez seria para nós muito mais util, não obstante a pobreza de seus paradigmas.

Mas aqui esbarramos com a falta de logica, e é exactamente a logica que pretendemos formar e robustecer, no adolecente. O inglez é arbitrario e confuso, na lingua, como no sistema de pesos e medidas... Torna-se esta arbitrarria não só na pronuncia, mas tambem na syntaxe; dahi provém a indecisão da phrase, sendo preciso recorrer a contexto, para comprehender-lhe o pensamento.

De sua lingua disse Matthews: "Seria para desejar que fosse adoptado, systematicamente, algum metodo racional de reforma da nossa escripta, afim de evitarmos o exercicio de ilogicidade a que temos de submeter os jovens, em seus annos mais plasticos. Nós, os inglezes, levamos fama de sermos a mais ilogica das nações."

E noutro logar. "Para nós, os inglezes, com a nossa pronuncia habitualmente nublada, e o turvo de nossos sonidos vocaes, é de importancia vital a educação do ouvido... O exercicio da boa elocução poderia habilitar-nos a afastar de nós a pecha de sermos a unica nação que já-mais fala com clareza."

Accresce ainda o facto anarchizante de ser o inglez proveniente de raizes germano-saxonicas e franco-latinas, em promiscuidade.

Falei do allemão como substitutivo do grego, no ensino secundario. Realmente, dentre as linguas vivas e modernas, só esta pôde formar, ao lado do latim, como factor educativo da intelligencia, mais ainda do que da esthesia.

E' claro que me não refiro ao fim imediato de nos abrir as portas de uma literatura vastissima, em todas as espheras dos humanos conhecimentos. Não faltam boas traducções em francez, hespanhol e italiano, nem mesmo em portuguez, pois são em grande numero as traducções do allemão, feitas ultimamente em Portugal, sobretudo antes da guerra.

A olharmos o ensino sob este ponto de vista, nada seria mais inutil que o estudo do latim, cujos monumentos, além de poucos em numero e escassos em informações, andam traduzidos, uma e muitas vezes.. .

Mas, além da vantagem pratica de nos franquear immediatamente um dos mais vastos mundos do pensamento moderno, possue o allemão qualidades pedagogicas que o devem impôr aos legisladores do ensino, entre nós.

Antes de tudo, sendo o allemão inteiramente diverso da nossa lingua, abre á nossa intelligencia um campo inteiramente novo: raizes novas, vocabulos novos, construcção nova, maneiras de apprehender novas.

Penetrando, com a lingua, o pensa-

mento alemão, revestimo-nos como de uma natureza nova; a Crecops chama-vam os gregos, *diphnés* (homem de duas naturezas) por conhecer a lingua grega e a sua nativa.

Dentre as linguas modernas e trataveis, só o alemão não pôde dar a dupla consciencia linguistica; e, deste caldeamento da indole e cultura latina com a indole e cultura germanica, enormes vantagens se podem tirar, na formação integral de um cerebro.

O alemão tem esta vantagem sobre o latim: foi elaborado na effervescencia de uma cultura moderna e adiantadissima, sendo a propria lingua o reflexo e a synthese dessa mesma cultura. E' uma lingua de pensadores, theoricos e praticos, ao mesmo tempo. Não é, creio-o bem, a lingua dos esthetas, mas a lingua dos philosophos. E o pensamento disciplinado, quando não attrahe, domina.

A lingua alemã conserva ainda grande parte da declinação ariana, reduzida muito embora, nos adjectivos; e a conjugação, com quanto analytica, é mais completa do que no inglez.

A phrase, em alemão, é travada e regular e o hyperbaton rigorosamente logico, de acordo com as regras de uma grammatica consequente.

Accresce a isto a facultade mechanica de compôr os vocabulos, só comparavel á que possue o grego.

A tendencia da lingua alemã para o abstracto e a sua maneira de conceber e de expressar, irreductivel ao molde novilatino, longe de prejudicarem o pensamento, despertam-no, desdobram-no e ampliam-no, abrindo-lhe horizontes e caminhos novos.

De sorte que eu proporia como linguas complementares da formação intellectual moderna o latim e o alemão. O primeiro seria como a forma; o segundo, o pensamento. E a fusão dos dois espíritos, latino e germanico, faria a bella combinação da luz e da sombra, em contrastes fortes, na projecção das idéas.

Não vae nisto qualquer tendencia de germanophilismo, que não tenho; varias vezes manifestei o meu orgulho de latino. Mas o pensamento impõe-nos, ás vezes, normas que repugnam ao sentimento; e a probidade manda, e manda o bom sen-

so, que a razão domine os impulsos do coração. Na boa aliança entre este e aquella, está metade da sabedoria.

Quanto ás outras linguas, tanto latinas como germanicas, com suas affinidades e discrepancias, auxiliam poderosamente as modalidades do pensamento, e são grandes auxiliares da philologia e da glottologia.

Não as despreza o educador; são matérias constructivas de que o bom architecto se aproveita com vantagens incalculaveis, na edificação que visa levantar.

Mas toda a segurança do edificio está na base, e é do embasamento que se pre-occupam os formadores de intelligencias e de caracteres — os educadores.

A vida é demasiado curta para abranger todo o material de estudo que oferece a cultura moderna, tanto nas linguas, como nas sciencias.

Por isso, a havermos de dar uma base solida para a formação da consciencia linguistica, harmonizando o antigo com o moderno, parece que devemos escolher o latim e o alemão, linguas fortes em sua constituição organica, linguas interpretes de duas culturas paralelas, de espirito diverso e um tanto opposto, linguas, enfim, complementares.

J. M. Gomes Ribeiro.

("O Paiz").

MACHADO DE ASSIS

Mais um anno passou sobre a morte de Machado de Assis, e, á proporção que se vae afastando de nós, a figura do grande mestre avulta e cresce.

Machado de Assis é singularmente difficult de ser estudado. Fino e perverso, um tanto de enigma em todas as suas attitudes, elle parece deliciar-se em ser incomprehendido e obscuro. Mas a sua obscuridade é paradoxal. Explicar-me-ei. Raramente nós teremos tido um escriptor assim limpidio e claro, em seu estylo e suas maneiras. Com essa limpidez, com essa clareza apparentes, entretanto, que mundo de meias-tintas, de nuances, de claros-escuros, na alma! Re-lendo Machado de Assis estacamos dean-

te de uma contradição perpetua. E muitas vezes interrompemos a leitura para nos perguntarmos que encantado segredo, que mysterioso sortilegio nos invade. Ora, julgamos comprehender tudo, excepto um recanto pallido da narração que vamos acompanhando; ora, é o contrario que sucede — e parece que penetramos todos os detalhes de um accidente, de um quadro, mas que o conjunto desse quadro, desse accidente, continua impenetravel. Tudo isso que eu venho dizendo é vago e complicado; mas ha certa ordem de sentimentos, certa ordem de idéas, tão delicadas, tão finas, tão transpaentes, que se tornam absolutamente imponderaveis. O estado dalmatique que encontramos permanentemente em Machado de Assis é dessa ordem. E' que esse grande escriptor era um grande magico. Havia, nesse, o abandono e o mysterio dos feiticeiros. E Lafayette muito bem o sentiu, quando, escrevendo sobre os estudos apaixonados de Sylvio Romero, disse a sua palavra de tanto espirito: Romero é um barbaro, vindo lá dos címeros. Elle não pôde penetrar a harmonia da cidadella de Athenéa. (Eu cito de memoria o autor da *Vinditie*).

Se ainda estivessemos na edade da critica historica ou naturalista, haveria um curioso estudo a fazer da personalidade de Machado de Assis. Humilde e pobre, nascendo num lar absolutamente desprovido de qualquer brilho, o primeiro choque de Machado de Assis com os homens e a vida deve ter sido terrivel. Puro intellectual, de intelligencia fria e geometrica, inimigo das confidencias e das confissões, Assis recusou, em toda a sua obra, dar os depoimentos das suas primeiras emoções, dos seus primeiros sofrimentos. Nelle, nada que seja o transparecer da sua alma. Nada que nos sugira uma paisagem da infancia, uma confissão da adolescencia, cheia de illusões e de amor. A verdade e a poesia, dos primeiros tempos de Goethe ou de Renan, as ambições tão honestas de Taine, conservadas em "Etienne Mayran", as desencantadas aspirações da vida em flor de France — nada disso descobrimos no velho pensador. O unico personagem em que elle se deixou um pouco retratar — o conselheiro Ayres — é,

quando muito, o Machado de Assis, cynico em philosophy, desdenhoso em moral, dos ultimos annos. Fosse elle um escriptor menos mathematico, mais sentimental — e que maravilhosa pintura da dor e da melancolia dos seus primeiros annos teria deixado! Eu gosto de imaginar o que seria o romance do pequenino sachristão de Compostella, o romance do typographo, se os deuses tivessem dado a esse escriptor um pouco das emoções e das lagrimas, que são tão amaveis em Pedro Noziére.

Jogado num meio que lhe era superior, segundo a corrente dos preconceitos, o drama de Machado de Assis ha de ter sido cruciante. Que se imagine esse drama, quando o escriptor comparava, á mediocridade real do meio, o seu genio aureolado da pobreza e do abandono. Desse contraste nasceu o primeiro pessimismo de Machado de Assis — pessimismo aggravado, mais tarde, com a doença, que veiu a fulminar o mestre. Já Taine accusava no *humour*, como um dos seus caracteristicos, um desprezo cruel pelos circunstantes. Esse cruel desprezo, que é commun a Sterne, a Dickens e a Thackeray, a Carlyle e a Swift, foi o grande segredo de Machado de Assis. Um dos seus contos principaes, *O Alienista*, é um tanto um resumo da sua obra. Dir-se-ia que elle encarou a vida e os homens atravez das lentes de um director de Asylo, e que em todos os seus companheiros de planeta viu, apenas, maniacos e loucos. Procuremos em todos os seus livros quem seja verdadeiramente bom, verdadeiramente leal. Um dos seus primeiros romances, *Helena*, não é mais do que a pintura de um amor romantico, vagamente incestuoso. *A Mão e a Luva* começa com um dialogo caracteristico: "Mas que pretendes fazer agora? — Morrer!" Esaú e Jacob relata a luta de dois irmãos, inimigos desde o ventre materno. Nos contos, os mesmos desvios do coração, as mesmas cruezas postas a nú. E o mais interessante é que tudo isto se encontra narrado com um ar de serenidade, com uma indifferença absoluta e quasi olympica. E' que o philosopho sómente via, na vida, uma serena e inclinante madrasta. A vida para elle, "crea-

tura antiga e formidavel", é tão semelhante á morte que nós chegamos a confundir uma com a outra. A natureza não nos ama nem nos perdão: é inflexivel em seus designios. E é ella propria quem nos diz, quando acaso nos fala: "Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga." Essa mesma indifferença, encontram-a através dos seculos, em todas as edades: "Cada seculo trazia a sua porção de sombra e de luz, de apathia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de systemas, de idéas novas, de novas illusões; em cada um delles rebentavam as verduras de uma primavera, e amarelleciam depois, para remoçar mais tarde... A vida tinha assim uma regularidade de calendario..." Se a vida é assim indifferente, assim má, no abandono em que nos deixa — como havemos nós, os homens, de ser melhores do que ella? Nesses romances, nesses contos, nada de bondade, nada de carinho. Machado de Assis teve o pudor de descobrir nos outros homens o lado generoso ou sublime. Corramos a galeria das suas mulheres, entre as quaes Capitú é um symbolo encantador porém iniquo. A bella Flora é uma indecisa, repartida entre dois namorados. Virginia possue a mais tranquilla ausencia do senso moral; ella trae o marido com a mesma docura que teria ao colher num jardim uma rosa. Engenia, em falta de outra coisa, é coxa. Sophia, a doce amada de Rubião, explora o professor mineiro com uma serenidade igual á serenidade com que lhe ouve os galanteios cretinos. Estas, as mulheres dos romances. Nos contos achamos expressões semelhantes da frieza dos sentimentos ou da força das ambições. D. Camilla (*Uma Senhora*) evita casar a filha para conservar a illusão de uma juventude que morre. Augusta (*O segredo de Augusta*), commette a mesma injustiça. Mme. Tavares (*A Senhora do Galvão*), se diverte em conquistar os maridos alheios. D. Severina (*Uns braços*), inicia nos tormentos e nas amarguras de um amor sem retribuição uma pobre creança de doze annos. D. Paula alcovita, com a tolerancia de uma velha conchedora do assumpto, as aventuras extra-conjugaes da sobrinha. E a prropria Caetaninha, tão

doce e tão pura, é no silencio do jardim, beijando o primo, que se reconforta das perigosas metaphysicas do tio...

Como as mulheres, os homens de Machado de Assis são de uma total e consciente amoralidade. Quincas Borba supõe a avó esmagada por um coche, afim de facilitar uma demonstração philosophica; anteriormente, roubára ao seu melhor amigo um relogio. Rubião refoge a uma promessa solenne, feita deante de um agonizante, para voltar a cumpril-a ao verificar que, se não realizal-a, perderá uma herança. O conselheiro Ayres tem varias virtudes, mas lhe falta a mais essencial de todas — a sinceridade. Gar-*(Versos a Corina)*, fala-nos elle "da missofrimento alheios, e, vendo um amigo beijar a sua propria esposa morta, goza aquella grande e incomparavel dôr. Sempre, emfim, esse pessimismo torturado, esse pessimismo torturante. Lembrando os sentimentos de Machado de Assis, perante a vida, nós nos sentimos tentados a fazer a mesma reflexão da aguia, deante de Ahasverus: — "Nem elle a odiou tanto, senão porque a amava muito".

Como explicar que nesse pessimista coexistisse um idealista? Em Machado de Assis essas duas tendencias, apparentemente contraditorias, se associam. *A mosca azul* é uma confissão. Dir-se-ia que Assis atravessou os dias da existencia como aquelle seu pobre poleá: eternamente enamorado da vida, eternamente a dissecal-a, eternamente desilludido della. Num dos seus primeiros poemas (*Versos a Corina*), fala-nos elle "da minha mãe chimera". Mais tarde, num dos ultimos sonetos, elle evoca aquelle mesmo amor idealista, que "pôz num só recanto o mundo inteiro". E' que esse sceptico era como todos os scepticos: tinha infinitas crenças. E, sobre todas essas crenças, tinha a crença no amor. Uma continuada meditação, um continuado estudo, lhe haviam dado o scepticismo. A cultura é o jardim dos desencantos. Todos nós sentimos um desejo de não sermos enganados nunca. Eis uma ambição intelligente. Mas será, acaso, uma ambição justa? Porventura não haverá, na face da terra, encantadoras sombras, pedindo o nosso amor e offerecendo a docura de uma consolação? Porventura não

virá a ser a mais cruel das decepções, essa de não acreditarmos na belleza e na bondade; na esperança, na gloria e na pureza; nem tambem no amor, mais bello que tudo? Oh! sim! reconheçamos, pois, que é necessario, o vasio e a incerteza de tudo. Que importa? O aroma de uma flôr ou o sorriso de uma creança bastariam para mostrar o encanto e a sedução da vida. Felizmente em Machado de Assis ainda encontramos a doçura e a melancolia dos sonhos — desses sonhos que talvez o grande desencantado julgasse para sempre banidos da sua obra.

E' um bello e suggestivo passeio, mas um passeio que nos deixa, ao terminar, uma sensação de tristeza infinita, esse que eu acabo de fazer através dos livros de soffrimentos e de tortura, legados pelo mestre. Machado de Assis me surpreende porque, numa terra onde tudo é esplendor, tudo é tumulto, tudo é delirio, soube crear uma obra de rythmo e de medida, de pensamento e, sobretudo, de sabedoria. Os leitores perdoarão se, falando sobre o grande psychologo e o grande poeta, eu não pude fugir áquelle "pedantismo da ligeireza", que Mme. de Stael, com tanta finura, observava em Montaigne.

Mucio Leão.

("Correio da Manhã").

O PROBLEMA DAS FRUCTAS

O Sr. Ministro da Agricultura mandou, ha dias, uma nota aos jornaes, comunicando que a "Superintendencia do Abastecimento está procedendo a meticulooso inquerito a respeito da carestia das fructas no mercado do Rio de Janeiro, tanto de procedencia nacional como extrangeira, já se tendo, nesse sentido, dirigido ás diversas companhias de navegação, solicitando informes quanto aos fretes e meios de transporte de taes produtos em camaras frigorificas".

Accrescenta S. Ex. que a "Superintendencia do Abastecimento, baseada em autorização legislativa, "e de ordem do Sr. Ministro" estuda tambem os meios de promover a collocação das fructas nacionaes em mercados extrangeiros".

Apezar de toda a consideração que me merece a alta capacidade do Sr. Miguel Calmon, sou dos que não acreditam que as providencias determinadas por S. Ex. para conseguir o barateamento das fructas, nacionaes e extrangeiras, deem resultado satisfactorio. Porque a verdade é que o problema é muito complexo e de solução difficilima. A fructa, ninguem o pôde ignorar, constitue um commercio delicadissimo, precarissimo. Não ha producto de conservação mais penosa e difficil. Isso mesmo nos paizes mais adiantados, onde a industria do frio já attingio ao seu progresso maximo. Mas, não é só isso o que promette dar agua pela barba ao Governo: é tudo o mais. Certo, o Brazil constitue o *habitat* ideal para certas fructas de alto valor, como a banana, a laranja, o abacaxi, a manga, o cajú, o abacate, o saputy, a fructa do conde, etc. Mas, como ainda estamos longe de produzil-as em boas condições technicas e economicas e de trazel-as convenientemente aos mercados consumidores!

Em materia de desorganização de uma industria tão futurosa, creio que só poderemos ser igualados pelas tribus africanas ou polynesicas. A fructa aparece nos nossos mercados, porque o nosso clima e o nosso sólo são insuperaveis para a sua producção.

Para se ter bem uma idéa do que são as nossas condições naturaes em relação a certas fructas, basta lembrar que o cajú apparece em toda a parte — verde, secco, em calda ou crystalizado — sem que ninguem o cultive! E' uma fructa sylvestre, como, em muitos casos, o cóco, a mangaba, a goyaba, o araçá, a jaboticaba, etc., isso sem falar no bacury, no burity e em outros pomos deliciosos que florescem exuberantemente nas formidaveis florestas do Amazonas. Pará, Maranhão, Piauhy, Goiay, etc. Ninguem o cultiva, como não cultiva essas outras fructas, que tão rapidamente acabamos de summariar.

Por que? Por muitas razões, entre as quaes occupa naturalmente o primeiro lugar a seguinte: ainda não são conhecidos entre nós os processos racionaes da fructicultura. Só um ou outro pomareiro cuida scientificamente do seu po-

mar, devendo ser destacado entre esses, com o merecido louvor, o Dr. Samuel Hardmann, de Pernambuco, que nos envia annualmente as suas lindissimas mangas Santa Rosa, vendidas aqui a... 2\$000 ou a mais do que isso.

Ora, no commercio das fructas, não ha que attender apenas ás condições da sua produçao: lavra e adubação conveniente do terreno, irrigação em muitos casos, defeza contra insectos e fungos, colheita intelligente, de modo a não machucar e estragar os pomos, emballagem e conservação pelo frio, transporte em vehiculos apropriados e caramaras de navios e, finalmente a collocação nos mercados.

Para nada disso se voltou até hoje, entre nós, a attenção dos Poderes Publicos. O homem do campo, profundamente ignorante no nosso meio, não teve, até agora, quem o guiasse, dando-lhe conselhos, instruindo-o, fornecendo-lhe sementes e mudas seleccionadas e proprias para germinar no nosso clima.

Sem instrumentos aratorios, sem os indispensaveis recursos para a irrigação das suas culturas, e para a acquisição de adubos, insecticidas, fungicidas, sem meios de transportes, elle só tem presente em toda parte, duro e implacavel, o representante do fisco, que o esfola impiedosamente.

Em face disso, a generalidade dos nossos agricultores só tem nos seus quintaes as fructeiras cuja conservação não dá trabalho... nem fructos.

Vivemos ainda quasi como os selvagens de antes de 1500, quando Cabral ainda não tinha chegado por estas paragens: colhendo o que a natureza fornece espontaneamente.

*
* *

Antes de dar qualquer passo no sentido de baratear o preço das nossas fructas, tão necessarias, no nosso clima, ao organismo humano, o que o Governo deveria fazer era crear um instituto de pomicultura, onde os futuros directores e exploradores de pomares ficasssem conhecendo, pratica e scientificamente, o seu officio. Foi assim que procedeu o Governo ameri-

cano, creando escolas que têm transformado a California, e Florida e outras regiões nos maiores productores do mundo. Feito isso, cumpre estabelecer meios de transportes rapidissimos, que ponham os centros de produçao em contacto directo e quasi immediato com os centros de consumo. Nos Estados Unidos, como os processos em uso — aliás aperfeiçoadissimos — não estavam dando todo o resultado desejado, o transporte das frutas já está sendo feito pelo correio, até uma distancia de 150 milhas.

Eis o que, a respeito, se encontra em um interessante artigo publicado no numero de Outubro do anno passado do *Boletim da União Pan-Americana*:

“Os fructicultores têm verificado que as novas regras do Ministerio, permittindo a remessa de encommendas até 70 libras dentro da primeira e segunda zonas, ou até 50 libras fóra da terceira zona, têm favorecido bastante a entrega, pelo correio, de fructas de natureza perecivel. Centenas de fructicultores já se têm valido deste sistema de entrega, assim obtendo preços maiores e maior área de distribuição.

Muitos que sympathisam com o sistema de entrega pelo expresso, que é sempre incerto e imperfeito e que a experiençia tem demonstrado ser um jogo de azar para o embarcador, consideram este novo methodo como um sonho fallaz. Essas pessoas parecem esquecer que o nosso serviço postal promette a entrega rapida e cuidadosa de encommendas rotuladas — “perecivel”, — condições essas que a moderna companhia de expressos não satisfaz.

O Ministerio dos Correios está organizando actualmente um sistema de entrega por meio de caminhões do ponto de produçao para os centros de consumo, o que quer dizer que as fructas e os legumes podem ser collocados nos caminhões em certas chacaras, logo pela manhã cedo, transportada para as cidades e ahi entregues com tempo para o almoço do mesmo dia.”

Sou o primeiro a reconhecer que o nosso serviço de Correios ainda não está apparelhado para dar conta de uma tarefa dessa ordem, pois para isso seria necessário que houvesse os caminhões e as

estradas por onde elles pudessem rapidamente trafegar.

Mas, que ao menos saibamos aproveitar os recursos ferro-viarios, fluviaes e maritimos de que já dispomos para o transporte das fructas aos centros de consumo e de exportação.

Antes de mais nada é preciso estabelecer camaras frigorificas para o transporte das caixas e engradados e fixar o dia e a hora da sahida dos trens e dos vapores por onde as fructas têm de viajar. Sendo a fructa um producto eminentemente deterioravel, não se comprehende que fique dias e dias nos portos de embarque, aguardando conduccão para os centros de consumo.

Além disso, é urgentissima a creaçao, em cada porto e estação de estrada de ferro, de um armazem frigorifico onde as fructas possam esperar os vapores ou trens que viajarem atrazados — causa tanto commum, nos nossos meios de transporte. Segundo a informaçao que me prestou um competente, nem sequer aqui no Rio ha apparelhos para defender as fructas importadas da putrefacção que a inutilisa, pois em certos dias de calor intensissimo ellas vão desembarcando e ficando horas e horas — nas peiores dos dias caniculares — nos vagões, que ficam a manobrar interminavelmente no cais do porto, até o anoitecer.

Uma fructa delicada como a uva, a pêra, o figo, o pecego, não resiste a oito ou dez horas do nosso terrivel calor e quando, depois de desembarcada, é novamente posta no gelo, já está escaldada, já se acha quasi apodrecida.

Cumpre, portanto, olhar tambem para esse aspecto do problema, se se quer realmente baratear o preço das fructas.

*
* *

As considerações que ahi ficam resumidas não querem dizer que seja caluniosa a accusaçao que se faz contra a liura do nosso commercio de fructas.

Apenas significam que não é a exploraçao dos negociantes a causa unica da carestia do artigo.

A exploraçao existe e não é apenas dos cinco ou seis grandes importadores que

supprem o nosso commercio de pomos: é tambem das nossas emprezas de navegaçao que se sujeitam ás imposições dos importadores. O Sr. Martinelli respondendo ao officio da Superintendencia de Abastecimento, declarou que o frete das fructas transportadas da Republica Argentina para o Rio era caro porque as camaras frigorificas, uma vez feita a descarga aqui, ficavam vasias até o fim da viagem, visto que quasi não fazemos exportaçao de fructas para a Europa.

Uma informação particular que recebi e que supponho verdadeira vai um pouco mais longe: assegura que certa empreza de navegaçao entrou em cambalacho com os importadores, que lhe pagam a praça dos navios, contanto que elles venham do Rio Grande vasios e não transportem outras fructas que a do grupo açambarcador. A' primeira vista essa informação me repugnou: não lhe pude dar credito. Mas, depois, lembrando-me do que o commercio faz com a industria nacional, comprando-lhe os productos, mas impondo-lhes o rótulo extrangeiro, baixei a cabeça e concordei que não se trata de um absurdo, de um impossivel.

Além disso, ninguem que frequente a Exposição, ignora que quasi cincuenta por cento dos productos das nossas industrias não se acham nos mostruários, á vista do publico, pela imposiçao do commercio, que deseja continuar a fazelos passar como extrangeiros...

E' para tudo isso que deve voltar-se a attenção do Governo, que precisa dar um impulso sério á nossa fruticultura, concorrendo para o augmento da sua produçao, que pôde abarrotar o mercado interno e conquistar, de assalto, os do extrangeiro.

Patrício de Alencar.

("Brazil-Ferro-Carril").

MEMORIAS DE UM JORNALISTA

Os bastidores de um grande jornal!... que admiravel thema para um estudo de psychologia; quantas feições ineditas da alma não descobriria aquelle que pudesse e quizesse analysar e expôr deante dos olhos alheios esses pequeninos quadros de

todos os dias, os flagrantes das redacções dos jornaes, onde se vêem, como em polyedro multicôr, todas as faces, boas e más, da complexa natureza humana.

Essas cogitações me invadiram o espirito lendo, ultimamente, o livro de uma franceza, Maria Luiza Pailleron, neta do jornalista Buloz, o qual fundou e dirigiu em Paris a conhecida "Revista dos Dois Mundos", cuja participação foi tão grande no commercio das letras francezas. A escriptora reascendeu, nas paginas da *A vida literaria no tempo de Luiz Felippe*, a lembrança dos mais eminentes vultos da literatura franceza daquelle tempo; tornou sobretudo conhecidos aspectos ineditos e humanos dessas personagens, pelos quaes se vê como são parecidos os homens, ainda quando nasçam em polos oppostos, nos pincaros do talento ou na planicie de mediocridade. A vaidade, o orgulho, a inveja, a perfidia, transparecem naquellas resurreições, onde os defeitos dos grandes quasi consolam as misérias dos pequeninos. As sombras que a escriptora restaurou e humanizou, são as de Victor Hugo, Alfred de Vigny, Musset, George Sand, Sainte-Beuve, Merimée e tantos outros, collaboradores da "Revista dos Dois Mundos", cujos nomes fazem hoje parte do patrimonio das letras francezas. Essas excelsas figuras, cuja evocação perturba a intelligença, aparecem ali no seu scenario natural e perfeitamente integradas na sua condição humana. Descem do altar onde nos acostumamos a dignifical-as e vêm viver conosco, commungando os nossos defeitos.

Entre os collaboradores da revista, havia os maiores poetas da época. Cada um, porém, queria ser o principe do momento, a figura central em torno da qual gravitavam as outras. Mas essa preeminencia, comparavel á do sol no sistema planetario, não é passivel de divisões; quem consegue attingil-a fica sosinho, pairando acima dos outros, espargindo as luzes de sua gloria, mas sem partilhar com elles as premissas da hierarchia intellectual. Naquelle tempo quem ocupava esse lugar nas letras era Victor Hugo; mas todos os outros poetas de sua geração, com excepção delle Victor Hugo, não concordavam com essa ascendencia, pois cada

qual estava convencido de que lhe cabia o primeiro logar nas letras francezas. Certa vez a "Revista dos Dois Mundos", a propósito do *Roi s'amuse e das Feuilles d'automne*, publicou uma nota, atribuida a Sainte-Beuve, na qual se dizia de Victor Hugo o seguinte: "Com trinta annos, apenas, conquistou em nossa literatura um logar immenso e unico: drama, romance, poesia, tudo provém hoje em dia desse escriptor."

Incisivo, como se vê, o elogio era amplissimo e deixava em quem o lêsse a convicção de que o sol, de que falei acima, em torno do qual gravitavam as letras francezas, já tinha então nascido e os doutos, na sua critica, o proclamavam. Hoje, corridos os annos e ouvida a voz da posteridade, a ninguem surprehende aquella nota encomiastica como as que mais o fossem. Naquelle tempo, porém, pode-se dizer que Victor Hugo não era Victor Hugo. Por isso, o juizo categorico produziu certo espanto; mas foi entre os poetas que elle estoirou como uma bomba, causando apprehensões em todos e protestos nos menos timidos e mais veementes. A sua publicação trouxe ao journal um grande poeta, Alfred de Vigny, então collaborador da casa, e que não conteve a magua, vindo bradar e exigir uma reparação em nome de seus meritos literarios. Amigo de Vigny, o director da revista, embora não fosse obrigado a partilhar os conceitos literarios de Sainte-Beuve, critico official, resolveu publicar uma especie de rectificação, na qual se mostrasse que o jornal tambem sabia gabar, com orgulho, o talento do poeta de Moysés. A satisfação dada a Alfred de Vigny foi redigida nestes termos, que transcrevo textualmente: "Quando, ultimamente, esta revista falou de escriptores que recebem o influxo de um outro grande escriptor, convem saiba o publico que os mestres, em todos os generos, não entravam em nosso pensamento. Estamos certos que o grande poeta mencionado seria o primeiro a repudiar tão grande pretenção. Os Lamartine, os Vigny, os Mirimée, os Dumas, não fruem senão a sua propria idéa: o pensamento lhes é pessoal e tambem os instrumentos que lhe dão expressão. Escusado será dizer que, ainda, dessa vez, Alfred de

Vigny não ficou contente e que a revista magrou outro amigo: Victor Hugo...

Esse incidente da nota, provocou, então, grande barulho entre os intellectuaes da época. Todos os poetas, claro está, achavam exagerada a opinião de Sainte-Beuve; alguns criticaram, com razão, a situação grotesca em que o pobre Vigny se collocou, exigindo uma reparação pública que o cobriu de ridículo. Mas o desfecho desse caso literario, só o tivemos, oitenta e dois annos depois, quando Maria Luiza Pailleron deu publicidade ás reminiscencias de seu avô, revivendo innumeros episodios passados na "Revista dos Dois Mundos". A nota attribuida a Sainte-Beuve, elevando Victor Hugo ás nuvens e dando-lhe o primeiro logar nas letras francezas; a primeira glorificação do poeta, feita quando elle contava apenas trinta annos, tinha sido escripta pelo punho do proprio autor do *Roi s'amuse*, por Victor Hugo em pessoa. Entre os papeis de Buloz, sua neta encontrou o seguinte, que esclarece tudo: "Em 1831, Victor Hugo enviou-me uma nota, por elle ditada, e que se encontra na colleção desse tempo, 1831 ou 1832. Inexperiente e admirador do poeta, publiquei-a Nella se dizia, porém: *tudo depende de Victor Hugo, drama, romance, poesia, etc...* Tenho ainda presente na memoria a tempestade que provocou, e então jurei nunca mais me deixar embair por semelhante charlatanismo." Era assim o proprio Victor Hugo quem fazia como os pobres coitados que entram nas redações dos jornaes, trazendo manuscripta a relação de seus meritos, para pedir uma noticia de anniversario ou o louvor para qualquer deliquio de poesia lyrica que os accommetteu. Fica-se hesitando se aquelle gesto, pouco distinto, de egolatria, era, no super-homem, uma manifestação da sua prescincia, ou se o grande poeta merecia mesmo o conceito que delle fez outro collega nas Musas, José Maria de Heredia, que se referia a Victor Hugo nestes termos: *Bête comme l'Hymalaia...*

Não era, porém, somente Victor Hugo, que mirando a sua pessoa e vendo-a acima das outras, esquecia e imitava Alfred de Vigny. Este poeta era uma victima da falta de memoria em relação a

elle, até de seus parentes mais chegados... Casado com uma ingleza, certa vez o seu sogro encontrou-o, em Veneza, com Lamartine, poeta e diplomata. O inglez, sogro de Vigny, tomou parte na conversa para declarar o seguinte facto concreto: Minha filha é casada com um poeta frances... Quando lhe perguntaram o nome, não o soube dizer. Lamartine, aguçado pela curiosidade de saber qual era o seu collega nas letras que contraria nupcias na Inglaterra, mencionou, pausadamente, todos os nomes de poetas franceses. Depois de cada um o inglez recolhia-se ao seu eu, concentrando, para ver se no abysmo de sua memoria encontrava algum que casasse com aquelles, e seria então o de seu genro. Varias negativas se succederam, até que o nome de Vigny repercutiu no ambiente, articulado pelos labios de Lamartine. O inglez mais uma vez concentrhou-se para dizer que lhe estava parecendo ser aquele o nome do genro.

As reminiscencias do director da "Revista dos Dois Mundos", escriptas por sua neta, Luiza Pailleron, contêm muitos outros episodios, onde transparecem, como despidos deante de um espelho, alguns desses aspectos da miseria humana. Todos conhecem taes provas de fraqueza, e não ha dias em que não se apresente no jornal alguem para mendigar ou tecer louvores á sua pessoa. O exemplo de Victor Hugo é, porém, edificante e tranquilizador: edificante porque nos mostra que os homens grandes tambem têm as torpes fraquezas dos mediocres; consolador para os mediocres, que se podem louvar no seu exemplo...

Antonio Leão Velloso.

(Trecho de um artigo do "Correio da Manhã").

NOTAS ECONOMICAS

(Valor dos estabelecimentos rurais no Brasil)

O Brasil conta 648.115 estabelecimento rurais. Sobre esta questão, em trabalho anterior, foi dada uma idéa, aqui, numa exposição succincta e comprehensivel á

primeira vista. Para completal-a, vejamos, agora o valor daquelles estabelecimentos. Isto é: a sua expressão em dinheiro, em nossa moeda, o quanto elles valem. Para maior facilidade e menor esforço do leitor, sigames uma maneira de exposição simplista, mais de ver do que de comprehendender, entrante de olhos a dentro. Será questão de methodo. Quer dizer, de jogar com os dados estatisticos, dar-lhes nova disposição, divisão e subdivisão; fazer algumas operações elementares, comparações, indicações, etc. E, assim, teremos em primeiro logar, o quadro a seguir, em que se apresenta gradativamente, ou em ordem, a posição de cada Estado, a proposito, na Federação:

BRASIL

Valor dos estabelecimentos rurais

1.º) S. Paulo . . .	2.887.143:843\$
2.º) R. G. do Sul .	2.010.999.280\$
3.º) Minas . . .	1.961.000:410\$
4.º Bahia . . .	556.954:034\$
5.º Rio de Janeiro .	456.281:522\$
6.º Pernambuco . .	392.318:152\$
7.º Paraná . . .	308.525:669\$
8.º Goyaz . . .	244.187:653\$
9.º Matto Grosso . .	240.238:713\$
10.º Pará . . .	193.328.607\$
11.º Santa Catharina .	191.165:673\$
12.º Espírito Santo .	180.921:186\$
13.º Parahyba . . .	174.233:145\$
14.º Ceará . . .	155.073:198\$
15.º Alagoas . . .	127.950:162\$
16.º Sergipe . . .	99.024:420\$
17.º Amazonas . . .	96.345:919\$
18.º R. G. do Norte .	87.773.303\$
19.º Piauhy . . .	85.619:066\$
20.º Maranhão . . .	47.442:298\$
21.º Distrito Federal .	37.839:006\$
22.º Acre . . .	33.525:432\$

O valor da propriedade rural varia muito no Brasil, em geral, de norte a sul. Como se vê, pelo quadro acima, não é um criterio seguro para o seu valor a extensão territorial dos Estados. Estados ha cuja area territorial é duas, tres, cinco e mais vezes maior do que a de outros. No entanto, o valor das suas propriedades rurais é menor. Portanto, a extensão territorial de cada propriedade rural não é unico criterio de seu valor.

Qual a explicação? — A explicação, como toda explicação, é simples. Do contrario, não é explicação, é complicação. E, assim, vem a ser que o valor da propriedade rural não está, propriamente, só no valor das terras. Ou, por outra, no solo natural. Está tambem, no valor das bemfeitorias, dos machinismos e dos instrumentos agrarios. Em summa, nesse conjunto de elementos, que condicionam o solo natural á produçao, conforme as lições da Economia Rural. E' intuitivo. Porque um tracto de terra offerece valor relativo. O que lhe dá a plenitude de valor é o apparelhamento á produçao, como construcções rurales, cercados, ma-chinas, etc., etc.

E tudo isso, por sua vez, não deixa de ser condicionado, tambem, por outras tantas condições, de certo ponto. Bem. Posto isto, para evitar pequenos exemplos, demos logo um grande exemplo, que nos satisfaça, que nos sacie. E esse exemplo é o seguinte: o total de propriedades rurais de S. Paulo, Rio Grande do Sul e Minas, apresenta mais de 3/5 do total da propriedade rural de todo Brasil. Ou, por outra, mais de 3/5 do valor da propriedade rural de todo Brasil, pertence a S. Paulo, Rio Grande do Sul e Minas. Entretanto, a superficie quadrada do Brasil é superior a 8 milhões e 1/2 de kilometros quadrados. A dos tres Estados alludidos vae pouco acima de 1 milhão e pico de kilometros quadrados. Neste caso, a conclusão final é essa: tres Estados valem mais do que dezesete, inclusive o Distrito Federal e o Territorio do Acre. Valem mais do que o resto do Brasil. Por ahí se vê bem o mundo de realizações que espera o Brasil de seus filhos. Como é necessario construir, concretizar, fazer, entre nós. Vê-se como a acção é um imperativo para todo paiz. Acção elevada e multipla: na politica, no comércio, na sciencia, na agricultura, nas artes, na industria. Numa palavra, em tudo, sem perder nessa multiplicidade de acção o seu senso de conjunto, baseado em realizações e extreme desse egoismo representado pelos vagos ideaes. Do contrario, o Brasil será o desequilibrio, a principiar pelo peor que é o de aspecto economico — base de todos os outros — como acabamos de ver:

	<i>Valor dos estabelecimentos rurais</i>	<i>Valor dos estabelecimentos rurais</i>	
SUL		NORTE	
1.º) S. Paulo . . .	2.887.143:843\$	1.º) Bahia	556.954:034\$
2.º) R. G. do Sul . .	2.010.999:280\$	2.º) Pernambuco	392.318:152\$
3.º) Minas Geraes . .	1.961.000:410\$	3.º) Pará	193.328:607\$
4.º) Rio de Janeiro . .	456.281:522\$	4.º) Parahyba	174.233:145\$
5.º) Paraná	308.525:669\$	5.º) Ceará	155.073:198\$
6.º) Goyaz	244.187:653\$	6.º) Alagoas	127.950:162\$
7.º) Matto Grosso . .	240.238:713\$	7.º) Sergipe	99.024:420\$
8.º) Sta. Catharina . .	191.165.673\$	8.º) Amazonas	96.345:919\$
9.º) E. Santo	180.921:186\$	9.º) Rio G. do Norte . .	87.773:303\$
10.º) Distrito Federal . .	37.839:006\$	10.º) Piauhy	85.619:066\$
		11.º) Maranhão	47.442:298\$
		12.º) Acre	33.525:432\$

Em numero de estabelecimentos rurais, os Estados que ocupam os dois principaes logares são: Rio Grande do Sul e Minas. Apezar de S. Paulo ocupar o terceiro logar, a esse objecto, — cabe-lhe o primeiro logar quanto ao valor dos estabelecimentos rurais. E' bem maior, tal valor comparado com o dos dois alludidos Estados. Isso, porém, não diminue o destaque que, nesse sentido, têm o Rio Grande do Sul e Minas. Basta notar que, pondo-se de parte São Paulo e Rio Grande do Sul, o total do valor das propriedades rurais, em Minas Geraes, é superior ao total de valor das propriedades rurais dos outros Estados — juntos — no sul do Brasil. Por outro lado, acontece que não ha disseminação da valorização da propriedade rural pela superficie de cada Estado. Faz excepção, até certo ponto, o Estado de São Paulo e Rio Grande do Sul, mas, sobretudo, São Paulo. Vamos aos exemplos. Minas vale, sobretudo pelo sul, o sul de Minas, que é famoso. O Estado do Rio, pelo municipio de Campos, reinando, intermittentemente, muito atrazo, no resto. Goyaz, quanto ao numero de estabelecimentos rurais, não está bem colocado, como se viu em trabalho feito aqui. Entretanto, quanto ao valor destes estabelecimentos tem um bom logar. A mesma coisa, Matto-Grosso. Mas tudo isso é sobretudo uma realidade no sul de ambos os Estados. Falo disso até de cadeira. A luta pela vida já me fez que, em rapazinho, fosse funcionario da primeira repartição arrecadadora, áquelle tempo, do Estado de Matto-Grosso, ao norte.

No norte, tambem, não ha disseminação de valorização das propriedades rurais, pela superficie dos Estados. E' ver Pernambuco, como Sergipe e regiões assucareiras. A maior valorização se encontra localizada em determinados pontos. O valorizado faz de pequenas manchas em comparação ao geral da expressão geographic rural a valorizar. Excepção, apenas, de largos trechos, nos Estados flagellados, onde permanece um mesmo padrão economico. Mas mesmo assim estes Estados pôde-se aplicar plenamente a regra acima. De certo ponto, ha uma tal ou qual medida regional, na valorização das propriedades dos pequenos Estados: Sergipe, Alagoas, Ceará, Parahyba e Rio Grande do Norte. Nenhum delles, comparada e relativamente, tem, a respeito, posição saliente. E' mais um mal isso do que um bem. Excepção feita de Pernambuco, cuja superficie quadrada é mais de duas vezes menor do que a do Piauhy. Maranhão é o terceiro Estado em superficie no norte. E' um Estado de possibilidades multiplas, participando as suas condições do "meio" amazônico e do centro norte do paiz. Entretanto, o Maranhão offerece essa curiosidade, que eu ignorava: a valorização das suas propriedades rurais é sensivelmente maior do que a do Piauhy. A Bahia, que tem o primeiro logar, só por si vale mais do que todo extremo-norte junto, Pará e Amazonas, comparado o total do valor das propriedades rurais, de um e outro lado. E, aliás, a posição do Pará é, relativamente, boa. E' por quem não tenha examinado a questão, melhor do que se

pensa. Não é inferior a de nenhuma dos Estados flagellados. A posição do Amazonas é que não é das melhores. E o Amazonas, afóra o Pará, é territorialmente maior do que todos os Estados do norte, juntos, exclusive o Acre, cuja superficie deve ser mais ou menos igual á de Pernambuco.

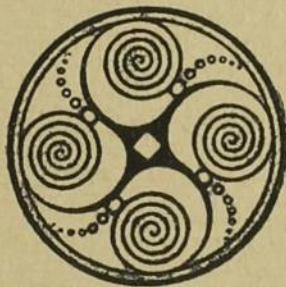
SUL E NORTE

Estados do Sul . . .	8.518.330:955\$
Estados do Norte . .	2.049.677:736\$

10.568.008:691\$

Assim, pois, o valor das propriedades ruraes no sul do paiz é mais de quatro vezes do que o valor das propriedades ruraes no norte do paiz. Ou por outra: do total do valor das propriedades ruraes do Brasil — mais de $3\frac{1}{4}$ pertencem aos Estados do sul do Brasil e menos de $1\frac{1}{4}$ aos Estados do Norte do Brasil. Ou, ainda, por outra: — $\frac{4}{5}$ pertencem aos Estados do sul do Brasil e $\frac{1}{5}$ aos Estados do norte.

Mario Guedes





DEBATES E PESQUISAS

CARTAS DEVOLVIDAS

A primeira religião dos brasíis

Eis-me de novo, meu senhor e amigo, a submeter á experencia e ás luzes de um voltaírano e sceptico, como é Vossa Mercê, um caso de consciencia duvidoso e incerto.

Vossa mercê, bem o sei, não tem religião alguma, mas é amigo das religiões, encara-as amavelmente com aquella serenidade impassivel dos philosophos e vagabundos que contemplam as estrellas.

Ha uma destas que parecem fixas, outras errantes, e muitas mais innumeráveis que não chegaram a ser vistas.

— Aquella que ali vês (disse-me gravemente Vossa Mercê) já morreu ha dois mil annos, mas alumia ainda e necessita agora vinte seculos para desapparecer. São assim as religiões.

Entendo, porém, as coisas por outra fórmula.

Sou nacionalista, e entendo que a nossa religião é e será sempre uma especie de "caraimonhaga".

O nome brasílico desapareceu, mas deixou luz para todos os tempos por vindouros.

Venho offerecer, pois, á sua meditação um dos problemas da nossa psychologia ethnica e collectiva.

Sabe, sem duvida alguma, Vossa Mercê, tão bem informado das correntes philosophicas do nosso tempo, que ao lado da psychologia individual, de si mesma tão obscura e difícil, nasceu e formou-se a psychologia ethnica (a "Volkerpsychologie") que estuda residuos communs do pensamento em qualquer raça. Essa mais vasta concepção da psychologia explica muitos dos phenomenos individuaes que não passam dos impulsos da especie, da alma do povo, anteriores e sobranceiros ás idéas de qualquer individuo.

A raça não possue apenas fórmas e typos exteriores, possue igualmente uma alma commum formada de lentes asquisições, alma da especie e da familia que antecede todos os momentos da personalidade.

E' essa alma antiga a responsavel pelos mythos, pela religião, pela linguagem, pelo direito e emfim por todas as creações primitivas e elementares.

Lazarus, Steinthal, Wundt foram os

seus creadores, e o primeiro foi quem lhe deu o nome.

Aceitemol-o, ao menos, por uma comodidade logica.

No Brasil como em toda a America, o elemento civilizador trouxe a sua religião, o christianismo ancestral de estrutura já definida através de lutas, de heresias e discordancias millenarias, que embracharam, se adaptaram ou desapareceram.

Sob o céo do novo mundo com a diferença das raças e o antagonismo dos colonizadores vindos de todos os pontos cardeas surgiram novas seitas, crenças extravagantes e singulares, como bem pôde avaliar quem examina essa babel confusa e instavel das civilizações americanas.

O velho Holtzendorff numa notável contribuição para a psychologia ethnica estudou as varias formações das seitas norte-americanas, cujas perturbações políticas, sociaes e ethicas tanta importância offerecem ao sociologo; e reconheceu o "alto interesse" que o problema suscita na America.

Deixemos, porém, o hemisphério do norte com os seus mormons, com a sociedade Shaker, com os perfeccionistas, etc., e attendamos antes aos exemplos domesticos já numerosos e lamentavelmente tinctos de sangue.

Dessas explosões mysticas, eivadas de idéas políticas em diabolico consorcio, temos o exemplo recente e a dolorosa memoria da matança de Canudos, do José Maria do Contestado com o sacrificio de tantas vidas preciosas.

Se cursarmos a possello a nossa historia, encontramos a mesma cegueira nos quebra-kilos infensos ao sistema metrico, ás mortandades do falso sebastianismo da Pedra Bonita...

E quantas dessas explosões mysticas e sanguinolentas!

Toda vez que a vaga civilizadora se desdobra sobre o sertão inculto lá encontra o paredão selvagem que resiste e provoca a espumarada triumphante.

Esses factos são, por assim dizer, quotidianos e multiplicam-se em pequeninos

conflictos infinitesimales que passam, cá fóra, despercebidos. Não é menos certo que se trava uma luta entre as idéas do sertanejo, cuja psychologia ethnica representa uma phase diferente, retrogada e ás vezes incompativel com a dos conquistadores.

Ainda que um homem intelligente e perspicuo me houvesse dito com desattenção grave que tudo isso não tem importancia, persisto em acreditar com Holtzendorff que o phenomeno tem a maxima importancia na psychologia ethnica, e sem essa consideração a sociologia seria menos que um absurdo metaphysico, seria uma occupação malsã da ociosidade.

Em regra geral, nessas formações de seitas mysticas ha o que se chama um syncretismo religioso, amalgama de principios raciaes differentes e contraditorios.

Em todas as formas do mysticismo brasileiro encontramos o influxo syncretico do africano, do indio e do peninsular ou do mestiço já caldeado.

E' uma congerie de superstições que reagem entre si e acabam achando qualquer equilibrio.

E' claro que cada caso offerece aspectos singulares, e não quero apresentar a Vossa Mercê senão a pista de um dos casos mais antigos que conhecemos.

Não leu acaso Vossa Mercê o livro recente e tão curioso da — "Primeira visitação do Santo Officio ás partes do Brasil" em 1591?

E' um livro de confissões que jazia discretamente manuscrito nos archivos da Torre do Tombo. Agora veiu á luz por diligencia de Paulo Prado, a quem a historia deve mais esse serviço. Prefaciam o livro algumas paginas do maior dos nossos historiadores, Capistrano de Abreu.

Entre as confissões publicadas (algumas horripilantes pela baixeza moral que denunciam) apparece uma especie curiosa, a da formação de uma seita religiosa a — "Santidade" — como lhe chamavam, que atesta esse mesmo fermento de que somos ainda testemunhas nos nossos dias.

O meu intento é demonstrar que esse

phenomeno de syncretismo religioso, que tamanhas perturbações tem causado ao Brasil, é antiquissimo e data dos primeiros tempos da colonizaçāo.

Duas ou tres raças diversas, aqui submettidas á doutrina christā, que era a religião imperial, desde logo começaram, á sua propria conta, a formar novos credos, religiões novas, superstições e fanatismos mais adequados ao baixo nível da sua cultura.

Esse é o caso da religião da — "Santidade" — que deu que fazer ás autoridades religiosas e civis sob o governo de Telles Barreto nos ultimos decennios do primeiro seculo.

A — "Santidade" — ou a "Caraimonhaga" — foi a primeira religião nova dos bras. s.

Acreditavam elles na vinda de um feiticeiro vindo de fóra para pregar a boa nova. Isso lembra um pouco aquella agitação hellenica e romana por um deus forasteiro — "Ignotus Deus" — o deus desconhecido.

Desde os primeiros dias da colonização Anchieta, Lery, Nobrega, Aspicuelta, segundo nos recorda Capistrano, todos elles e outros ainda observaram essa ansiedade prophética.

Homens e mulheres, ebrifestivos, abandonavam o trabalho, e tudo esperavam da nova redempção. Para que caçar? para que colher peixes e frutos? tudo lhes viria ás mãos; a terra, as arvores, os rios mysteriosamente lhes trariam todos os thesouros.

No tempo dessas — "Confissões" — a "Santidade" foi creada e estimulada por um indio Antonio que havia estado no serviço de alguns padres em Tinhare e delles havia tomado uma dose de christianismo, como os sacristães apanham algumas pitadas de latim...

Com essa alforja saiu o indio Antonio a pregar a religião nova, e, logo, dando vozes, conseguiu um ajuntamento fanatico de colonos estupidos, de negros boçaes e de mulheres visionarias.

Esse Antonio (cujo nome coincide com o do famoso Conselheiro mystico) dizia-se papa, e arranjou uma gentia que era

a mãe de Deus, e ambos faziam baptismos "arremedando e contrafazendo os usos da egreja" e sobre um altar puze ram uma chimera informe "nem peixe, nem bicho", a que prestavam culto.

Essa erronia durou annos e só acabou a coronhadas de espingarda quando já compromettia o trabalho e a paz publica.

Acha Vossa Mercê que isso não tem importancia?

Não o creio. Todas as sociedades em formação, enquanto não alcançam equilibrio e homogeneidade, contêm em si perigosos explosivos.

Qualquer reacção pôde produzir uma catastrofe ou um terremoto.

O grande cuidado, o maximo cuidado dos civilizadores deve ser o de apagar essas differenciações mortaes entre os homens que respiram sob o mesmo céo.

Ha certas vantagens na intolerancia como as ha no despotismo esclarecido.

Nosso dever não é tanto o culto da liberdade como a diligencia que inutiliza a necessidade das tyrannias.

Se Vossa Mercê um dia quizer fundar uma — "Santidade" — aqui estou para servir de acolyto (que para mais não sirva); mas não se espante nem leve a mal que o sacristão (com algumas pitadas do latim de Vossa Mercê) saia a fundar uma Santidade nova.

Uma propriedade geral de todas as reformas é que ellas se multiplicam ao infinito.

E, comquanto o mundo haja mistér de uma reverendissima reformação, estou que o melhor é ficarmos tranquillos e morrermos com a fé que bebemos no berço.

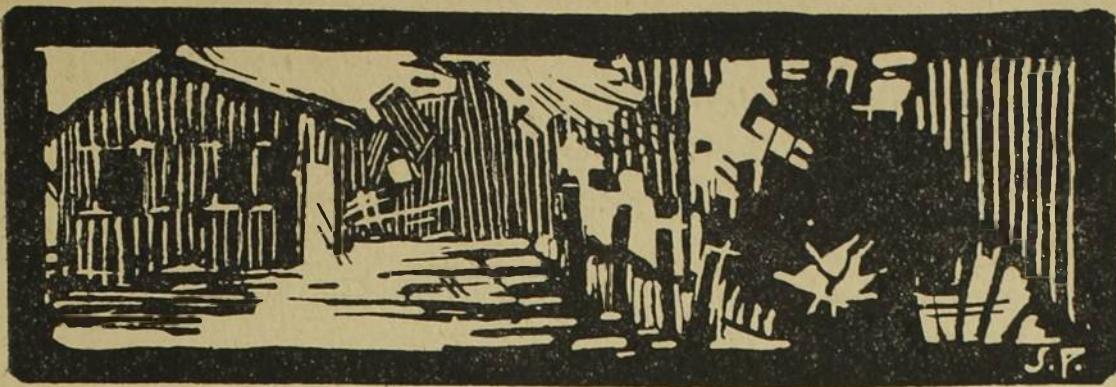
No fim de contas, que importa a ma china do universo ser Vossa Mercê ou eu um propheta?

Nem por isso hão de falhar as taboas dos eclipses nem a veneração que dedico á Vossa Mercê.

Creia-me, ent.

João Ribeiro.

("O Jornal", Rio).



CURIOSIDADES

ABDOUL BAHÁ, O PROPHETA DO OPTIMISMO

Ha tempos os jornaes franceses noticiaram, simplesmente, a morte de Abdoul Bahá. Como um propheta que era, morreu elle na desolada Palestina, terra amada dos illuminados.

Filho de Bahau'llah, herdeiro do pensamento de Bab, primeiro, anunciador da religião "unificada", espalhou Abdoul Bahá, pelos paizes da terra, a palavra evangelizadora do "escravo de seu pae".

O bahismo é, pois, aquelle mesmo movimento religioso já observado por Gobineau.

Convém saber que Bab, ao começar, sonhava unicamente com a regeneração do seu proprio paiz e, apoiado em sua palavra persuasiva, mais doce que o canto do passaro da madrugada, ajudado pela sua esplendida belleza, principiou encontrar seus primeiros proselytos entre a casta mais opprimida do paiz — as mulheres; eis porque foi uma das suas doze proposições fundamentaes — a "igualdade entre o homem e a mulher". Porém, como a sua palavra de liberdade começasse a inquietar então o poder constituido, depois de seis annos de evangelização, foi Bah encarcerado como perturbador a ordem publica, e do

ergastulo, ainda carregado de ferros, passou ao patibulo. Isso foi em 1844. Mas a semente cahira em terreno favoravel, pois, em breve, um novo iniciado, o nobre Bahau'llah — gloria de Deus — reunindo me torno de si os crentes dispersos, proseguiu a obra interrompida. A palavra florira; o martyrio accendera ainda mais a fé primeira; o bahismo teve, assim, o seu baptismo de sangue. Como se sabe, é, o martyrologio a força mais poderosa para o desenvolvimento das religiões. A oppressão fomenta a energia, o perigo dá ás almas uma estranha volupia — a forte e deliciosa volupia da abnegação que nasce com a renuncia da liberdade physica e se affirma com a certeza da liberdade espiritual.

Perseguido cada vez mais tenazmente como subvertor da sociedade constituída, Bahau'llah, tal como um patriarcha antigo, seguido por uma inteira tribu', tomou, um dia, o caminho do exilio. As perseguições, contudo, mesmo em terra estrangeira, nunca cessaram completamente; assim foi elle lançado, dentro em pouco, nas escuras prisões de Acre. Mas a fama da sua santidade bem depressa se espalhou ruidosamente, como levada pela rapidez do vento, e o velho Aram da Biblia, desde o Euphrates, á Arabia e ao Mediterrâneo, em breve reconheceu a fama

do novo propheta que pregava a paz e a concordia humana. E da longinqua Beyruth, da silenciosa Jaffa e da inquieta Tripole, partiram peregrinos, em pequenos grupos ou em longas caravanas e, repentinamente, S. João de Acre se viu assediada pelo cortejo intermino dos falmintos de ideal! Vieram todos, humildes e silenciosos, desde o xeque manirroto e impassivel ao mais simples e pobre dos cameleiros. E o propheta disse, entao, ao xeque vagabundo e rapineiro: "O melhor povo é aquelle que vive unicamente do proprio trabalho; o homem mais desprezivel é aquelle que não sabe desfrutar as dadivas generosas da terra nutriz..." e, deante das tribus inimigas, exclamou: "Pois que sois todos filhos de uma mesma substancia, deveis ser omo uma unica alma; deveis caminhar com os mesmos pés, comer com a mesma bocca e viver na mesma terra, de maneira que possaes manifestar os mesmos signaes de "unidade" num unico espirito de união. Que nenhum homem se glorifique de amar uma unica patria, mas que ame sómente o seu proximo. Filhos de um mesmo Deus, não ha raças ha almas!" E disse mais: "O amigos! Associae-vos com todas as gentes do mundo, suavemente, alegremente... A associação é a causa da união, e a união — a fonte da ordem no mundo". Seguiu assim, de preceito em preceito, a compor o "Livro da Certeza", que é a Biblia bahista. Prevé a sorte dos homens, quando diz: "Reina na terra a soberbia, por palavras os homens se supprimirão, e vós, tyranos da terra, deixae em paz os opprimidos, pois Deus não permite a oppresão. E' chegado o tempo do amor universal!"

Sim, reinava na terra a soberba; por palavras os homens se supprimiram, mas, mesmo depois da terrivel matança, a soberbia continuou a reinar, talvez mais forte que nunca!

Bahaou'llah quiz a unificação de todas as religiões desde Zoroastro e Moysés a Jesus e Mahomet, por isso escreveu entre as suas proposições fundamentaes "A base de todas as religiões é uma só". Talvez essa união nos possa parecer por demais complexa, mas é sómente porque as coisas sagradas são vedadas aos es-

piritos sem fé. Assim o bahismo é por excellencia a religião do optimismo soridente...

Durante quasi meio seculo de prisões e exilio, o propheta, definindo o fundamento do novo crédo, procurou, generosamente, espalhal-o pela terra. Escreveu a todos os chefes de Estados do mundo, inclusive a Pio IX, mas, quasi sempre em vão. Apenas a rainha Victoria respondeu-lhe, com sybillina prudencia: Se as vossas palavras são verdadeiramente inspiradas por Deus, não deixarão de frutificar...

O czar Alexandre pensou em enviar um emissario especial para estudar a nova doutrina, porém, á ultima hora, recuou atemorizado, tanto ella lhe pareceu revolucionaria e subvertora da ordem publica. E' interessante imaginar-se que, ha cincoenta annos passados, o chefe autocrata da Russia se interessasse, ainda que momentaneamente, por uma doutrina quasi bolchevista, embora mais optimista e humana!

Em verdade, parecem apenas pronunciadas estas velhas palavras propheticas: "O dom que Deus fez a esta época illuminada foi a consciencia da unidade do genero humano e da unidade fundamental da religião... Fugidas opiniões preconcebidas: a luz é bôa em qualquer lampada; em qualquer jardim a rosa é bella. Uma estrella tem um mesmo esplendor, quer brilhe a leste, ou quer esplenda a oeste..."

E, quando Bahou'llah morreu, foi tal como se uma esplendida estrella se apagasse, lentamente...

Em seguida, Abdoul Baha, o escravo de seu pae — tomou a palavra do ensinamento. Porém, mais infeliz do que o predecessor, o novo propheta do optimismo assistiu desencadear-se entre os povos a mais sangrenta de todas as guerras. — Reinava na terra a soberbia! Veiu, entao, trazer o pensamento illuminado aos povos inimigos. Perambulou pe'a Europa. Esteve em Paris, onde o sr. Hippolyte Dreyfus serviu-lhe de autorizado interprete, tendo mesmo, segundo creio, escripto, mais tarde, um pequeno ensaio sobre o bahismo.

Abdoul Baha era um velho magnifico e affavel, sempre vestido de uma am-

pla tunica verde-oliva, e conservando invariavelmente a cabeça altaiva envolta num immenso turbante branco. O propheta pregava em persa, e a sua voz se elevava como uma surda musica, melancolica e grave. Os parisienses que o escutavam deixavam-se vencer por aquella voz incomprehendida que recitava coisas profundas...

Mas, um dia, inesperadamente, Abdoul Baha partiu para a Palestina. Agora acaba apenas de morrer... E' um homem que passa; mas bem pouco vale um homem em face de uma idéa, que se desencadeia, e é eterna... Que o novo chefe da doutrina possa ver, um dia, implantadas entre os homens as doze proposições fundamentaes, todas tendentes á paz universal.

Até hoje tem sido o mundo dominado pelas religiões absolutistas que, exigentemente, não permitem o desenvolvimento de outros cultos. E, em verdade, a tolerancia religiosa seria o ponto vulnerável de um edificio doutrinario. E', pois estranho que o bahismo, afastando-se do caminho da intransigencia, sonhe com a unificação completa de todos os crédos.

Caio Mario.

Roma, 1922.

A SYPHILIS

Talvez pouca gente saiba que a Syphilis já foi adorada como Deus pelos mexicanos que a chamavam NANAHUALT! Essa adoração, porém, não impediu que Fracastor lhe desse um nome bastante feio; "SIPHILIS", que, segundo Bosquillon, quer dizer "Detestavel"...

Ha outras versões sobre a etmologia dessa palavra. Muitos, escrevendo Syphilis, com "y", a fazem derivar de "sujo", "immundo", etc. E ha quem pretenda que deriva de "amar" — "Fylein" e mais o suffixe "Sy" — porco...

Que ella é uma "indesejavel" o prova a maneira como foi repellida por todos os povos. Ninguem a queria e cada qual a atribuia ao povo inimigo ou ao povo vizinho. E assim que os Napolitanos chamaram-no "Mal Francez" (mal gallico ; os franceses, "Mal Napolitano",

os russos "Mal Allemão", os allemães, "Mal Polaco", os polacos, os inglezes, os belgas e os hollandezes, "Mal gallico"; e no Oriente, India, Japão, China, chamavam-no "MAL PORTUGUEZ"!

Tem ainda outros synonimos que envolvem as crenças religiosas: "Mal dos Turcos", "Mal dos Christãos", "Mal dos Hebreus". Uma denominação pouco conhecida é, sem duvida, a de "Mal de Fiume"...

O nome "Syphilis" pegou, logo, porque acabava com a odiosidade de offendr as diversas nacionalidades ás quaes se attribuia.

O grande alcoolico Paracelso, a quem Leibnitz chama "o mais maluco dos medicos" e "o mais medico dos malucos", porque sendo medico, era ao mesmo tempo astrologo, e queria metter em tudo mathematica, deu á syphilis o nome de "Mal venereo", não em homenagem a Venus, Deusa do amor, e sim porque achava certa relação entre as revoluções do astro Venus e as phases de recrudescencia da doença.

Mas, afinal, qual a verdadeira origem da syphilis?

A narração classica diz que no outono de 1494, Carlos VIII de França, com um exercito "COMPO.TO DE MERCENARIOS DE TODOS OS PAIZES DA EUROPA", invadiu a Italia, tomou Napoles e, pouco depois, explodiu uma grande epidemia de syphilis.

Era a primeira epidemia dessa doença.

A esse respeito Voltaire escreveu a seguinte pilheria:

*"Quand les Français, a tête folle
S'en allèrent dans l'Italie
Ils prirent, à l'étourdie
Et Gêne et Naples, et la verolle."*

*Puis, ils furent chassés partout.
Et Gêne, et Naples ont leur ôta,
Mais ils ne perdirent pas tout
Car la verole il leur resta".*

Com effeito, um sopro de patriotismo passou por toda a Italia e o exercito francez foi batido, e, sendo composto de "mercenarios de todos os paizes da Eu-

ropa", fugiu em todas as direcções, espalhando a doença por toda a Europa.

O mundo foi surprehendido com esse flagello. Que mal era? De onde vinha? Como se chamava? Todos os paizes trataram de tomar medidas mais ou menos energicas. Em Paris uma lei impunha o estrangeiro a abandonar a cidade em 24 horas. Na Escocia as meretrizes eram marcadas com um ferro em brasa na testa. Havia todas as evidencias de que a doença era nova. Umas das provas é que não tinha nome cada qual, conforme dissemos, a appellidava com o nome do introductor apparente.

E, assim, durante quatro longos séculos se discutiu a origem da syphilis. Uns diziam que o mal novo era do novo mundo, pois coindidia com a volta de Colombo de sua primeira viagem á America. Outros diziam que este mal era tão antigo que até Jacob tinha sido victima. Segundo outros, quasi nenhum dos imperadores tinha passado do indemne. O grande Augusto fôra por elle atacado e seu medico, Antonius Musca, tratava-o friccionando deante de grande fogareiro, afim de cural-o fazendo-o suar muito.

Eram, como se vê, todas allegações sem prova alguma séria.

Chegámos assim ao ultimo quartel do seculo XIX. Em 1882, por occasião do IV Congresso Internacional Americano, reunido em Madrid, o Dr. Montejo y Robledo, cirurgião do Exercito hespanhol, apresentou a respeito da origem da syphilis documentos sensacionaes do tempo de Colombo, descobertos por elle na Biblioteca Nacional de Madrid.

O primeiro documento é de um eminente medico do tempo: Dr. Ruy Dias de Isla. Elle se achava em Barcelona em 1493, quando Colombo voltou de sua primeira viagem e "FOI TESTEMUNHA DO DESEMBARQUE DA SYPHILIS NA EUROPA." Depois dirigiu durante dez annos o Hospital de Todos os Santos, em Lisboa, para onde mandavam os doentes americanos e ahi adquiriu tanta practica dessa doença que escreveu um livro: "Tratado de la Buba". E' o primeiro livro que se escreveu sobre syphilis.

Appareceu em 1510.

Dias de Isa afirmou categoricamente, que o mal foi importado pelos marinhei-

ros de Colombo. Diz mais que, conversando com os doentes recem-chegados do novo mundo, este diziam que "lá (na America) tinha muito dessa doença e diziam umas palavras incomprahensiveis — que eram nomes americanos da doença." Quasi toda a esquadra de Colombo estava infeccionada; não tendo escapado nem o célebre piloto Vicente Pinzon, de Palos.

O segundo documento é de um escritor ousado. Oviedo, que ao tempo de Colombo estava na moda. Elle obteve licença para acompanhar Colombo na sua segundo viagem,, e escreveu a "Historia Natural y General de las Indias". Elle diz nesse trabalho que os hespanhoes que acompanharam Colombo contrahiram uma doença que levaram para a Hespanha.

Em uma "Memoria" ao Rei da Hespanha elle diz: "Essa doença foi transmitida pelos soldados hespanhóes, companheiros de Colombo, ao Exercito de Carlos VIII de França.

Como se vê, havia no Exercito francez que tomou Napoles soldados hespanhóes que já tinham estado no novo mundo, o que explica a eclosão da epidemia em Napoles.

O terceiro documento é o do grande Padre Las Casas, um respeitavel religioso que gastou a vida inteira em proteger e defender os indios dos maus tratos dos europeus. E', pois, um documento insuspeito.

Elle tambem escreveu uma "Historia de las Indias". Na pag. 349 diz: "Duas cousas houve e ainda ha nesta ilha (Haiti) que foram no principio mui penosas para os hespanhóes: uma é a enfermidade das barbas, que na Italia chamam Mal francez. E' bom que se saiba a enfermidade: essa enfermidade foi importada desta Ilha pelos soldados hespanhóes que fizeram parte do regimento de Carlos VIII de França.

Como era natural esses documentos causaram tão funda impressão no espirito dos congressistas, que, dari para cá, a origem americana da syphilis foi aceita por todos os syphilographos.

Apezar de americana, porém, a syphilis não é brasileira. No Brasil ella veiu de torna-viagem com os descobridores.

Antes de 1580 não era conhecida aqui

Bordier, no seu curioso livro "Geographie Medicale", no capítulo sobre a syphilis não cita o Brasil.

Os Drs. Roquette Pinto e Murillo de Campos, na Comissão Rondon, verificaram o completo desconhecimento da syphilis nos sertões selvagens. Concordam com essa observação os estudos de Carlos Chagas e Neiva no Interior do paiz, que notaram que essa doença se encontra ao longo do percurso das estradas de ferro, isto é, invadiu o interior juntamente com o progresso, analogo ao que foi observado no Egypto.

Tudo leva, pois, a crér, que a syphilis no Brasil vem de torna-viagem. Assim pensa tambem o professor Rabello, segundo demonstrou em uma conferencia na Academia de Medecina, em 1917. O mesmo disse o Dr. Oscar Silva Araujo em suas conferencias na Argentina.

Dr. Nicolao Ciancio

AS FLORESTAS AMERICANAS E A DESTRUÇÃO PELO FOGO — O COMBATE AO FOGO — IMPORTANCIA DAS FLORESTAS

A area de florestas aproveitaveis em quasi todos os paizes civilizados vai sendo reduzida, cada anno, como consequencia natural da industrialização que marca o estagio actual de nossa evolução.

Os Estados Unidos foram particularmente abençoados pela natureza. Além de suas vastas possibilidades no commercio e na utilização immediata de suas madeiras, decorrentes, quer das facilidades de exploração, quer da predominancia de dois ou tres especimes vegetaes adaptados ás exigencias complexas da industria, o seu grande numero parecia indicar que o machado, o fogo e os cabos metallicos podiam continuar sua faina, sem esterilizar o territorio e o corpo geral da nação.

Assim, porém, não tem acontecido. Dos noventa milhões de acres que marcavam o total das florestas, no inicio de sua exploração, cerca de dois terços já foram arruinados, de forma que o numero correspondente aos massicos florestaes atinge, presentemente, uma cifra inferior.

O elemento que mais tem damnificado o mundo vegetal da America do Norte e, sem comparação, o fogo. Uma simples fagulha incendeia um mattagal, destruindo, em um minuto o trabalho de séculos.

Nos Estados Unidos, onde a maioria das construções depende da madeira, o risco de incendios cresce de uma maneira espantosa. Milhões de dollars se perdem annualmente, fructos criminosos que são da eterna estulticia e da imprevidencia do homem. A perda de florestas aproveitaveis pela accão imperdoavel do fogo tem sido a tal ponto alarmante, que os governos se viram coagidos a reunir congressos, com o fim de deliberarem sobre os possiveis meios de combater o fogo.

Diversas tentativas têm sido, desde então, planejadas. Medidas locaes e parciaes, no entanto, não conseguiram conjurar o mal, sendo obrigatoria a fundação de um sistema complexo, sub-dividido afim de obstar a marcha devastadora do maior inimigo das florestas americanas. Esta organização está sob as vistas directas dos governos, empregando nada menos de cinco mil individuos.

Há diversas categorias de individuos, desde o scientista, que se enterra no estudo dos phenomenos ocorridos no grande e mysterioso mundo vegetal, até o trabalhador manual, cuja função é estabelecer as linhas de isolação, ante as quaes parem as labaredas destruidoras.

A organização não foi estabelecida apenas para exercer sua actividade, quando o fogo já estiver em operação. Pelo contrario, sua maior attribuição consiste em se esforçar por banil-o, se possível, dos massicos florestaes da America.

As medidas preventivas, tales como patrulhas aereas, terrestres, estações de vigia e, principalmente, a educação do povo em assumptos florestaes, têm sua maxima actividade no proprio coração das mattas.

Quando, porém, uma espiral de fumo denunciar que o elemento destruidor iniciou sua obra, dá-se o alarme.

Tudo e todos a postos! Partem os aeroplanos, devassando e furando o espaço, para o local do incendio; os trabalhadores, aceleradamente, accorrem aos pontos indicados pelas patrulhas, aereas. Os automoveis fonfona incessantemen-

te, transportando equipamentos e mchismos, afim de debelar o fogo, que se alastrá, em um minuto. Não falta, sequer, o auxilio das linhas telephonicas que regulam a marcha das operaçoes.

Então, inicia-se o prelio do homem intelligente contra o fogo voraz. A agua combate a labareda; a astucia humana socorre os vegetaes, retorcendo-se em espasmos de dor! Uma hora de lucta, ás vezes, um dia inteiro e, não raro, a impotencia do homem para salvar os ricos thesouros naturaes, quasi sempre são o prologo deste combate, onde tombam tambem vidas humanas.

Na maioria dos casos, porém, o homem é vencedor.

As estatisticas, em 1920, demonstraram que de 6.078 incendios occorridos naquelle anno, 80 0|0 foram debelados.

Esta é a maior gloria da associação de combate ao fogo.

Quando se está na America é que se comprehende a importancia de suas flo-

restas. Um desastre, neste terreno, acarreta um formidavel collapso na vida commercial e economica. Assim se explica a importancia desta agremiação, de cujo esforço depende a conservação de muitos milhões de dollars.

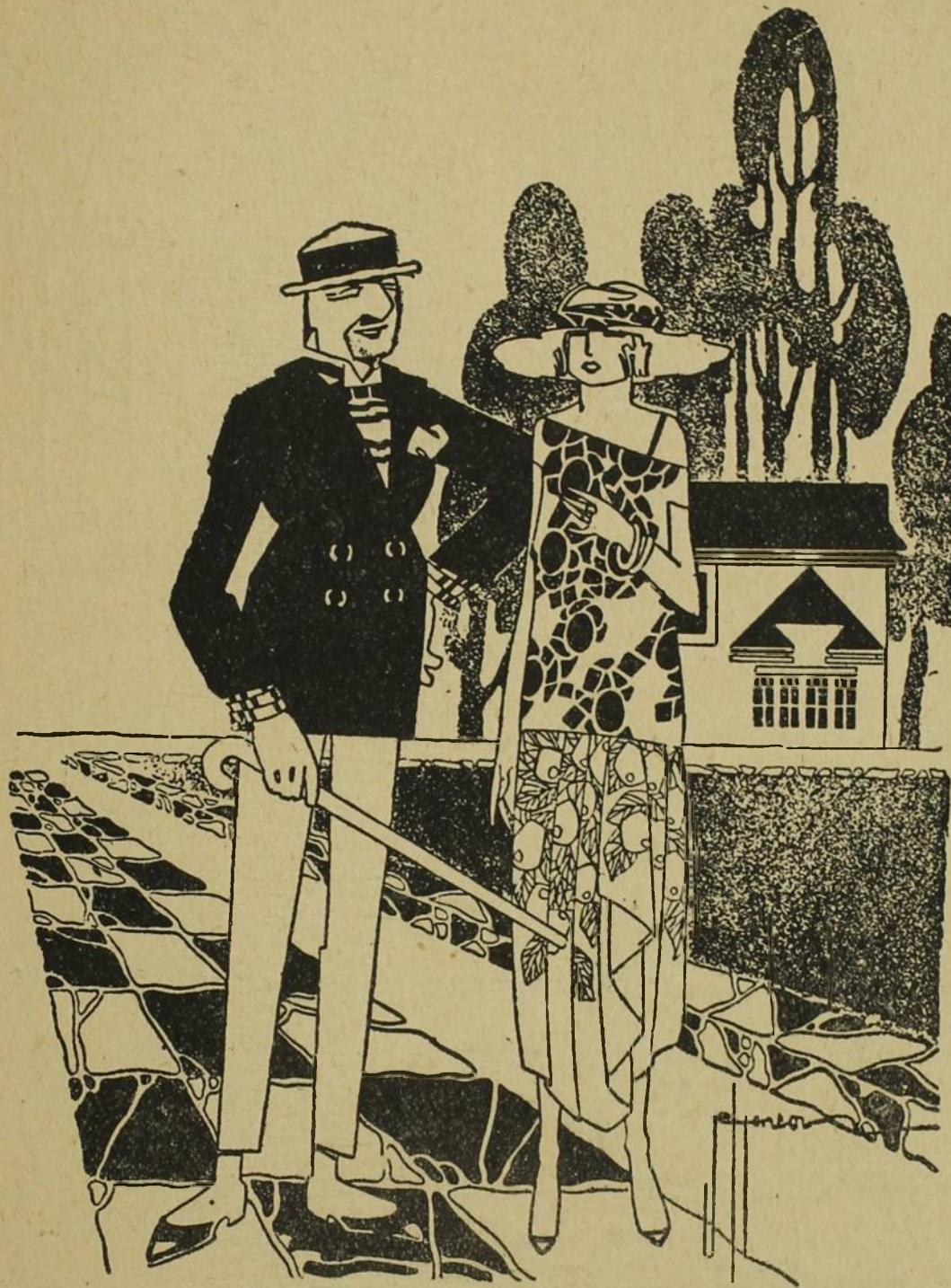
Bem poderíamos considerar este caso, não tentando implantar no Brasil uma organização semelhante, incompativel com as nossas finanças, mas esforçando-nos por praticar o nosso codigo florestal que, em theoria, é um bello attestado do modo pelo qual encaramos ás florestas nacionaes. Na maioria dos Estados, a situação florestal é bem mais critica do que na America. No entanto, nem uma só iniciativa patriotica que se anteponha ás correntes destruidoras da fertilidade de nossas terras e da regularidade do nosso clima!

Georgia — 1922.

Christovam Dantas.

AS CARICATURAS DO MEZ

AS BATALHAS DE CONFETTI



Ella — Você é frequentador assiduo?

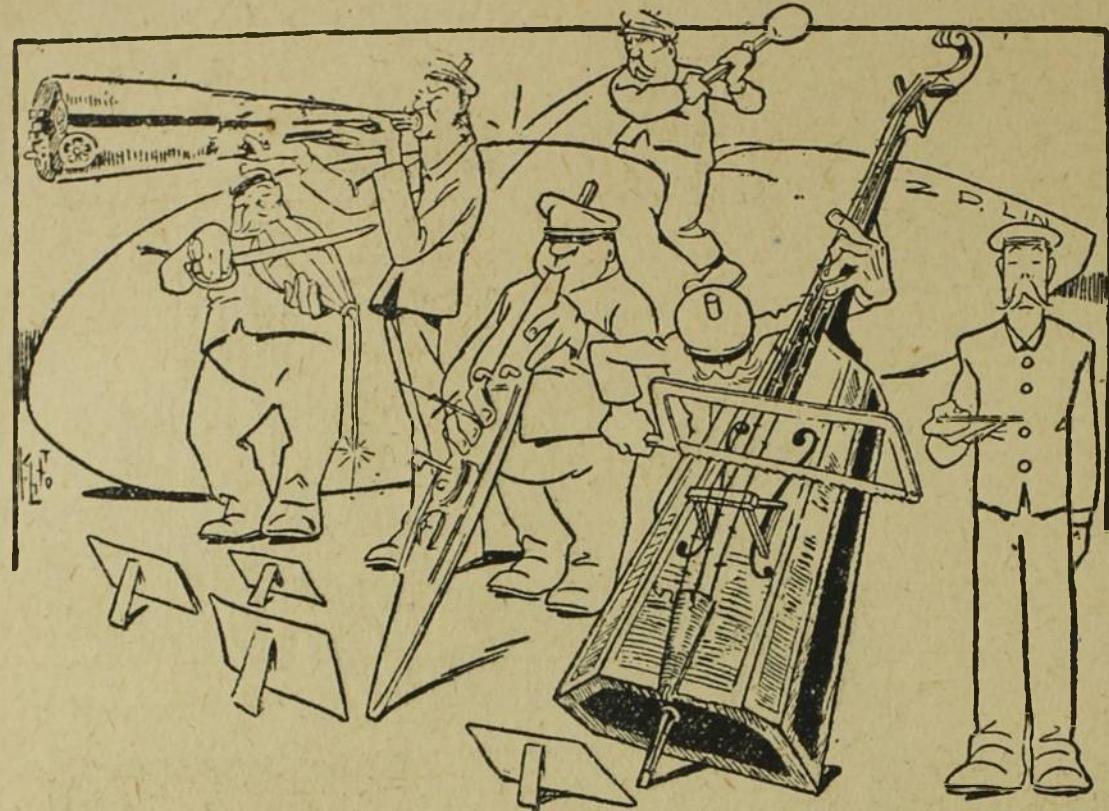
Elle — Assiduo.

Ella — Ainda não "perdeu" nenhuma?

Elle — Não. Mas tenho "morrido" em todas.

(D. QUIXOTE)

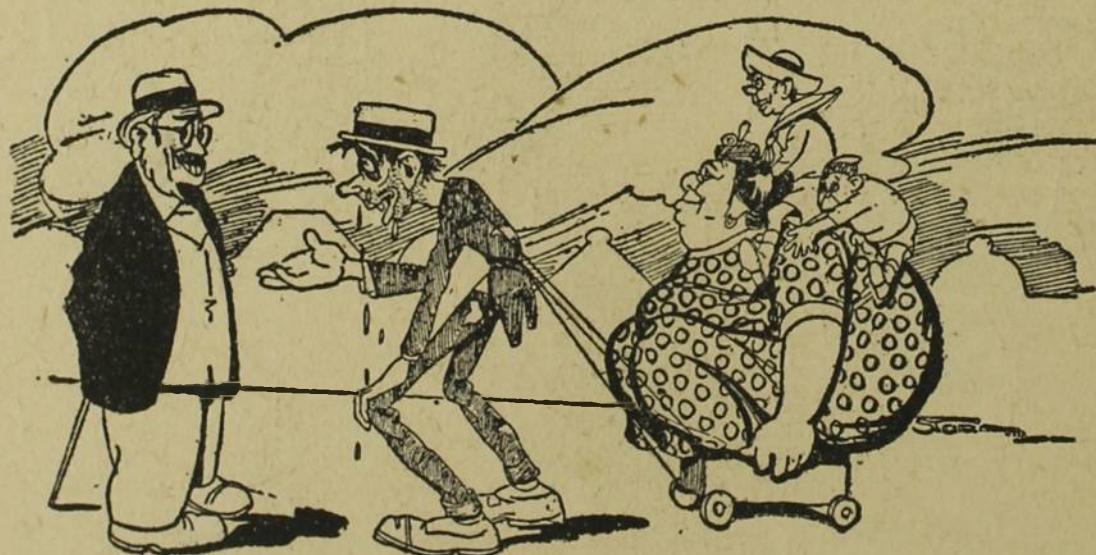
A NOVA INVASÃO



Antes do Brasil ter definido a sua attitude no caso
do Ruhr já a Allemânia invade o nosso territorio !

(D. QUIXOTE).

AS DEBEIS CORDAS DA LYRA...

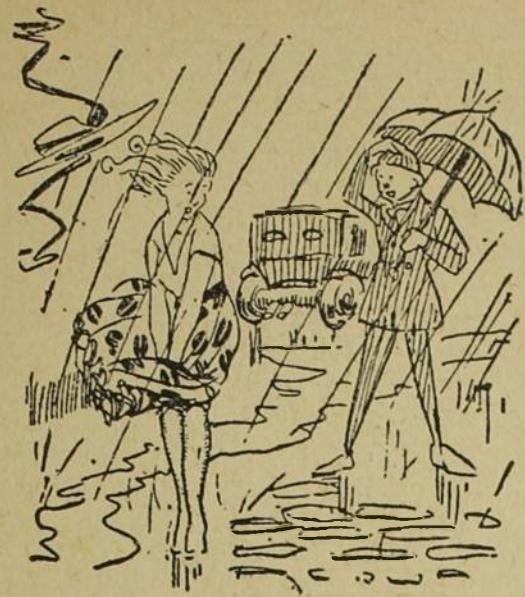


— Que cara desgraçada, Juvencio! Tiraste a sorte grande ou ingeriste
algum toxico ?

— Nada disso. Como sabes sou funcionario dos Correios, e fui
cortado na tabella Lyra...

(D. QUIXOTE).

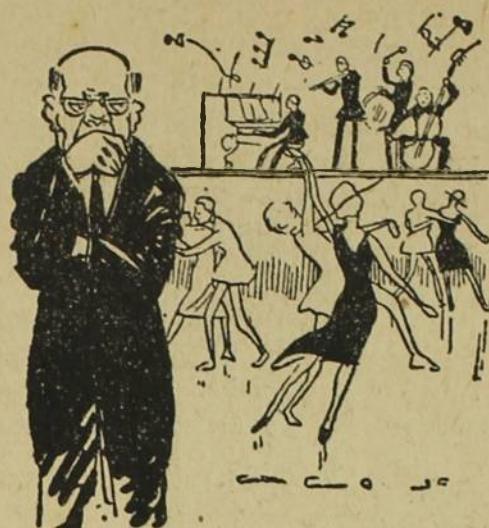
HAMLETO CHUVOSO



— Ophelia, vaes para algum,
com vento?

(D. Q'IXOTE)

UM PASSADISTA



— Essa tal de «jazz-band» e esse tal
de «fox-trot», dão ensejo a que «já se
debande» a «box-trote», que é como quem
diz, a trote de caixa. (D. QUIXOTE)

AGORA SIM!

Têm sido suprimidos os rápidos e
expressos mineiros.



— E' um homem de idéa o Caetano Lopes. Acabou com os atrasos de trens.
— Como?
— Quando vê que um trem não pôde correr no horário, manda suprimi-lo.
(D. QUIXOTE)

THEATRICES



— Você ouviu a leitura da ultima peça do dr. Carrapatoso?

— Não. A ultima «peça» que elle me pregou foi ha cerca de um anno e, depois disso... cortamos relações.

(D. QUIXOTE).

Holmberg, Bech & Cia. Lmtd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

Papel, materiaes para
construcción, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.

Acaba de sahir :

O BRASIL DE OUTRÓRA

luxuosa edição encadernada, com cerca de 400 paginas.
E' um trabalho de real valor historico, organizado pelo

Professor ASSIS CINTRA

Preço 25\$000

Pedidos aos Editores:

Monteiro Lobato & Cia. - Rua Gusmões, 70 - São Paulo

LOTERIA DE S. PAULO

SextaFeira, 16 de Fevereiro

60:000 \$ 000

Por 9\$000

Os bilhetes já estão á venda
em todas as casas lotericas

Novidade Litteraria

O PALANQUIM DOURADO

romance de MARIO SETTE com ilustrações
de Wasth Rodrigues. — Edição do Centenario

Preço do volume em papel optimo, capa illustrada ... 5\$000

A Venda na Revista do Brasil.

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

— III —

MONTEIRO LOBATO — <i>Onda Verde</i> , 2. ^a edição	4\$000
<i>A menina do narizinho arrebitado</i> , album, 2. ^a edição	3\$500
<i>O Marquez de Rabicó</i> , album 1. ^a edição	2\$000
<i>Negrinha</i> , contos, edição popular	1\$500
ALBERTO SEABRA — <i>Hygiene e tratamento homeopathic das doenças domesticas</i> , encadernado	8\$000
<i>Phenomenos psychicos</i> , estudos	3\$000
ALOYSIO DE CASTRO — <i>Palavras de um dia e de outro</i> , allocuções	4\$000
RIBEIRO COUTO — <i>O crime do estudante Baptista</i> , contos	4\$000
RAOUL POLLILLO — <i>A dança do fogo</i> , romance	5\$000
MENOTTI DEL PICCHIA — <i>O Homem e a Morte</i> , romance	4\$000
LEOPOLDO PEREIRA — <i>S. Paulo nos tempos coloniaes</i> , tradução da obra de Saint-Hilaire	4\$000
CHRYSANTHÉME — <i>Gritos femininos</i> , contos	4\$000
MUCIO DA PAIXÃO — <i>Typos, curiosidades, exquisitices dos homens celebres</i>	3\$000
SERAPHIM FRANÇA — <i>Cantos da linda terra dos pinheiros</i> , versos	3\$000
PEDRO SATURNINO — <i>Grupiaras</i> , versos	3\$000
LEONARDO PINTO — <i>Conjuncções</i> , edição escolar	2\$500
LUCILO VAREJÃO — <i>De que morreu João Feital</i> , romance	4\$000
LIMA BARRETO — <i>Vida e Morte de Gonzaga de Sá</i> , do grande escriptor ha pouco falecido	2\$000

Rua dos Gusmões, 70

CAIXA 2-B - S. PAULO

DIABETOS

é preciso combater a perda de assucar, tonificar o organismo, regularizar as funções dos orgãos internos essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a função digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA

heroico medicamento composto de plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá**

São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

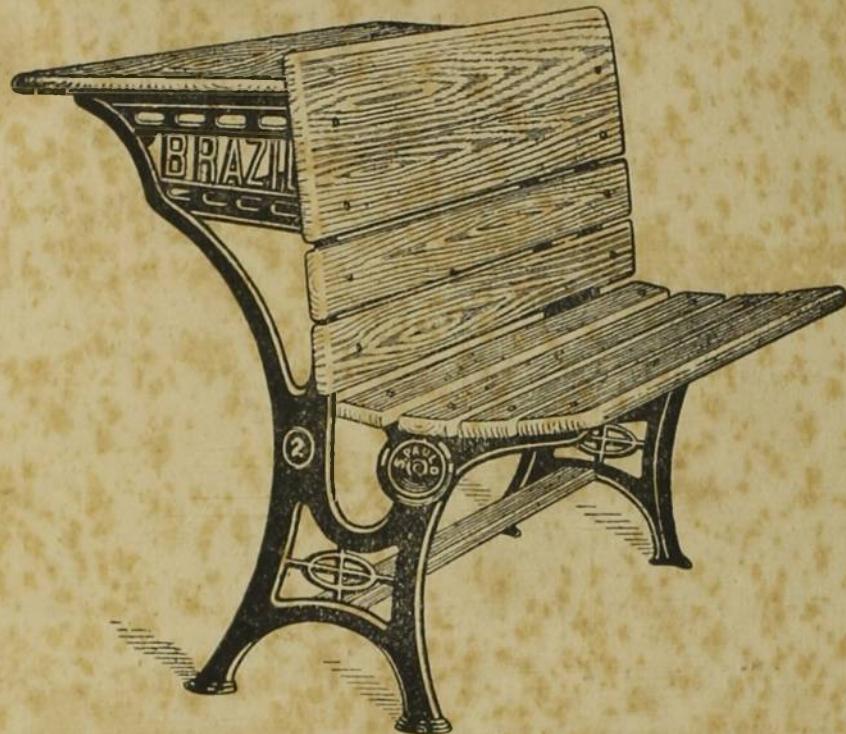
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á

FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES

"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

SÃO PAULO